

15-16.07.26

SE DA

**SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E
TESES EM ANDAMENTO DO PPG
EM LETRAS DA
UEL**



PPGL
Programa de
Pós-graduação em Letras



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**



EXPEDIENTE

Universidade Estadual de Londrina
Centro de Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Letras
Rodovia Celso Garcia Cid (PR 445), km 380
CX 10.011 – CEP 86057-970 – Londrina/PR
Seminário de Dissertações e Teses em Andamento
15 e 16/07/2026 – 1ª edição

REALIZAÇÃO

PPG em Letras da UEL

COORDENAÇÃO

Ellen Mariany da Silva Dias

E-MAIL

seda.resumos2026@gmail.com

COMISSÃO

Alexandre Leidens
Amanda Damasio Teixeira
Amanda Machado Sorgi
Ana Cristina Pereira
Ana Paula Silva
Antonio Martins da Silva Jr
Caio Augusto de Souza
Caio José Fontequê Gaspar
Carolina M. do Nascimento

Diogo Pablos Florian
Douglas A. de Santana
Francesco Carlo Turilli
Gabriella Ferrajam Barbari
Giovane Mossambani
Isadora Zurlo Nogueira
Izabelle S. L. Nóbrega
João Pedro Conchon
Kelvin Domingos Mendes
Laura Regina Carneiro Lugão

Lucélia Canassa
Malu Monteiro Storer
Maria Fernanda B. de Assis
Maria Izabel de Oliveira
Matheus Oliveira da Silva
Matheus Willian Migotto
Valdir Heitkoeter de Melo Jr
Vitória Carolina Marinho
Vivian Batista Gombi

SUMÁRIO



apresentação

04

cronograma
de arguições

05

13 caderno
de resumos

APRESENTAÇÃO

O SEDA é uma atividade do PPGL regularmente ofertada a cada semestre. É a oportunidade para que as(os) pós-graduandas(os) exponham os trabalhos em andamento, de forma que os outras(os) alunas(os) possam conhecer as pesquisas de suas(seus) colegas. O formato é o de apresentação de resultados parciais pelo discente, acompanhada(o) de sua(seu) orientador(a). Essa exposição é articulada com comentários críticos efetuados por outra(o) docente do PPGL, que atua como debatedor(a). É atividade obrigatória para discentes matriculadas(os) nas disciplinas de Colóquio de Pesquisa, sendo que mestrandas(os) matriculadas(os) no primeiro semestre participam apenas como ouvintes, sem apresentar trabalhos.

A participação das(os) bolsistas escaladas(os) para a comissão é obrigatória na execução do evento e a das(os) demais mestrandas(os) e doutorandas(os) do PPGL, como ouvintes, é importante e bem-vinda. O SEDA 2026/1 será presencial e ocorrerá na Sala de Eventos do CCH nos períodos matutino e vespertino.

Um excelente evento a todas(os)!



**Comissão
organizadora**

CRONOGRAMA DE ARGUIÇÕES

QUARTA

15.07

**9h00
9h10**

Boas-vindas e instruções



Discente



Orientação



Arguição

**9h10
9h40**

**Francesco Carlo
Turilli**

**Cláudia Camardella
Rio Doce**

**Cláudia Cristina
Ferreira**

**9h40
10h10**

**Jéssica Larissa Pais
dos Santos**

**Cláudia Cristina
Ferreira**

**Cláudia Camardella
Rio Doce**

**10h10
10h30**

Coffee break

CRONOGRAMA DE ARGUIÇÕES

QUARTA

15.07



Discente



Orientação



Arguição

**10h30
11h00**

**Matheus Oliveira da
Silva**

**Ellen Mariany da
Silva Dias**

**Barbara Cristina
Marques**

**11h00
11h30**

**Kelvin Pablo
Domingos Mendes**

**Barbara Cristina
Marques**

**Ellen Mariany da
Silva Dias**

**11h30
12h00**

Ana Paula Silva

**Silvio Cesar dos
Santos Alves**

**Ellen Mariany da
Silva Dias**

CRONOGRAMA DE ARGUIÇÕES

QUARTA 15.07

**12h00
13h30** Intervalo de almoço



Discente



Orientação



Arguição

**13h30
14h00** Ana Cristina Pereira
da Silva

**Frederico Garcia
Fernandes**

**Rodolfo Rorato
Londero**

**14h00
14h30** Valdir Heitkoeter de
Melo Junior

Marta Dantas

**Frederico Garcia
Fernandes**

**14h30
15h00** Mateus José
Guimarães de Abreu

Marta Dantas

**Rodolfo Rorato
Londero**

CRONOGRAMA DE ARGUIÇÕES

QUARTA

15.07

15h00
15h20

Lançamento de Livro prof. Alimir

15h20
15h40

Coffee break



Discente



Orientação



Arguição

15h40
16h10

**Eloisa Marques dos
Santos**

Marta Dantas

**Barbara Cristina
Marques**

16h10
16h40

**Athalya Gabriela
Santos Quinaglia**

Laura Taddei Brandini

**Miguel Heitor Braga
Vieira**

CRONOGRAMA DE ARGUIÇÕES

QUINTA

16.07

**8h40
9h10** Relato de experiência PDSE



Discente



Orientação



Arguição

**9h10
9h40** Beatriz Karolyne
Momesso Santos

Telma Maciel da Silva

Maria Carolina de
Godoy

**9h40
10h10** Laura Regina Carneiro
Lugão

Maria Carolina de
Godoy

Suely Leite

**10h10
10h30** Coffee break

CRONOGRAMA DE ARGUIÇÕES

QUINTA

16.07



Discente



Orientação



Arguição

**10h30
11h00**

**Gabriella Correa
FerraJam Barbari**

**Ellen Mariany da
Silva Dias**

Suely Leite

**11h00
11h30**

Jamila Zahara Juny

Telma Maciel da Silva

**Silvio Cesar dos
Santos Alves**

**11h30
12h00**

Giulia Armagno Liuti

Telma Maciel da Silva

**Silvio Cesar dos
Santos Alves**

CRONOGRAMA DE ARGUIÇÕES

QUINTA

16.07

**12h00
13h30** Intervalo de almoço



Discente



Orientação



Arguição

**13h30
14h00** Alexandre Leidens

Miguel Heitor Braga
Vieira

Regina Célia dos
Santos Alves

**14h00
14h30** Matheus Willian
Migotto

Miguel Heitor Braga
Vieira

Luiz Carlos Migliozi

**14h30
15h00** Diogo Pablos Florian

Miguel Heitor Braga
Vieira

Gustavo Javier
Figliolo

CRONOGRAMA DE ARGUIÇÕES

QUINTA 16.07

**15h00
15h20**

Lançamento de Livro prof. Gustavo

**15h20
15h40**

Coffee break



Discente



Orientação



Arguição

**15h40
16h10**

**Caio Augusto de
Souza**

**Gustavo Javier
Figliolo**

**Miguel Heitor Braga
Vieira**

**16h10
16h40**

Lucélia Canassa

**Maria Carolina de
Godoy**

Luiz Carlos Migliozi

**16h40
16h50**

Encerramento

SEDA

CADERNO DE RESUMOS



IMAGEM, MONTAGEM E EXPERIÊNCIA MODERNA NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE PATRÍCIA GALVÃO

Francesco Carlo Turilli (Doutorado)

Cláudia Camardella Rio Doce (Orientadora)

3º semestre – Previsão de defesa: dez/2028

A presente pesquisa propõe uma leitura da produção literária em sentido estrito de Patrícia Galvão a partir das relações entre experiência moderna, imagem e montagem, tomando como corpus principal três momentos distintos de sua trajetória: *Parque industrial*, romance proletário publicado em 1933 sob o pseudônimo de Mara Lobo; os contos policiais assinados por King Shelter e publicados ao longo de 1944 na revista *Detective*, posteriormente recolhidos de forma parcial na coletânea *Safrá macabra*; e *A famosa revista*, romance escrito em colaboração com Geraldo Ferraz e publicado em 1945. A delimitação desse conjunto textual parte da necessidade de estudar Pagu para além da cristalização biográfica que frequentemente a reduziu à condição de musa modernista, militante revolucionária ou figura de escândalo, buscando compreender de que modo sua produção literária, embora relativamente breve quando considerada em termos estritos, atravessa gêneros, pseudônimos, posições autorais e momentos políticos contrastantes para investigar, em chave literária, diferentes modos de perceber, desestabilizar e recompor a experiência histórica do mundo moderno. A tese que orienta o trabalho é a de que esses textos devem ser compreendidos como momentos de um percurso literário não linear, marcado por inflexões formais, autorais e políticas sucessivas, e atravessado por uma mesma problemática crítica: a relação entre imagem, montagem e organização do visível. Em *Parque industrial*, essa problemática aparece no interior da cidade industrial e proletária, onde a narrativa desestabiliza o olhar dominante por meio de imagens insurgentes, corporais e fragmentárias; nos contos policiais de King Shelter, ela se reorganiza em direção quase inversa, pois o olhar investigativo recolhe indícios, interpreta vestígios e reconduz a desordem do crime a uma forma de inteligibilidade racional; em *A famosa revista*, por fim, ela assume uma configuração político-midiática, na qual a tentativa de recompor a crise por meio da propaganda, da disciplina partidária e da burocratização da militância acaba

produzindo uma nova forma de captura da imagem política. O *fil rouge* da pesquisa, portanto, será a análise de um movimento mais amplo, no qual a literatura de Pagu acompanha diferentes destinos da imagem na modernidade: sua força insurgente e subversiva, sua racionalização investigativa e sua administração ideológica. Cada obra reorganiza, segundo seu próprio *modus operandi*, as tensões entre corpo, técnica, percepção e poder, permitindo compreender a trajetória literária da autora como uma reflexão progressiva sobre os modos pelos quais o mundo moderno torna visível, ordena ou neutraliza aquilo que ele mesmo produz como crise. A fundamentação teórica partirá principalmente das reflexões de Walter Benjamin sobre a crise da experiência, a vivência do choque, a metrópole, o cinema, a montagem e a transformação histórica da percepção, com especial atenção a textos como *Sobre alguns temas em Baudelaire*, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* e *O surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia*. A partir desse quadro, a modernidade será compreendida como uma experiência marcada pela dissolução da continuidade, pela intensificação dos estímulos e pela substituição da experiência acumulável por vivências fragmentárias, ao mesmo tempo em que a montagem será pensada como uma resposta estética capaz de transformar essa fragmentação em forma crítica. Nesse sentido, a aproximação com Eisenstein permitirá precisar a montagem como justaposição conflitiva de imagens e produção ativa de sentido, enquanto os estudos contemporâneos de cultura visual, especialmente a partir de Michele Cometa, Nicholas Mirzoeff, Laura Mulvey, Donna Haraway e Valeria Cammarata, ajudarão a deslocar o problema para o campo dos regimes de visualidade, da visão situada, da agência do olhar e da disputa política pelo direito de ver e de ser visto. Trata-se, assim, de articular Benjamin e cultura visual em uma mesma constelação crítica: de um lado, a modernidade como transformação histórica do *sensorium*; de outro, a visualidade como campo socialmente organizado, no qual corpo, classe, gênero, técnica e poder definem as condições de aparição dos sujeitos. No caso de *Parque industrial*, a pesquisa pretende aprofundar a leitura do romance como escrita de choque e contravisão. Sua forma fragmentária, marcada por cenas breves, cortes bruscos, aceleração rítmica e acumulação de imagens, aproxima-se da montagem cinematográfica e desestabiliza o olhar realista e burguês: fábrica, rua, máquina, resíduos urbanos e corpos femininos exaustos compõem uma visualidade materialmente ativa, que confronta a estetização abstrata do trabalho

e reinscreve a exploração no plano sensível. A força política do romance, portanto, ultrapassa a denúncia temática da condição proletária, pois se constitui na própria organização formal do visível: em lugar de uma imagem utópica ou contemplativa da revolução, Pagu constrói imagens concretas, agressivas e corporais, capazes de submeter o leitor a uma experiência perceptiva de choque. À luz do ensaio benjaminiano sobre o surrealismo, esse aspecto se torna particularmente produtivo, pois permite opor às imagens frágeis ou moralizadas de certa intelectualidade de esquerda uma imagem política enraizada na matéria histórica, na experiência do corpo e na violência cotidiana da modernidade industrial. Nos contos policiais de King Shelter, a pesquisa examinará uma inflexão diversa, mas igualmente moderna: Pagu passa a operar dentro de um gênero ligado à cultura de massa, à serialidade, à imprensa popular e à racionalidade investigativa, apropriando-se de convenções da narrativa policial. Nesse segundo momento, a imagem deixa de funcionar prioritariamente como choque proletário e passa a operar como indício: o olhar investigativo recolhe fragmentos, interpreta sinais, organiza vestígios e reconduz a desordem do crime a uma forma de inteligibilidade, instaurando uma modernidade visual fundada na prova, na pista, na observação e na recomposição racional do mundo. Será necessário considerar, nesse ponto, a publicação original dos doze contos na revista *Detective*, entre junho e dezembro de 1944, bem como a edição parcial de *Safra macabra*, que recolhe apenas nove desses textos: a eventual localização e análise dos três contos não incluídos na coletânea poderá constituir um desdobramento arquivístico importante da pesquisa, permitindo reconstruir com maior precisão o corpus King Shelter e repensar o lugar da literatura policial no percurso literário de Pagu. Em *A famosa revista*, por fim, a análise se deslocará para uma etapa posterior da produção literária da autora, marcada pela escrita a quatro mãos com Geraldo Ferraz e pela publicação sob o nome civil de Patrícia Galvão, circunstância que introduz uma nova configuração da autoria. A obra será lida como o momento em que a imagem política, anteriormente mobilizada como choque e contravisão, aparece tensionada pela propaganda, pela burocracia e pela administração ideológica da experiência: a Revista, compreendida como metáfora de um aparelho político-midiático, condensa partido, imprensa, palavra de ordem, disciplina, crise da subjetividade militante e esvaziamento das promessas revolucionárias. Desse modo, o romance de 1945 poderá ser interpretado como uma reflexão literária sobre a falência de certas imagens modernas de emancipação, agora capturadas

por mecanismos institucionais que transformam o impulso revolucionário em dispositivo de controle. A pesquisa pretende, portanto, alcançar três resultados principais: demonstrar que a produção literária de Pagu constitui um percurso articulado por diferentes formas da experiência moderna; evidenciar que imagem e montagem funcionam como procedimentos centrais de sua escrita; e propor uma leitura capaz de integrar romance proletário, narrativa policial e romance político-midiático dentro de uma mesma problemática crítica, sem apagar as diferenças formais e históricas entre eles. Como materiais de apoio, a escrita autobiográfica e memorialística, sobretudo a carta-depoimento publicada posteriormente sob o título de *Autobiografia precoce*, e a ampla produção jornalística da autora serão mobilizadas para compreender deslocamentos políticos, afetivos e intelectuais de sua trajetória, evitando reduzir a análise literária a causalidades biográficas. Dessa forma, o trabalho procurará demonstrar que Pagu atravessa, afastando-se de qualquer imagem homogênea de si mesma, diferentes projetos formais e diferentes regimes da modernidade: da imagem concreta da exploração industrial à imagem indiciária do crime, chegando à imagem política capturada pela propaganda, pela burocracia e pelos mecanismos modernos de mediação ideológica.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 3).

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, v. 2).

BOILEAU, Pierre; NARCEJAC, Thomas. *O romance policial*. Tradução de Valter Kehdi. São Paulo: Ática, 1991.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

BUCK-MORSS, Susan. Estética e anestética: o “ensaio sobre a obra de arte” de Walter Benjamin reconsiderado. Tradução de Rafael Lopes Azize. *Travessia: Revista de Literatura*, Florianópolis, n. 33, p. 11-41, ago./dez. 1996.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CAMMARATA, Valeria. *Breve storia femminile dello sguardo*. Palermo: Istituto Poligrafico Europeo, 2014.

CAMMARATA, Valeria. *Donne al microscopio: un’archeologia dello sguardo femminile*. Pisa: Edizioni ETS, 2013.

CAMPOS, Augusto de (org.). *Pagu: vida-obra*. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

COMETA, Michele. *Cultura visuale*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2020.

COMETA, Michele; COGLITORE, Roberta; CAMMARATA, Valeria (org.). *Cultura visuale in Italia: immagini, sguardi, dispositivi*. Milano: Meltemi, 2022.

EISENSTEIN, Sergei. *A forma do filme*. Tradução de Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. *Pagu, Patrícia Galvão: livre na imaginação, no espaço e no tempo*. Santos: UNISANTA, 1989.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira; FERRAZ, Geraldo Galvão. *Viva Pagu: fotobiografia de Patrícia Galvão*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Santos: Editora UNISANTA, 2010.

GALVÃO, Patrícia. *Até onde chega a sonda: escritos prisionais*. Organização de Silvana Jeha. Prefácio de Eloah Pina e Silvana Jeha. São Paulo: Fósforo, 2023.

GALVÃO, Patrícia. *Autobiografia precoce*. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

GALVÃO, Patrícia. *Parque industrial*. Prefácio de Geraldo Galvão Ferraz. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GALVÃO, Patrícia. *Safrá macabra*. São Paulo: Editora Cintra, 2019.

GALVÃO, Patrícia; FERRAZ, Geraldo. *A famosa revista*. São Paulo: Cintra, 2019.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1974.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

MANDEL, Ernest. *Delícias do crime: história social do romance policial*. Tradução de Nilton Goldmann. São Paulo: Busca Vida, 1988.

MIRZOEFF, Nicholas. The right to look. *Critical Inquiry*, Chicago, v. 37, n. 3, p. 473-496, 2011.

MITCHELL, W. J. T. *What do pictures want? The lives and loves of images*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

MULVEY, Laura. Visual pleasure and narrative cinema. *Screen*, Oxford, v. 16, n. 3, p. 6-18, 1975.

REZENDE, Maria Valéria. *Patrícia Galvão: Pagu, militante irreduzível*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A atualidade de Walter Benjamin e Theodor W. Adorno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TEIXEIRA, Lúcia (org.). *Os cadernos de Pagu: manuscritos de Patrícia Galvão*. 1. ed. São Paulo: Nocelli; Santos: Unisanta, 2023.

O INSÓLITO COMO METÁFORA DO AMADURECIMENTO FEMININO: UMA ANÁLISE DE CORALINE, CHIHIRO E ANYA

Jéssica Larissa Pais dos Santos (Mestrado)

Cláudia Cristina Ferreira (Orientadora)

3º semestre – Previsão de defesa: fev/2027

O presente trabalho propõe análise do insólito como metáfora do amadurecimento feminino em diferentes obras e em mídias diferentes sendo elas: o livro *Coraline* (2002), de Neil Gaiman, a animação *A Viagem de Chihiro* (2001), de Hayao Miyazaki, e o quadrinho *O Fantasma de Anya* (2011), de Vera Brosgol. A pesquisa parte da hipótese de que o fantástico contemporâneo, ao introduzir elementos sobrenaturais em contextos reconhecíveis e cotidianos, funciona como um dispositivo simbólico para representar os conflitos internos e sociais enfrentados por meninas durante a transição da infância para a adolescência. Questões como autonomia, identidade, pertencimento, relação com a família e aceitação social são materializadas por meio de figuras monstruosas, mundos paralelos, espíritos e duplos fantasmagóricos. Assim, o insólito não atua apenas como elemento estético, mas como linguagem narrativa capaz de tornar visíveis processos subjetivos de crescimento. A escolha das três obras partiu inicialmente pelo seu caráter infanto juvenil e protagonismo feminino, além de seguir uma estrutura narrativa semelhante, o insólito surge numa quebra de suas vidas e as protagonistas precisam resolver esses problemas amadurecendo no processo. A fundamentação teórica baseia-se principalmente na concepção do fantástico, elaborada por David Roas (2014). Para o autor, no fantástico ocorre uma transgressão das leis do real que ameaça a estabilidade do mundo conhecido. O efeito fantástico depende da construção de uma realidade próxima da experiência do leitor para, em seguida, introduzir um elemento impossível que desestabilize as certezas sobre o que é real. Essa ruptura produz inquietação, dúvida e estranhamento, afetando tanto as personagens quanto o leitor. David Roas, David Roas, afirma também, sobre o insólito contemporâneo, que a figura antes considerada monstruosa passa a ser usada e interpretada no formato de críticas a situações reais. Nas obras analisadas, o sobrenatural surge precisamente nesse ponto de tensão entre o cotidiano e o impossível, revelando fissuras nas

identidades das protagonistas e desencadeando processos de transformação. Em *Coraline*, o insólito manifesta-se a partir de um ambiente inicialmente banal: a mudança para uma nova casa e a sensação de negligência por parte dos pais. A descoberta de uma pequena porta conduz a protagonista a um mundo paralelo que reproduz sua realidade, porém de forma sedutora e excessivamente perfeita. A Outra Mãe oferece atenção, comida, diversão e afeto, funcionando como uma caricatura da maternidade idealizada. Entretanto, os botões no lugar dos olhos revelam o caráter perturbador dessa figura. A ameaça do fantástico reside justamente na dificuldade de distinguir desejo e perigo. Coraline precisa abandonar a posição passiva da infância para exercer julgamento crítico e resistência diante da sedução do mundo alternativo. O amadurecimento ocorre quando ela compreende que a perfeição absoluta representa perda de liberdade e de identidade. Ao escolher retornar ao mundo imperfeito, mas real, a protagonista afirma sua autonomia e reconhece a complexidade das relações familiares. Em *A Viagem de Chihiro*, o fantástico assume proporções mais amplas. Chihiro é arrancada de sua rotina ao estar se mudando e deixando tudo que conhece para trás. E ao atravessar um espaço liminar e entrar no mundo dos espíritos, junto à transformação de seus pais em porcos, simboliza a ruptura definitiva com a segurança infantil. O universo governado por Yubaba opera segundo regras desconhecidas, exigindo adaptação e trabalho. Um dos aspectos centrais da narrativa é a perda do nome da protagonista, reduzida a “Sen”, gesto que representa a fragilidade da identidade diante das estruturas de poder. Ao longo da trajetória, Chihiro aprende a trabalhar, fazer escolhas, ajudar os outros e confiar em suas próprias capacidades. O sobrenatural não funciona apenas como cenário exótico, mas como mecanismo de desestabilização que obriga a protagonista a construir uma nova relação consigo mesma. A recuperação de seu nome ao final simboliza a reconquista da identidade após a experiência transformadora. O amadurecimento, nesse caso, decorre da capacidade de atravessar o estranho sem perder completamente a si mesma. Já em *O Fantasma de Anya*, o insólito é mais íntimo e psicológico. A protagonista é uma adolescente insegura, estrangeira e preocupada com aparência, popularidade e aceitação social. O encontro com o fantasma de Emily, inicialmente percebido como uma oportunidade de melhorar sua vida, gradualmente revela aspectos inquietantes. A figura fantasmagórica funciona como um duplo que espelha desejos reprimidos, ressentimentos e fantasias de pertencimento. Diferentemente das outras obras, em que o

sobrenatural se manifesta em mundos paralelos ou espirituais, aqui ele infiltra-se diretamente no cotidiano escolar e familiar. A presença do fantasma evidencia a pressão social sobre a construção da identidade feminina na adolescência. À medida que Anya percebe a manipulação exercida por Emily, torna-se necessário distinguir seus próprios desejos das expectativas externas. O amadurecimento ocorre quando ela abandona a ilusão de uma solução fácil para seus problemas e passa a aceitar suas imperfeições e relações reais. A comparação entre as três narrativas revela padrões significativos. Em todas elas, o insólito surge como força desestabilizadora que rompe a segurança da infância. Coraline atravessa uma porta; Chihiro cruza um limite entre mundos; Anya encontra um fantasma em um poço. Esses eventos inauguram experiências liminares nas quais as protagonistas confrontam medos, desejos e conflitos identitários. O fantástico, portanto, não aparece como mera aventura, mas como espaço simbólico de transformação subjetiva. Outro elemento comum é a presença de figuras que refletem ou distorcem aspectos da identidade das protagonistas: a Outra Mãe em *Coraline*, Yubaba em *A Viagem de Chihiro* e Emily em *O Fantasma de Anya*. Essas figuras funcionam como espelhos deformados que obrigam as personagens a definir quem desejam ser. Para aprofundar a dimensão feminina dessas representações, é pertinente recorrer aos estudos sobre o fantástico de autoria feminina sistematizados por Carniel (2020) a partir da pesquisa de Paula Júnior (2011). As autoras destacam temas recorrentes como metamorfose, busca identitária, fragmentação do eu e desdobramento da personalidade. Tais categorias ajudam a compreender por que o sobrenatural é particularmente eficaz para narrar experiências de crescimento feminino. A adolescência é marcada por transformações corporais, emocionais e sociais que frequentemente produzem sensação de estranhamento em relação ao próprio corpo e à própria identidade. O fantástico traduz esse estranhamento em imagens concretas: olhos de botão, perda do nome, fantasmas que acompanham a protagonista. Dessa forma, o insólito externaliza conflitos internos que poderiam permanecer abstratos. Além disso, as três obras apresentam o amadurecimento como processo ambíguo. Não há retorno simples à inocência infantil. Coraline volta para casa, mas transformada; Chihiro retorna ao mundo humano, mas carrega a memória da travessia; Anya continua adolescente, porém com maior consciência de si mesma. O crescimento implica reconhecer que o mundo é imperfeito, contraditório e, em certa medida, ameaçador. A autonomia conquistada pelas

protagonistas não decorre da eliminação do estranho, mas da capacidade de conviver com ele sem ser dominada por suas ilusões. Conclui-se que o insólito, nas narrativas analisadas, opera como metáfora poderosa do amadurecimento feminino contemporâneo. A irrupção do fantástico desestabiliza a realidade cotidiana e obriga as protagonistas a enfrentar questões de identidade, pertencimento, desejo e responsabilidade. Coraline aprende a distinguir proteção de controle; Chihiro descobre sua força e recupera sua identidade; Anya confronta suas inseguranças e rejeita soluções ilusórias. Em todos os casos, o sobrenatural materializa conflitos subjetivos e sociais, tornando visível o processo de crescimento. Assim, o fantástico contemporâneo revela-se menos um território de fuga da realidade e mais um instrumento crítico para explorar as complexidades da experiência feminina na passagem da infância para a adolescência.

BIBLIOGRAFIA

A VIAGEM de Chihiro. Direção: Hayao Miyazaki. Produção: Toshio Suzuki. Tóquio: Studio Ghibli, 2001.

CARNIEL, Aline. *O fantástico de autoria feminina: identidade, metamorfose e subjetividade*. 2020.

GAIMAN, Neil. *Coraline*. New York: HarperCollins, 2002.

BROSGOL, Vera. *Any's Ghost*. New York: First Second Books, 2011.

ROAS, David. *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PAULA JÚNIOR, Maria de. *O fantástico feminino contemporâneo: figurações do insólito e da identidade*. Tese (Doutorado), 2011.

DEVORAR: FEMINILIDADES EM CLARICE LISPECTOR E ADRIANA VAREJÃO

Matheus Oliveira da Silva (Mestrado)

Ellen Mariany Silva Dias (Orientadora)

3º semestre – Previsão de defesa: fev/2027

A figura feminina tem sido representada de diversas formas ao longo do tempo nas artes, o que torna essencial o seu estudo. Ao analisar essas representações, é possível questionar os padrões de feminino e de feminilidade estabelecidos, em sua maioria, a partir do ponto de vista masculino. No âmbito da literatura, especialmente no gênero romance de mocinha — frequentemente associado à narrativa de massa —, observa-se a recorrência de estruturas narrativas que retomam e reelaboram elementos dos contos de fadas. Conforme aponta Carvalho (2007), tais narrativas tendem a apresentar personagens femininas pouco complexas, frequentemente situadas em posição secundária, enquanto a figura masculina assume o papel de guia, detentor da experiência e do saber. Desse modo, nota-se que há uma padronização de comportamentos fortemente ligados à sociedade pequeno-burguesa e à lógica patriarcal que a sustenta. Partindo dessas considerações, este trabalho propõe uma análise interartes de dois romances de Clarice Lispector — *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* (1969) e *A paixão segundo G.H.* (1964) — em diálogo com a série *Carnívoras* (2008 e 2012), da artista plástica Adriana Varejão. Busca-se investigar os pontos de contato entre literatura e artes visuais, considerando, de forma comparativa, os diferentes procedimentos artísticos e o modo como essas produções elaboram representações do feminino que questionam seu lugar social e simbólico. Nesse sentido, parte-se da hipótese de que tanto Lispector quanto Varejão se apropriam de elementos tradicionais associados ao feminino e às feminilidades para, por meio de estratégias de dissimulação, subverter modelos hegemônicos e propor novas formas de representação — formas que escapam à domesticação patriarcal e ao controle do olhar masculino — e, também, problematizar estruturas sociais mais amplas, como, por exemplo, a expectativa social sobre o feminino, estruturas e expectativas sociais que, aqui, compreendemos como feminilidades, as quais o feminino de Lispector e de Varejão adere ou não. A escolha dos dois romances justifica-se pela complementaridade das questões

que eles colocam em torno do sujeito feminino, isto é, enquanto *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* articula uma crítica às estruturas do romance de mocinha por meio de uma narrativa marcada pela assimetria entre as personagens Lóri e Ulisses, *A paixão segundo G.H.* radicaliza esse movimento ao narrar a experiência limite de uma mulher que, diante do confronto com o abjeto, desfaz as identidades estáveis e os papéis socialmente atribuídos ao feminino. Em ambos, Lispector parte de convenções para subvertê-las, construindo sujeitos femininos que oscilam entre a adesão e a ruptura, entre a conformidade aparente e o gesto crítico que a desestabiliza. É essa tensão estrutural que coloca os dois romances em diálogo com as telas de Adriana Varejão. O percurso metodológico fundamenta-se na leitura crítica dos dois romances de Clarice Lispector e na análise formal e simbólica das telas da série *Carnívoras*, articuladas a uma investigação teórica acerca das representações do feminino e das feminilidades. Para isso, mobilizam-se aportes dos estudos literários e de gênero, com destaque para Bakhtin (1981), no que se refere à dialogia, e reflexões de Beauvoir (2019), de Fontenele (2006) e de Parker (2019) sobre a construção social da feminilidade. Consideram-se, ainda, os estudos de Franco Junior (2005, 2008) acerca dos elementos estruturais da narrativa, bem como trabalhos que discutem a relação entre imagem e texto, como os de Veneroso (2012) e de Martoni (2020). A análise privilegia a identificação de procedimentos formais — tais como o uso de metáforas, simbolismos e materialidades — que contribuem para tensionar e reconfigurar o lugar do feminino. Os resultados parciais da análise evidenciam que, em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, há a construção de uma dinâmica relacional marcada por assimetria entre as personagens Lóri e Ulisses, na qual a protagonista é posicionada em um lugar de aprendizagem e subordinação em relação à figura masculina. Ulisses, associado simbolicamente à figura do sábio, assume o papel de mediador do processo de autoconhecimento de Lóri, instaurando uma relação que se aproxima de uma lógica pedagógica. Tal configuração dialoga com as estruturas do romance de mocinha, nas quais o masculino detém o saber e o feminino ocupa uma posição secundária. No entanto, observa-se que Lispector se apropria dessas convenções e dos clichês do gênero para subvertê-los: ao longo da narrativa, Lóri é apresentada como uma personagem em constante oscilação entre submissão e autonomia, evidenciando um movimento de ruptura que afirma sua sexualidade, sua independência e seu processo de autoconhecimento. Em *A paixão segundo G.H.*, esse movimento de

subversão se aprofunda e adquire dimensões mais radicais. A análise do romance organiza-se em torno de três eixos relacionais que estruturam a experiência da protagonista: a relação de G.H. consigo mesma, a relação de G.H. com Janair (a antiga empregada) e a relação de G.H. com a barata. Esses três eixos não são independentes — eles se articulam e se atravessam ao longo da narrativa, produzindo um movimento progressivo de dissolução da identidade feminina normativa. No primeiro eixo, observa-se uma protagonista que, antes do encontro com o inseto, havia construído para si uma "terceira perna" — metáfora que a própria G.H. utiliza para descrever a estrutura identitária que a tornava estável e reconhecível para si mesma, mas que, ao mesmo tempo, a aprisionava e a afastava de si. Esse aprisionamento se manifesta também no silêncio: G.H. é uma personagem que sempre adiou a própria fala, que sempre temeu dizer e quando o faz, em seguida acrescenta "não é isso, não é isso", revelando um feminino historicamente impedido de nomear a própria experiência. No segundo eixo, a relação com Janair — a empregada que G.H. mal consegue lembrar, que se tornava invisível sob o avental — expõe as hierarquias que sustentam a feminilidade burguesa: G.H. só percebe a existência de Janair quando esta já foi embora, e é justamente no quarto da empregada que a experiência-limite acontece, como se o espaço do invisibilizado fosse o único capaz de abrigar a dissolução do eu. No terceiro e central eixo, o encontro com a barata funciona como ponto de ruptura com os sistemas simbólicos que sustentam a feminilidade normativa. G.H. não apenas mata o inseto, ela se identifica com ele de forma crescente e radical, a ponto de, ao experimentá-lo, declarar sentir o gosto de si mesma. Essa identificação com o abjeto é simultaneamente destituição e reinvenção: ao se reconhecer na barata, G.H. abandona a "terceira perna" e se lança em uma experiência de retroalimentação, nutrida pela própria dissolução do eu. É precisamente nesse ponto que o romance de Lispector dialoga de forma mais direta com a série *Carnívoras* de Varejão: assim como G.H. afirma "eu estava comendo a mim mesma", as plantas carnívoras das telas também se retroalimentam — belas e ameaçadoras, atrativas e devoradoras, dissimulando na aparência dócil uma potência que escapa ao controle. Paralelamente, a análise da série *Carnívoras* (2008; 2012), de Adriana Varejão, permite identificar uma elaboração visual de questões semelhantes. Compostas por superfícies de gesso craquelado e tonalidades que variam do branco ao vermelho intenso quase preto, as telas apresentam formas que remetem, simultaneamente, a plantas carnívoras

e a genitálias comumente designadas femininas. Essa ambiguidade formal produz um efeito de tensão entre delicadeza e ameaça, sugerindo um feminino que escapa à lógica da passividade e da domesticação. O uso do vermelho remete a uma conotação do feminino simbolicamente associada ao sangue e aos ciclos corporais, evocando tanto a sensualidade quanto uma metáfora do feminino enquanto potência ambígua, isto é, capaz de atrair, nutrir, mas, também, de devorar. De modo análogo ao abjeto que atravessa *A paixão segundo G.H.*, as telas de Varejão constroem imagens que escapam ao controle do olhar patriarcal, já que a beleza superficial dissimula uma ameaça, e é justamente nessa armadilha estética que reside o gesto crítico da artista. Nesse contexto, tanto nos romances de Clarice Lispector quanto na produção pictórica de Adriana Varejão, observa-se que elementos associados ao imaginário tradicional do feminino são mobilizados de modo a criar uma aparência de conformidade que, ao ser tensionada, revela um gesto crítico de subversão. Essa "armadilha" estética — presente na trajetória de Lóri, na experiência-limite de G.H. e nas formas de plantas carnívoras de Varejão — permite que as obras desestabilizem as expectativas do leitor e do espectador, promovendo uma reflexão mais profunda sobre os papéis de gênero e sobre as estruturas que os sustentam. Espera-se que a pesquisa contribua para ampliar a compreensão das estratégias literárias e visuais por meio das quais obras de autoria feminina problematizam e reconfiguram as representações hegemônicas sobre o feminino. Ao aproximar literatura e artes visuais, este estudo demonstra como diferentes linguagens podem atuar na problematização das normas patriarcais, contribuindo para uma compreensão mais complexa e crítica das feminilidades. Pretende-se, ainda, evidenciar que a dissimulação não opera apenas como recurso estético, mas como estratégia política de resistência: um modo de habitar as formas convencionais do feminino para, de dentro delas, deslocá-las e transformá-las.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. v. 2.

CARVALHO, Cleiry de Oliveira. *Romance de mocinha & romance de mocinho: a literatura narrativa de massa por um convívio dos contrários*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, 2007.

FERREIRA, Mariana Borrasca. *(Des)mascreamentos: um estudo dos contos de Clarice Lispector*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018, p. 180.

FONTENELE, L. B. *Freud, o feminismo e as transformações da representação do corpo da mulher*. In: Alexandre Fleming Câmara Vale; Antonio Crístian Saraiva Paiva. (Org.). *Estilísticas da Sexualidade*. 1. ed. Campinas: Pontes, v. 1, p. 85-94, 2006.

JUNIOR, Arnaldo Franco. *Uma Aprendizagem Ou O Livro Dos Prazeres, De Clarice Lispector, Romance Moderno E Romance De Mocinha*. Signótica, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 1–16, 2008. DOI: 10.5216/sig.v18i1.3716. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/3716>. Acesso em: 9 maio. 2023.

JUNIOR, Arnaldo Franco. *Operadores de leitura da narrativa*. In JUNIOR, Arnaldo Franco. BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005.

LISPECTOR, Clarice. *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MARTONI, Alex. *O que vemos quando lemos? Tipografia como categoria de análise literária*. In: FIGUEIREDO, Camila A. P. de; LIMA, Cecília Nazaré de; ARBEX, Márcia; VIEIRA, Miriam de Paiva (org.). *Escrita, som, imagem: leituras ampliadas*. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2020.

PASSOS, Danielly. *Amor, cuidado e intimidade - invenções modernas do feminino*. In: Alexandre Fleming Câmara Vale; Antonio Crístian Saraiva Paiva. (Org.). *Estilísticas da Sexualidade*. 1. ed. Fortaleza: Pontes Editores, 2006, v.1, p. 137-151.

PARKER, Rozsika. *A criação da feminilidade*. In: MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND; PEDROSA, A. et al. (Orgs). *Histórias das mulheres, histórias feministas: antologia*. São Paulo: MASP, 2019, p. 95-107.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. *Caligrafias e escrituras: Diálogos e intertexto no processo escritural nas artes no século XX*. Belo Horizonte: C/Arte, 2012.

ARIEL: SYLVIA PLATH E A PRODUÇÃO DE PRESENÇA DO SUICÍDIO

Kelvin Pablo Domingos Mendes (Mestrado)

Barbara Cristina Marques (Orientadora)

3º semestre – Previsão de defesa: dez/2026

A obra de Sylvia Plath ocupa um lugar singular na literatura do século XX não apenas pela intensidade de sua elaboração estética, mas também pela recorrente associação entre sua escrita e sua morte. Desde a publicação póstuma de *Ariel* (1965), a crítica literária frequentemente abordou seus poemas a partir de perspectivas biográficas, psicanalíticas ou confessionais, tomando-os como representações de estados psíquicos, antecipações simbólicas do suicídio ou testemunhos da experiência subjetiva da autora. Embora tais abordagens tenham produzido leituras relevantes, elas permanecem, em grande medida, vinculadas a uma tradição hermenêutica que privilegia a interpretação do texto como veículo de significados a serem decifrados. Nesse horizonte, o suicídio aparece sobretudo como tema, símbolo ou conteúdo representado. Propomos nessa dissertação uma espécie de deslocamento desse paradigma interpretativo ao investigar *Ariel* a partir dos conceitos de produção de presença e *Stimmung*, formulados por Hans Ulrich Gumbrecht. Em oposição à predominância da cultura de sentido, que caracteriza grande parte das práticas críticas modernas, Gumbrecht defende a necessidade de recuperar a dimensão da presença das materialidades nos estudos literários e culturais. Para o autor, os objetos estéticos não operam apenas por meio da significação; eles também produzem efeitos materiais, sensoriais e afetivos que se impõem ao corpo do leitor antes mesmo de serem traduzidos em conceitos ou interpretações. A experiência estética, nesse sentido, não se reduz à compreensão de um significado, mas envolve formas de contato, intensidade e afetação que escapam parcialmente à linguagem conceitual. É importante salientar que em todo o trabalho de Gumbrecht, desde a publicação de *Em 1926: vivendo no limite do tempo* (1997) e *Modernização dos sentidos* (1998), textos seminais para a discussão em torno dos conceitos de *Stimmung* e presença, não se exclui a tradição hermenêutica enquanto procedimento de leitura e atribuição de significado. O argumento desenvolvido por Gumbrecht

segue na direção de considerar as materialidades como meios legítimos de produção de sentido. O que parece ser arriscado torna-se particularmente interessante enquanto exercício analítico do texto literário. Os poemas que compõem o volume de *Ariel* apresentam uma relação específica com a morte e com o suicídio que não se esgota na representação. Mais do que falar sobre o suicídio, eles parecem fazê-lo comparecer como uma força atmosférica, uma tensão sensível que atravessa a materialidade da linguagem. O leitor não encontra apenas imagens que remetem à morte; encontra-se imerso em ritmos, sonoridades, acelerações, cortes sintáticos, repetições obsessivas e configurações imagéticas que produzem uma experiência de aproximação com um limiar entre existência e aniquilamento. O suicídio deixa de ser apenas um referente temático para tornar-se uma condição sensível de leitura. Nesse contexto, o conceito de *Stimmung* oferece uma ferramenta fundamental para compreender a singularidade da escrita de Plath. Recuperando o termo alemão em sua acepção de atmosfera, tonalidade afetiva ou afinação entre sujeito e mundo, Gumbrecht (2016; 2014; 2010) propõe que determinados textos produzem climas emocionais que não se reduzem a significados identificáveis. Em *Ariel*, a experiência do suicídio manifesta-se precisamente por meio dessas atmosferas. Poemas como “Ariel”, “Lady Lazarus”, “Tulips”, “Elm”, “Death & Co.” e “Edge” não apenas tematizam a destruição, o esgotamento ou a morte; eles instauram uma tonalidade afetiva marcada pela vertigem, pela dissolução das fronteiras identitárias, pelo desejo de desaparecimento e pela atração em direção ao vazio. Trata-se de uma presença que emerge da textura do poema e não apenas de seu conteúdo semântico. A relevância desta pesquisa reside justamente na possibilidade de compreender a obra de Plath para além dos modelos interpretativos que a reduziram, durante décadas, à chave biográfica ou confessional. Ao privilegiar a dimensão da presença, o estudo desloca a pergunta tradicional acerca do que os poemas significam para investigar como eles produzem efeitos de presença e quais condições formais tornam possível a emergência de determinadas atmosferas. Em vez de buscar no texto uma representação do suicídio, pretende-se compreender de que modo a linguagem poética torna sensível uma experiência-limite, instaurando uma proximidade estética com aquilo que escapa à representação plena. Dessa forma, o trabalho se organizou em três capítulos. O primeiro capítulo, de caráter introdutório, procurou traçar um fio histórico e crítico em torno da noção de presença, tendo

em vista o modo como a herança hermenêutica consolidou-se no pensamento ocidental relegando às artes e à linguagem a necessidade de significação. Nessa primeira seção também será discutido como a lógica cartesiana cristalizou a separação entre corpo e mente tecida já pelos gregos, fundadores do pensamento e da filosofia ocidental, explorado com base na tese de Ruth Bohunovsky (2003), apoiando também aqui as contribuições de Nietzsche sobre o dionísico e apolíneo, analogia sobre a separação entre corpo e mente que é materializada no teatro grego clássico. Para chegar nas contribuições de Gumbrecht sobre as materialidades da comunicação e a produção de presença também fora investigado o avanço e a ruptura fenomenológica feita por Husserl (1990) e, posteriormente, por Merleau-Ponty (2018). O eixo teórico principal do presente trabalho, como mencionado, tem crivo nos escritos de Gumbrecht, principalmente nas obras *Produção de Presença* (2010), *Atmosfera, ambiência, Stimmung* (2014) e *Serenidade, presença e poesia* (2017). O autor parte da tentativa de superar a tradição hermenêutica e voltar aos olhos para produção de presença, isto é, teoria desenvolvida pelo autor que explora a espacialidade da presença das obras de artes para além do sentido interpretativo, criando espaço para valorizar e entender como o corpo e os nossos sentidos reagem à obra e suas materialidades. O segundo e o terceiro capítulos adentram mais especificamente na análise da temática do livro de Plath. *Ariel* (2010) foi publicado pela primeira vez em 1965, postumamente, tendo sido escrito nos últimos anos de vida de Sylvia Plath enquanto morava sozinha com os filhos no interior da Inglaterra. O livro marca uma voz preenchida, vezes por fúria e vezes por leveza e libertação, não vista anteriormente na obra da autora. O livro que foi uma das coletâneas de poemas mais vendidas do Século XX apresentou Plath ao mundo de uma maneira contundente e de forma inesperada. Os poemas foram produzidos numa época conturbada da vida de Plath, enquanto lidava com uma traição seguida de um divórcio na década de 60 e experienciava a maternidade sozinha em um dos piores invernos de Londres, somado à depressão que a escritora lidou sua vida inteira. Fora essa a conjuntura que levou Plath ao suicídio emblemático pelo qual ficou conhecida. Em *Ariel*, Plath explora a relação conturbada com o pai, a maternidade, a traição do marido, mas principalmente a morte e o suicídio, de maneira metafórica, mas por meio das palavras e da força que colocava nos poemas, também espacial. Em uma entrevista dada à BBC em 1962, ano que compôs a maioria dos poemas contidos no livro, a autora fala sobre a necessidade de ler

seus poemas com ritmo, entonação, em voz alto e se afasta da ideia dos poemas apenas escritos, prezando por uma vida a mais que a leitura poderia dar à poesia. Gumbrecht (2005) explora como as materialidades do texto contribuem na construção de sentido, aquele para além da significação. Já em produção de presença (2010) e em *Stimmung* (2014), o autor fala sobre o poder secreto da literatura em criar uma presença, um *mood*, um clima, também para fora da interpretação massiva que atinge principalmente à sociedade ocidental vilipendiada pela herança hermenêutica. Nesse trabalho, explora-se como Plath constrói, a partir dos poemas e das materialidades de seu texto, formando o que Gumbrecht chama de oscilação entre presença e sentido, a presença do próprio suicídio. Desta maneira, a segunda seção da dissertação explora a morte e o suicídio na literatura e na filosofia, principalmente a ideia da morte como uma não presença, de forma que vira presença, como concebe o filósofo alemão. A última seção se debruça sobre o livro em si e quais elementos contribuem para essa presença do suicídio, assim, há a seleção dos poemas e a leitura analógica do texto na tentativa de demonstrar como a presença do suicídio é materializado pela autora. Ademais, em *Stimmung*, Gumbrecht argumenta, ao propor a análise de diversas obras desde a idade média, como outros fatores atrelados às obras e os autores corroboram no *stimmung* (termo em alemão sem tradução própria em português, mas que estampa algo entre atmosfera e *mood* do inglês), ao analisar por exemplo a música de Janis Joplin e como algumas músicas funcionavam como o epítome do movimento hippie e a rebeldia que aqueles anos simbolizavam, não só pela letra e melodia, mas pelo o que estava ligada à cantora e ao momento. Por fim, o objetivo do trabalho não é excluir o texto ou a interpretação, mas não abandonar os sentidos do corpo e propor essa leitura analógica às lentes da produção de presença e do *Stimmung* de Gumbrecht, que oferecem esse conceito da oscilação, numa tentativa que considera o texto, mas não descarta a atmosfera que Plath tentou criar com livro, desde a seleção da ordem dos poemas, à necessidade de lê-los em voz alta considerando seu ritmo, até outros elementos que estavam e estão conectados à vida e a obra da autora, principalmente um da morte e do suicídio, assuntos exploradores pela autora desde a adolescência.

BIBLIOGRAFIA

BOHUNOVSKY, Ruth. *A crise do paradigma cartesiano na “ciência da tradução” de wolfram*. 226f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2003.

BRAGA, Arnin Rommel Pinheiro. *Finitude e morte: o “ser-para-a-morte” de Heidegger como limite e horizonte da compreensão humana*. 2024. 201 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2024. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/handle/2011/17157>. Acesso em: 20 mai. 2026.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

GUMBRECHT, Hans-Ulrich. *Até que ponto a construção de sentido faz sentido? : Retrospectiva californiana de uma questão alemã*. Floema. Vitória da Conquista, ano 1, n.1, p. 89-105, 2005.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Atmosfera, ambiência, Stimmung: sobre um potencial oculto da literatura*. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2014.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Ed. 70, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Tradução de Jacó Guinsburg. 2. edição. São Paulo. Companhia das Letras. 1999.

PLATH, Sylvia. *Ariel*. 2. edição. Campinas, SP, Verus Editora, 2010.

SÊNECA. *Cartas a Lucílio*. 2. ed. Tradução: Segurado e Campos. Lisboa: Gulbenkian, 2004.

SONTAG, Susan. *Contra a interpretação e outros ensaios*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

TAVARES JUNIOR, José Mariano. *A performance do suicídio em Ariel, de Sylvia Plath*. 2011. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Natal, 2011.

VEJO-ME A MIM, NA FILA DAS FINANÇAS: O AUTORRETRATO NA POESIA DE GOLGONA ANGHEL

Ana Paula Silva Sanini (Doutorado)

Silvio Cesar dos Santos Alves (Orientador)

3º semestre – Previsão de defesa: fev/2029

A presente pesquisa investiga o autorretrato na poesia de Golgona Anghel, tomando como objeto de estudo os modos pelos quais o sujeito poético se constitui em sua obra por meio de formas de autorrepresentação que escapam à lógica autobiográfica tradicional. Vinculada ao campo dos estudos sobre escrita de si, a tese tem como objetivo compreender as especificidades do autorretrato poético e propor uma reflexão teórica acerca de suas formas de constituição identitária. Partindo da obra de Anghel, busca-se investigar de que maneira o autorretrato opera como modo de representação do sujeito fundado não na construção de uma identidade estável, mas na exposição de experiências descontínuas, fragmentárias e contingentes. Um dos problemas centrais enfrentados pela pesquisa diz respeito à frequente identificação entre autorretrato e autobiografia. Embora ambos os modos da escrita de si se relacionem às práticas de autorrepresentação, a distinção entre eles parece-nos necessitar de uma maior fundamentação. Tanto a autobiografia quanto o autorretrato podem ocorrer em prosa ou em poesia, razão pela qual sua diferenciação não depende unicamente do gênero literário em que se manifestam, mas, principalmente, da forma como cada um desses modos organiza a representação do sujeito, a partir dos elementos linguísticos. Essa dificuldade de delimitação revela também uma assimetria teórica: enquanto a autobiografia dispõe de um campo crítico amplamente consolidado, a reflexão sobre o autorretrato ainda se encontra em desenvolvimento, marcada por debates conceituais e por lacunas teóricas, especialmente quando se trata de sua presença na poesia. Assim, a oposição entre autobiografia e autorretrato não corresponde à tradicional distinção entre narrativa e lírica, mas a diferentes formas de constituição do sujeito, cuja compreensão permanece como um desafio teórico contemporâneo. Nesse sentido, a autobiografia tende a organizar retrospectivamente a experiência por

meio de um discurso capaz de conferir unidade e coerência à trajetória de um sujeito ao longo do tempo. Já o autorretrato privilegia a apresentação de instantes, afetos, fragmentos, imagens e acontecimentos (Babo, 2019) que não necessariamente se integram em uma lógica de continuidade ou de permanência ao longo do tempo. Enquanto a autobiografia busca construir uma identidade relativamente estável, o autorretrato expõe um sujeito em processo, marcado pela descontinuidade, pela simultaneidade de experiências e pela impossibilidade de totalização do sentido. A presente pesquisa procura, justamente, esclarecer essa distinção e investigar as suas consequências, visando a uma compreensão mais aprofundada do autorretrato enquanto modo de escrita de si. A reflexão sobre essas questões encontra um primeiro marco teórico na obra de Philippe Lejeune (2008), cuja formulação do “pacto autobiográfico” desempenhou papel decisivo na sistematização dos estudos sobre autobiografia. Para Lejeune, a autobiografia caracteriza-se pela construção retrospectiva de uma narrativa na qual autor, narrador e personagem compartilham de uma mesma identidade, permitindo que a experiência vivida seja reorganizada sob a forma de um enredo que produz inteligibilidade para a existência. O sujeito autobiográfico surge, assim, como resultado de um trabalho de composição narrativa que transforma a dispersão da vida em história. Em contraposição a esse modelo, Michel Beaujour desenvolve, em *Miroirs d'encre* (1980), a primeira teoria sistemática do autorretrato estritamente verbal ou literário. Sua proposta parte, justamente, da percepção de que determinadas formas de escrita de si não se organizam segundo uma lógica linear e contínua, e nem visam reconstituir uma trajetória marcada pela coerência. Para Beaujour, o autorretrato se configura como um discurso baseado em imagens, associações, fragmentos e operações analógicas, representando o sujeito como uma rede descontínua de traços, reminiscências e reflexões. A problemática da constituição do sujeito ocupa posição central na obra de Paul Ricoeur (1996; 2010; 2014). Em *Tempo e narrativa* e *O si-mesmo como outro*, o filósofo desenvolve a noção de identidade narrativa, segundo a qual os indivíduos compreendem a si mesmos mediante a organização narrativa da experiência. A narrativa desempenha, nesse contexto, a tarefa de integrar acontecimentos dispersos em uma configuração temporal coerente, permitindo que o sujeito reconheça certa continuidade em sua existência, apesar das transformações que experimenta ao longo do tempo. Contudo, a própria reflexão de Ricoeur aponta para os limites desse modelo. Ao discutir as relações entre autobiografia,

identidade e temporalidade, o filósofo sugere a necessidade de investigações mais sistemáticas acerca dos diferentes modos de escrita de si, reconhecendo que nem toda constituição identitária pode ser plenamente compreendida a partir da lógica narrativa. É precisamente nesse ponto que esta pesquisa se insere, propondo uma interlocução crítica entre as formulações de Ricoeur, a teoria autobiográfica de Lejeune e a concepção de autorretrato elaborada por Beaujour. A principal lacuna identificada refere-se ao fato de que a identidade narrativa tende a privilegiar a coerência do enredo, integrando os acontecimentos a uma estrutura interpretativa mais ampla (Babo, 2019). Nesse processo, aquilo que é contingente, imprevisível, contraditório ou descontínuo frequentemente acaba subordinado à lógica da configuração narrativa. O acontecimento, em sua singularidade, corre o risco de ser absorvido pela narrativa e transformado em elemento funcional de uma história retrospectivamente organizada. O autorretrato parece operar em direção diversa. Em vez de integrar o acontecimento a um enredo, ele o preserva em sua dimensão contingente. Nele, o sujeito emerge através de experiências fragmentárias, emoções, afetos, cenas descontínuas e momentos de intensidade que resistem à estabilização narrativa. Entendemos que tal perspectiva pode se beneficiar das reflexões de Michel Foucault (1992) acerca da escrita de si como prática de constituição subjetiva, das discussões de Maria Augusta Babo (2019) sobre as culturas do eu e das contribuições de Giorgio Agamben (2009) relativas aos dispositivos contemporâneos de subjetivação e dessubjetivação. E também consideramos pertinente o diálogo com os estudos de Shaun Gallagher (2000; 2013; 2018) acerca das concepções contemporâneas do *self*, que enfatizam o caráter processual, relacional e não inteiramente unitário da subjetividade. Nessa perspectiva, o sujeito representado num autorretrato não seria representado enquanto uma identidade acabada, mas como processo em permanente elaboração. Embora os estudos sobre a autobiografia tenham alcançado elevado grau de sistematização a partir da obra de Lejeune, e ainda que Beaujour tenha oferecido uma importante teorização acerca do autorretrato, permanece relativamente reduzido o número de investigações dedicadas especificamente ao autorretrato poético. Tal constatação torna-se particularmente evidente no contexto dos estudos de língua portuguesa, apesar das contribuições relevantes de autores como Rita Marnoto (2015), Clara Rocha (1992), Teresa Pinto da Rocha Jorge Ferreira (2019) e Cláudia Dias Sampaio (2009). A teorização do autorretrato continua, portanto, em desenvolvimento,

especialmente quando se trata da compreensão das suas manifestações na poesia contemporânea. É nesse horizonte que se insere a obra de Golgona Anghel (2007; 2011; 2013; 2017). Nascida na Romênia e radicada em Portugal, a poeta desenvolve uma escrita marcada pela constante problematização da subjetividade, pela ironia, pela fragmentação e pela reflexão crítica sobre as formas contemporâneas de existência. Em sua poesia, a autorrepresentação não se organiza como relato linear de vida, mas por meio de imagens descontínuas, cenas fragmentárias, afetos, deslocamentos e acontecimentos que expõem um sujeito em permanente estado de negociação consigo mesmo e com o mundo. Em vez de oferecer uma narrativa coerente acerca da sua experiência, a escrita de Golgona produz formas de autoinscrição marcadas pela instabilidade, pelo dissídio e pela tensão entre pertencimento e estrangeiridade. A hipótese central desta pesquisa é que a poesia de Golgona Anghel constitui um campo privilegiado para a investigação do autorretrato poético, justamente porque nela o sujeito se configura unicamente a partir de acontecimentos. Suas formas de autorrepresentação permitem observar modos de constituição subjetiva que escapam à lógica autobiográfica tradicional e evidenciam a relevância do autorretrato como categoria crítica para a compreensão das práticas contemporâneas de escrita de si. Para examinar essa hipótese, a pesquisa tomará como corpus a totalidade da produção poética publicada pela autora. Considerando que sua obra é composta por cinco livros de poemas, entende-se que uma compreensão consistente das formas de autorrepresentação presentes em sua escrita exige uma leitura integral do conjunto de sua produção, evitando recortes que possam limitar a percepção de recorrências temáticas, procedimentos formais e transformações na construção do sujeito ao longo de sua trajetória literária. Dessa forma, a tese tem por objetivo contribuir para a compreensão teórica do autorretrato enquanto modo de escrita de si, a partir de uma reflexão centrada na categoria do acontecimento. Ao investigar a obra poética de Golgona Anghel em sua totalidade, sob essa perspectiva, buscamos ampliar o debate contemporâneo sobre a escrita de si e demonstrar como o autorretrato poético oferece instrumentos conceituais capazes de pensar formas de subjetividade marcadas pela contingência, pela fragmentação e pela resistência às modalidades de organização da experiência inerentes ao modo autobiográfico. A pesquisa pretende, assim, evidenciar como o conjunto da obra de Golgona Anghel contribui para uma compreensão mais ampla do autorretrato enquanto

modo de escrita de si, especialmente em sua relação com o acontecimento e com os elementos da experiência contingente.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

ANGHEL, Golgona. *Como uma flor de plástico na montra de um talho*. Porto: Assírio & Alvim, 2013.

ANGHEL, Golgona. *Crematório sentimental: guia de bem-querer*. Vida Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2007.

ANGHEL, Golgona. *Nadar na piscina dos pequenos*. Porto: Assírio & Alvim, 2017.

ANGHEL, Golgona. *Vim porque me pagavam*. Lisboa: Mariposa Azul, 2011.

BABO, Maria Augusta. *Culturas do Eu – Configurações da subjetividade*. Lisboa: ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova, 2019.

FERREIRA, Teresa Pinto da Rocha Jorge. *Autorretratos na poesia portuguesa do século XX*. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade NOVA de Lisboa, Lisboa, 2019.

GALLAGHER, Shaun. Philosophical conceptions of the self. In.: *Trends in cognitive science*, 4, 1, p. 14-21, 2000.

GALLAGHER, Shaun. The extended mind: state of the question. *The Southern Journal of Philosophy*, [S. l.], v. 56, n. 4, p. 421-447, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1111/sjp.12308>

GALLAGHER, Shaun. The socially extended mind. *Cognitive Systems Research*, [S. l.], v. 25, p. 4-12, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cogsys.2013.03.008>

MARNOTO, Rita. *O petrarquismo português do Cancioneiro Geral a Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2015.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

BEAUJOUR, Michel. *Miroirs d'encre – Rhétorique de l'autoportrait*. Paris: Éditions du Seuil, 1980.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992.

RICOEUR, Paul. *Leituras 3: nas fronteiras da filosofia*. São Paulo: Loyola, 1996.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: 3. O tempo narrado*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ROCHA, Clara. *Máscaras de Narciso: estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal*. Coimbra: Almedina, 1992.

SAMPAIO, Cláudia Dias. *Autorretrato: a poética do retalho*. Revista Garrafa, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 7, n. 21, 2009.

SLAM E PERFORMANCE: A VOZ COMO ACONTECIMENTO ESTÉTICO E EXPERIÊNCIA COLETIVA

Ana Cristina Pereira da Silva (Doutorado)

Frederico Garcia Fernandes (Orientador)

5º semestre – Previsão de defesa: fev/2028

Miguel Heitor Braga Vieira (1ª arguição)

O Slam da Guilhermina surge, de acordo com o próprio coletivo, da necessidade de construir um espaço de encontro e articulação, “um local onde pudéssemos nos encontrar, falar de política, recitar poesias, se articular com outros coletivos das mais variadas linguagens e celebrar a vida” (Coletivo Slam da Guilhermina, 2025, p. 4). Dessa forma, a criação e organização do primeiro slam do mundo a acontecer em um espaço público nasce do desejo do encontro com a literatura e com o outro. A humanidade, em grande parte de sua trajetória, organizou-se em torno de práticas coletivas de produção e circulação ligadas à oralidade: na Grécia Antiga, com os *aedos* e *rapsodos*, na África, com os *griots* ou em comunidades ameríndias, por meio dos cantos, narrativas míticas e rituais transmitidos oralmente. Nesses diferentes contextos, a voz não se constituía apenas como meio de comunicação, mas como espaço de preservação da memória, de transmissão de saberes e de construção de vínculos. Em manifestações contemporâneas como o slam, tais dimensões são recuperadas e atualizadas, recolocando a oralidade no centro da experiência poética, por meio da performance. Nessa perspectiva, a voz ocupa um papel central. Para Zumthor (2007, p. 83), ela constitui-se como “um lugar simbólico por excelência”, pois funda a palavra na relação com o outro. O autor afirma que a voz “interpela o sujeito, o constitui e nele imprime a cifra de uma alteridade” (Zumthor, 1997, p. 17), evidenciando que ela não atua de forma neutra, mas atravessa o corpo, mobiliza a escuta e produz afetos. Na cena do slam, a voz não apenas veicula o poema, mas participa ativamente de sua construção, uma vez que a performance se concretiza na relação entre corpo, espaço, palavra e público. Nesse sentido, a poesia falada tensiona o regime lírico tradicional ao deslocar o foco do eu para uma coletividade, instaurada na relação eu/nós, a qual o texto poético deixa de se

organizar exclusivamente em torno da interioridade de um sujeito e passa a se constituir na e pela dimensão coletiva. Com base nesse pressuposto, busca-se compreender de que maneira o slam reconfigura a noção de sujeito lírico e desloca os próprios critérios de definição do poético, ao inscrever a voz como acontecimento situado, relacional e performativo. Para tanto, algumas questões devem ser consideradas como ponto de partida: O que é poesia falada? Quais elementos estruturais a constituem? Com que categorias estamos lidando? De que maneira as regras do slam, enquanto competição, interferem na produção poética e contribuem para o surgimento de novas formas e construções estéticas? A pesquisa leva em consideração as atividades e ações desenvolvidas pelo coletivo Slam da Guilhermina, com foco nos textos literários performados nas competições de poesia falada que acontecem mensalmente na praça da saída da estação de metrô Guilhermina-Esperança, em São Paulo. Este estudo justifica-se diante do crescente número de eventos e da formação de coletivos artísticos voltadas ao ato performático, que evidenciam a centralidade da dimensão corpórea e vocal na constituição da poesia contemporânea, exigindo, assim, uma revisão das formas de compreensão do poético a partir de sua realização na máquina performática (Cámara; Aguilar, 2017). Nas duas últimas décadas, a performance aparece como traço estruturante de grande parte da produção literária marginal-periférica, aliada ao aumento significativo de saraus e slams que vêm sendo organizados em todo o país, dentre outras manifestações poético-performativas promovidas por diferentes coletivos artísticos. Além disso, observa-se a tendência de autores contemporâneos performatizarem seus textos, sejam em saraus, slams, feiras, festivais ou em espetáculos próprios de performance poética. A proposta teórico-metodológica articula o conceito de polissistemas formulado pelo crítico israelense Itamar Even-Zohar (1990) ao modelo teórico-analítico proposto por Paul Zumthor (1993, 1997, 2007) acerca da poesia oral e da performance. A pesquisa está ancorada no levantamento de dados, em registros das performances (vídeos e registros audiovisuais), além de material poético publicado e apresentado nos eventos organizados pelo coletivo em tela. Para análise, utilizam-se como referencial teórico: Aguilar e Cámara (2017), Bourriaud (2009), Butler (2019), Candido (2004, 2006), Deleuze; Guattari (2010, 2011), Derrida (2017), Esposito (2022), Fernandes (2017, 2019, 2026), Finnegan (2025), Frye (2026), Hall (2013), Hollanda (2001), Leone (2014), Rancière (2009) e Zumthor (1993, 1997, 2007). Para o desenvolvimento do

trabalho, pretende-se dividir a tese em três partes: na primeira, a análise se dará em torno da voz, do corpo e do ritmo como dimensões constitutivas do poético, com atenção especial às materialidades da oralidade e às experimentações sonoras. Na segunda, será abordada a questão do endereçamento e da reconfiguração do sujeito lírico, a partir de diferentes experiências de enunciação marcadas por atravessamentos sociais e identitários. Na terceira parte, estudo tem como foco o slam como prática social, suas formas de organização coletiva, os espaços em que se realiza e os modos pelos quais a poesia circula dentro e fora do suporte escrito. Levando-se em consideração o papel do público na constituição do evento, a dimensão comunitária das apresentações e as condições de visibilidade que o slam cria para diferentes vozes poéticas, especialmente em contextos urbanos e periféricos. A análise contemplará textos de autores como Daniel Minchoni, Luiza Romão, Kimani (Cynthia Santos), Apeagá (Poliana Hérica), dentre outros, cujas performances/textos apresentam diferentes propostas estéticas, modos de construção poética singulares e relevância para cena do slam. Diante da análise destaca-se alguns elementos constitutivos da poesia desses autores: Daniel Minchoni - vencedor da primeira edição do Slam da Guilhermina, em 2012 - intensifica os limites sonoros e rítmicos da poesia com a experimentação vocal. Seus poemas trazem a essência vanguardista da poesia sonora. Em “Epopeia paulistana”, o texto escrito funciona quase como uma partitura musical, algo muito próximo dos esquemas de execução do poeta italiano Enzo Minarelli. O slammer se utiliza das repetições fonéticas e silábicas, da pausa e do prolongamento vocálico para materializar o impacto emocional doloroso de uma separação amorosa. Na performance “A colonização foi um estupro”, de Luiza Romão, vencedora do circuito de 2014, do Slam da Guilhermina, a elaboração estética parte da hesitação, do grito, das inflexões da voz, do gesto, do olhar e da expressão facial. A autora reescreve a história do país a partir da construção e do desdobramento da palavra Brasil. O poema evidencia que a história da colonização brasileira está atravessada pela violência sexual e pela lógica de dominação do corpo feminino. Nesse movimento, desloca o discurso histórico tradicional para uma reescrita crítica da memória nacional, na qual a experiência do corpo feminino violentado passa a ocupar o centro da reflexão sobre a formação do país. Ao analisar a performance “Perdoa, sinhá” (ou “não tiram parda da minha identidade”), de Kimani (Cynthia Santos), vencedora de algumas edições mensais na Guilhermina, verifica-se que as modulações da voz

vão se alternando entre o sussurro e o grave. Essa alternância acompanha as referências a violências sofridas pelos negros no passado e no presente, temporalidades que se (com)fundem ao longo do poema. O endereçamento ao nós, constitui-se não só pela oralidade que evoca o outro, mas também pela construção discursiva de um eu que carrega as marcas de uma coletividade. Nesse sentido, a performance articula memória, ancestralidade e denúncia como formas de reinscrição da experiência negra no campo da linguagem. A oralidade não aparece apenas como recurso estético, mas como memória e resistência, em que o texto performado atualiza vivências históricas marcadas pela escravização, pelo racismo estrutural e pela permanência das violências no presente. A performance da poeta Apegá (Poliana Hérica) mobiliza o canto, por meio dos pontos (cânticos sagrados de louvor aos guias e orixás) e de elementos ligados às práticas religiosas de matriz afro-brasileira, como parte da construção estética e enunciativa de sua poética. É importante destacar que a performance se inicia com o canto de um trecho de um ponto de gira, uma abertura ritual do dizer poético, algo semelhante à invocação das musas da tradição oral grega. Entretanto, na performance de Apegá a palavra se institui a partir do chamamento do sagrado, presente nas tradições afro-brasileiras, nas quais o canto não apenas invoca, mas atualiza a presença dos orixás e dos guias no corpo e na voz. Por fim, os textos e performances analisados, até então, revelam formas distintas de inscrição da oralidade no poético, seja pela experimentação sonora, pelo endereçamento coletivo, pela mobilização da memória ou pelas referências às tradições afro-brasileiras. Os resultados preliminares apontam para a necessidade de compreender o slam não só em sua dimensão política e social, mas sobretudo na sua dimensão estética, que recupera a centralidade da oralidade e amplia as possibilidades de criação poética na contemporaneidade.

BIBLIOGRAFIA

AGUILAR, Gonzalo; CÁMARA, Mario. *Máquina Performática: a literatura no campo experimental*. Trad. Gênese de Andrade, Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. O poder da escrita: gênero, espaço e afeto na literatura contemporânea. In: *Revista Cerrados*. V. 20, n. 31, 2011, p. 297- 314.

ASSIS DUARTE, Eduardo de. O negro na literatura brasileira. *Revista Navegações*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013. Disponível em: [https://revistaseletronicas.pucrs.br > download](https://revistaseletronicas.pucrs.br/download). Acesso em: set. 2024.

ASSUNÇÃO, Cristina Adelina de; JESUS, Emerson Alcalde de; SANTOS, Uilian da Silva (org.). *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam Interescolar*. São Paulo: Editora LiteraRua, 2021.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Trad. Fernanda Siqueira. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins, 2005.

DELEUZE, Giles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Giles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto; Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Tradução Miriam Chnaiderman; Renato Janine Ribeiro. Perspectiva, 2017.

ESPOSITO, Roberto. *Communitas: origem e destino da comunidade*. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polissystem Studies. In: *Poetics Today. International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*. Vol.11, n.1, 1990. p.1-268.

FERNANDES, Frederico. O caso Londrix: subjetividade, territorialização e política na poesia de Maurício Arruda Mendonça. In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 52, p. 102-121, set./dez. 2017.

FERNANDES, Frederico. *Corpo-Memória e a Poética da Resistência*: apontamentos sobre literatura e performance na América Latina. In: Sidney Barosa; Dennys Silva-Reis. (Org.). *Literatura e outras artes na América Latina*. 1ed. Campinas: Pontes, 2019, v. 1, p. 295-322.

FERNANDES, Frederico. Coletivos poéticos e seus elementos estruturantes: impactos nas formas de produção e circulação literária. In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Brasília, n. 75, p. 1-12, 2026.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Cultura das bordas*: edição, comunicação, leitura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

FINNEGAN, Ruth. *Oral Poetry*. Cambridge, UK. Open Book Publishers, 2025.

HALL, Stuart. *Da diáspora*: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Esses poetas*. Uma antologia dos anos 90. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidianos. 1. edição. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEONE, Luciana Di. *Poesia e escolhas afetivas*: edição e escrita na poesia contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo*. Travessias latino-americanas da comunicação na cultural. Trad. Fidelina Gozález. São Paulo Edições Loyola, 2004.

PERIFERIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Coletivos literários nas periferias brasileiras*: um retrato. Caderno da Periferia Brasileira de Letras, vol. 2. Fiocruz, 2024. Disponível em: <https://fiocruz.br/documento/2025/03/caderno-da-periferia-brasileira-de-letras-coletivos-literarios-nas-periferias>. Acesso em: abr. 2025.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. 2. ed. Tradução de Mônica Costa Neto. São Paulo: EXO experimental org. Ed. 34, 2009.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. 2. ed. ver.; 7. reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SILVESTRE, Nelci Alves Coelho; FELDMAN, Alba Krishna Topan. Estratégias de Resistência, Sobrevivência e Continuidade no Discurso de Grupos Étnicos Colonizados: Reflexões Teóricas. In: FELDMAN, Alba Krishna Topan; MUNHOZ, Ruan Felipe (org.). *Perspectivas Multiculturais e Pós-Coloniais: Irrompendo a Literatura Convencional*. Maringá: UEM, 2020, p.31-55. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342898140_Perspectivas_Multiculturais_e_Poscoloniais_Irrompendo_a_literatura_convencional. Acesso em: nov. 2024.

SLAM DA GUILHERMINA. *Zero ponto zero*. São Paulo: Slam da Guilhermina, 2025.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TENNINA, Lucía. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, n. 42, jul.-dez. 2013. p. 11-28. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n42/01.pdf>. Acesso em 21 mai. 2019.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. Trad. Amálio Pinheiro; Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

AS COISAS EM SEUS NÃO-LUGARES: LIVRO DE ARTISTA E INTERMIDIALIDADE

Valdir Heitkoeter de Melo Junior (Doutorado)

Marta Dantas (Orientadora)

5º semestre – Previsão de defesa: fev/2028

Bárbara Cristina Marques (1ª arguição)

O objeto de análise desta pesquisa é o livro de artista, suporte intermídia pela sua capacidade em congregiar diferentes linguagens, característica híbrida que o lança num território de complexa delimitação teórica, tornando-o, pela fusão de linguagens e suas particularidades, um suporte quimérico que transita num não-lugar entre a literatura e as artes visuais. Contudo, parto da hipótese de que tais indeterminações não constituem uma fragilidade do objeto, mas uma de suas principais potências, uma vez que derivam de sua capacidade de operar entre diferentes linguagens, materialidades e regimes de significação. O livro de artista é uma “modalidade material” (Elleström, 2009) que se oferece ao mundo como uma tela acessível e sem margens rígidas de forma ou linguagem. Para Claus Clüver (p. 23, 2006), o livro de artista é um gênero derivado do livro, um desdobramento de sua forma e conceito tradicional. Dessa forma, o livro de artista instaura vias de aproximação entre literatura e artes (Veneroso, 2012), estabelecendo uma relação intermediária que propicia a transgressão dos limites do código, do livro linear, esse “sintagma sobre o qual se projeta o paradigma da página” (Plaza, 1982, n.p). Ao longo do século XX, as vanguardas artísticas buscavam suportes e formatos que rompessem o convencional e as tradições acadêmicas de arte, o que reverbera no icônico ensaio *The New Art of Making Books* (1975), de Ulises Carrión, em que o livro é interpretado como uma sequência de espaços. A partir dessa perspectiva, o livro de artista é uma sequência de espaços que funciona como suporte de outras mídias, por esta razão o interpreto enquanto um suporte intermidial, o que reforça sua abertura aos estudos de intermidialidade que serão fundamentais para as hipóteses centrais desta pesquisa. A ideia de que o livro constitui-se de espaços que criam novos espaços vai ao encontro do trabalho de Anne-Marie Christin sobre as relações entre palavra e imagem. Para a autora, “para que uma consciência gráfica tenha podido se formar, era indispensável que tivesse sido precedida antes de tudo por

uma outra, que teria tornado sua realização possível: a do suporte desse grafismo” (p. 283, 2004), o que deu origem ao que ela definiu como “pensamento de tela”, que propõe a tomada de consciência sobre o suporte que precede o domínio do universo icônico. O livro de artista, por sua vez, é esta tela sobre a qual palavra e imagem coexistem sem que regras preestabelecidas cerceiem sua criação e disseminação, é, como proposto por Christin, uma criação guiada pelo ritmo e pelos espaços entre uma figura e outra, sem necessariamente estabelecer uma linearidade. A hipótese central que orienta a investigação é a de que a natureza híbrida do livro de artista não representa apenas uma característica formal, mas constitui seu próprio modo de operar enquanto suporte, tornando-o um espaço privilegiado para o trânsito entre linguagens, materialidades e processos de criação. O livro de artista encontra diversas tipologias já bem estabelecidas, o que suscita a necessidade de delimitar qual será a abordagem específica adotada neste estudo, pois ele está inserido em um grande campo artístico e sofre derivações que influenciam sua forma, produção e os modos de percepção e recepção, tais como: livro-objeto, fotolivro, livro ilustrado, livro de arte, livro-poema, poema-livro, entre outros (Silveira, 2008). Interesse-me, especialmente, pelos livros de artista que tangenciam a experiência do acaso, das anotações cotidianas, das imperfeições dos traços rápidos, o livro como uma oficina ou ateliê móvel, como descrito Artur Barrio. Os objetivos gerais inicialmente previstos no projeto de pesquisa permanecem os mesmos, analisar o livro de artista e seus desdobramentos teórico-práticos enquanto suporte e articulador para criação entre as linguagens das artes visuais e da literatura. Entretanto, o aprofundamento bibliográfico e o avanço da escrita conduziram a algumas reformulações metodológicas e estruturais. A principal alteração ocorrida desde a elaboração do projeto diz respeito à organização da tese. Embora os objetivos centrais tenham sido mantidos, a ampliação do *corpus* teórico e o amadurecimento das hipóteses tornaram necessária uma reorganização dos capítulos, resultando em uma estrutura mais adequada às demandas da investigação. A metodologia adotada possui caráter teórico-prático e está organizada em três núcleos complementares. O primeiro consiste na investigação historiográfica, teórica e crítica do livro de artista, apoiada em levantamento bibliográfico e análise de obras visuais e literárias. O segundo núcleo corresponde à análise de duas obras, uma do campo literário e outra das artes visuais. O terceiro volta-se para a produção artística desenvolvida paralelamente à pesquisa, especialmente por meio da série

As coisas em seus não-lugares. Dessa forma, teoria e prática constituem dimensões de pesquisa que se alimentam mutuamente ao longo de todo o processo investigativo. Atualmente, a tese encontra-se organizada em três capítulos. O primeiro capítulo, que está em fase final de redação, dedica-se ao estudo historiográfico do livro. Parte-se da hipótese de que determinados aspectos formais, técnicos e conceituais presentes na história do livro ajudam a compreender a emergência do livro de artista enquanto suporte específico. A premissa dessa investigação de cunho mais histórico não é buscar definir o que é o livro de artista, mas observar quais características estão presentes nesse percurso e de que forma elas nos ajudam a compreender a natureza deste suporte para sua consolidação enquanto um gênero derivado do livro. Ainda no primeiro capítulo, uma das discussões propostas trata das materialidades e dos elementos formais e teóricos que fazem do livro de artista um suporte intermidial, fechando, assim, a investigação tanto sobre seu percurso histórico como também suas características formais e conceituais. O segundo capítulo, atualmente estruturado e em fase de pesquisa, concentrar-se-á na análise de parte do *corpus* da investigação. A primeira vertente é constituída pela produção de André Breton, especialmente a obra *Nadja* (1928), acompanhada dos materiais *Carnet de notes diverses* e *Carnet de notes pour Nadja*, compilado de páginas de cadernos digitalizadas que contém manuscritos e desenhos de Breton e serão analisados como livros de artista que precedem a forma final do livro *Nadja*. O interesse reside na relação entre escrita, deslocamento urbano, cotidiano e acaso objetivo, bem como nos modos pelos quais manuscritos, desenhos e anotações antecipam características frequentemente associadas ao livro de artista. A segunda vertente é composta pelos trabalhos de Artur Barrio, com destaque para *O Sonho do Arqueólogo* (1982–1998), *Uma extensão no tempo* (1996) e *CadernoLivro* (1997). Interessa-me observar como Barrio transforma o livro em espaço de convergência entre registros processuais, imagens, projetos, anotações, reflexões teóricas e experiências cotidianas. Em seus trabalhos, forma e conteúdo encontram-se profundamente articulados, produzindo uma experiência que desafia as fronteiras tradicionais entre documento, obra e processo criativo. Embora provenientes de contextos distintos, Breton e Barrio compartilham aspectos que justificam sua aproximação nesta pesquisa. Ambos demonstram interesse pelo acaso, pela observação do cotidiano, pelo deslocamento urbano e pelos registros processuais da criação. Essa convergência permite que suas produções sejam articuladas aos

levantamentos realizados no primeiro capítulo, contribuindo para a compreensão do livro de artista como suporte intermediário. O terceiro capítulo, igualmente em fase de estruturação, será dedicado à análise da série desenhos e pinturas intitulado *As coisas em seus não-lugares*, a qual tenho trabalhado desde setembro de 2022 e que toma o livro de artista como centro das discussões por ser o primeiro suporte que utilizei. Uma das etapas mais importantes da constituição da série é a caminhada, ação que precede o desenho e a pintura, e que encontra no livro de artista um laboratório móvel, permitindo a coleta de impressões do trajeto, seja através da escrita ou do desenho, numa busca pelas coisas que são deixadas a esmo em via pública, espaço transitório que Marc Augé e Michel de Certeau definiram como não-lugares. Quanto ao referencial teórico, destaco algumas leituras recentes que contribuíram substancialmente para o prosseguimento da pesquisa: a autora Anne-Marie Christin, com o livro *Escrita e imagem: ensaios* (2023) entre outros artigos mais curtos; os estudos historiográficos sobre o livro a partir de Albert Labarre em *História do Livro* (1981); e a autora Johanna Drucker, com o livro *The century of artists' books* (1995). Demais autores já bem estabelecidos como referências para a tese e que sempre retomo: Claus Clüver, Maria do Carmo Veneroso, Hans Ulrich Gumbrecht, Roger Chartier, Maurice Blanchot; Cecília Almeida Salles, André Breton e Julio Plaza. Por fim, a pesquisa busca contribuir para os estudos sobre livro de artista e intermedialidade ao propor uma compreensão do livro não apenas como objeto ou suporte material, mas como espaço expandido de criação, experimentação e trânsito entre linguagens. Assim, teoria, análise crítica e produção artística convergem para uma compreensão ampliada do livro de artista, capaz de evidenciar sua potência como espaço de encontro entre palavra, imagem, experiência e criação.

BIBLIOGRAFIA

BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. Tradução e notas Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Tradução Leyla Perrone-Moisés, 1. ed. Martins Fontes, 2005.

BRETON, André. *Nadja*. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

CARRIÓN, Ulisses. *The New Art of Making Books*. Kontexts no. 6-7, 1975.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução Mary Del Priore. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Tradução de George Schlesinger. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CHRISTIN Anne-Marie. Da imagem à escrita. Em: *A historiografia literária e as técnicas de escrita*. Organização de Flora Sússekkind e Tânia Dias. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa: Vieira e Lent, 2004.

CHRISTIN Anne-Marie. *Palavra e imagem: ensaios*. Org. Júlio Castañon Guimarães, Márcia Arbex-Enrico. Belo Horizonte: Relicário, 2023.

CLÜVER, Claus. *Intermedialidade*. Pós: Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 8 - 23, nov. 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da Imagem*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2013.

DRUCKER, Johanna. *The century of artists' books*. New York: Granary Books, 1995.

ELLESTRÖM, Lars. The modalities of media. A model for understanding intermedial relations. In: ELLESTRÖM, Lars (Org.). *Media borders, multimodality, and intermediality*. 2009.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.

LABARRE, Albert. *História do livro*. Tradução de Maria Armanda Torres e Abreu. São Paulo: Cultrix, 1981.

PLAZA, Julio. O livro como forma de arte (I). *Revista Arte em São Paulo*. nº 6, abril, 1982.

PLAZA, Julio. O livro como forma de arte (II). *Revista Arte em São Paulo*. nº 7, maio, 1982.

SILVEIRA, P. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista* [online]. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, ISBN 978-85-386-0390-0.

SÜSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia. *A historiografia literária e as técnicas de escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa: Vieira e Lent, 2004.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. *Palavras e imagens em livros de artista*. Pós: Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 82 - 103, mai. 2012.

SOBRE “DOENÇA” E “CURA”: A POÉTICA DA LIBERDADE EM LEONOR FINI

Mateus José Guimarães de Abreu (Mestrado)

Marta Dantas da Silva (Orientadora)

3º semestre – Previsão de defesa: jan/2027

Esta pesquisa investiga a construção da liberdade como princípio poético na obra da artista ítalo-argentina Leonor Fini (1907-1996), tomando como eixo interpretativo a tensão entre “doença” e “cura”, compreendidas não como categorias antagônicas, mas como instâncias de alteridade que estruturam parte de seu imaginário artístico. Pintora, escritora, figurinista e personagem singular da cena cultural europeia do século XX, Fini elaborou uma produção marcada pela ambivalência, pelo hibridismo e pela recusa de sistemas normativos rígidos. Sua obra articula elementos frequentemente apresentados como opostos, sonho e realidade, masculino e feminino, vida e morte, doença e cura, convertendo-os em espaços de coexistência simbólica. É justamente nessa suspensão das fronteiras que identificamos a presença de uma poética de liberdade. Apesar do crescente interesse acadêmico pela artista, observa-se que a maior parte dos estudos dedicados à sua produção privilegia abordagens ligadas ao surrealismo, à representação do feminino, à sexualidade ou à alquimia simbólica. Embora tais perspectivas tenham contribuído significativamente para a compreensão de sua obra, ainda se percebe uma lacuna referente à investigação da liberdade como princípio organizador de sua criação artística. Esta pesquisa propõe, portanto, deslocar o foco da análise para um plano ontológico, buscando compreender de que maneira vida, escrita e pintura se articulam na constituição de um espaço poético em que a liberdade deixa de ser apenas tema e passa a configurar uma forma de existência. O corpus principal da investigação é o romance *Rogomelec* (1979), publicado em um momento de maturidade artística de Fini. A narrativa acompanha um personagem que viaja para uma ilha misteriosa em busca de um tratamento conhecido como “a cura”. À medida que o processo avança, a própria ideia de doença torna-se incerta. O protagonista passa a questionar sua identidade, suas percepções e a legitimidade daquilo que deveria ser curado. A aparente simplicidade do enredo encobre uma complexa reflexão sobre

identidade, normatividade e liberdade, permitindo uma leitura simbólica que ultrapassa os limites da narrativa, atingindo discursos sociais como relações de poder. A metodologia adotada fundamenta-se em uma abordagem interartística, colocando em diálogo a produção literária e pictórica de Leonor Fini. Parte-se do pressuposto de que sua escrita e sua pintura não constituem linguagens independentes, mas expressões complementares de uma mesma concepção poética. Além da análise comparativa entre textos e imagens, mobilizam-se elementos biográficos da artista, não como explicação determinista de sua obra, mas como componentes que participam da elaboração de seu universo simbólico. Assim, a trajetória pessoal de Fini é compreendida como um espaço de experimentação estética, no qual vida e arte frequentemente se confundem. A reflexão inicial da pesquisa concentra-se nos conceitos de doença e cura. A partir das contribuições de Georges Canguilhem (1999), compreende-se a doença não apenas como fenômeno biológico, mas como construção atravessada por critérios sociais e normativos. O sujeito doente passa a ser reconhecido por sua diferença em relação a um padrão de normalidade estabelecido coletivamente. A doença torna-se, nesse sentido, uma experiência de alteridade. Tal perspectiva é complementada pelas reflexões antropológicas de Marc Augé (1986), que evidenciam a dimensão simbólica e social dos estados patológicos. Por consequência, a própria noção de cura exige problematização. Se a doença é produzida também por mecanismos de diferenciação social, a cura não pode ser entendida simplesmente como retorno a uma norma. Interpretá-la dessa maneira significaria reproduzir a mesma lógica normativa responsável pela construção da patologia. A pesquisa propõe, portanto, compreender doença e cura não como opostos, mas como categorias que existem em relação uma à outra, em um movimento contínuo de negociação simbólica. É nesse contexto que o conceito de alteridade, particularmente a partir das reflexões de Emmanuel Levinas (2024), torna-se central para as aproximações realizadas ao longo da pesquisa. A alteridade permite pensar a coexistência dos contrários sem reduzi-los a uma síntese ou a uma oposição definitiva. Em Fini, os corpos são híbridos, as identidades são instáveis e os limites entre os estados de ser permanecem fluidos. O sujeito nunca se encontra plenamente definido; ele existe, “habita”, justamente na tensão entre aquilo que é e aquilo que pode tornar-se. Essa dinâmica pode ser observada tanto em sua literatura quanto em sua pintura. A permanência da ambivalência revela um dos traços fundamentais de sua poética: a recusa da

exclusão entre os contrários. A trajetória biográfica da artista reforça essa leitura. Desde a infância em Trieste, marcada por experiências familiares complexas, pelo contato precoce com a arte e por um constante questionamento das normas de gênero, Fini construiu uma identidade baseada na autonomia. Sua recusa em aderir oficialmente ao movimento surrealista, apesar das inúmeras afinidades estilísticas, ilustra essa postura. Ao rejeitar estruturas consideradas limitadoras, a artista reivindica uma liberdade criativa que atravessa toda a sua produção. Sua concepção de androginia constitui outro elemento relevante. Em entrevistas e escritos, Fini frequentemente afirma que os indivíduos carregam simultaneamente aspectos masculinos e femininos, sufocados pelas convenções sociais. Essa compreensão reaparece em suas pinturas por meio de figuras híbridas e identidades indefinidas, transformando o corpo em território privilegiado de liberdade. A androginia deixa de ser apenas uma questão de gênero e passa a representar a superação de categorias rígidas. O romance *Rogomelec* (1979), corpus principal de análise, sintetiza muitas dessas questões. A própria ilha que dá nome à narrativa pode ser interpretada como um espaço iniciático, um território simbólico situado entre realidade e sonho. A viagem empreendida pelo protagonista aproxima-se de uma travessia interior, na qual o processo de cura revela-se simultaneamente processo de transformação. O deslocamento geográfico converte-se em deslocamento existencial. A escolha de Port Said como ponto de partida reforça essa leitura, uma vez que o local ocupa simbolicamente uma posição de fronteira entre mundos, culturas e imaginários distintos. As pinturas produzidas por Fini ao longo das décadas de 1960 e 1970 antecipam visualmente muitos dos temas explorados em *Rogomelec*. Obras como *Le Voyage II* (1968) apresentam figuras situadas diante de limiares, passagens e revelações, sugerindo jornadas que não são apenas físicas, mas também psíquicas e espirituais. A recorrência dessas imagens evidencia a continuidade de uma mesma investigação poética em diferentes linguagens artísticas. Ao final, pretende-se sustentar que a liberdade, em Leonor Fini, não se manifesta como conquista de um estado ideal ou como superação definitiva dos conflitos. Ela emerge precisamente da coexistência das diferenças. A doença não desaparece pela cura; o sonho não substitui a realidade; o feminino não elimina o masculino. Em vez disso, esses elementos permanecem em constante relação de alteridade, produzindo um espaço simbólico no qual a identidade pode existir sem fixação. A obra de Leonor Fini revela, assim, uma concepção de liberdade plena

existente na arte e na experimentação. Mais do que representar a realidade ou oferecer sua sublimação, a arte constitui, para Fini, o lugar onde as categorias sociais normativas perdem estabilidade e onde a existência pode ser continuamente reinventada. É nesse espaço poético, construído entre literatura, pintura e performance de vida, que a liberdade encontra sua forma mais plena de manifestação.

BIBLIOGRAFIA

AUGÉ, Marc. L'anthropologie de la maladie. *L'Homme*, v. 26, n. 1–2, p. 81–90, 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.3406/hom.1986.368675>. Acesso em: 14 fev. 2026.

CAMPOS, Raphael Aguiar Leal; FERREIRA, Raquel Ribeiro Costa da Cunha; FERREIRA, Arthur Vianna. O conceito de Alteridade segundo Emmanuel Lévinas. *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais*, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 412–425, 2024. DOI: 10.17564/2316-3801.2024v12n2p412-425. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/11954>. Acesso em: 12 abr. 2026.

CANGUILHEM, Georges. *Le normal et le pathologique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999. (Collection Quadrige, 65).

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

DANTAS, Marta. O castelo de André Breton: o fantástico e o maravilhoso no surrealismo. In: *Revista Abusões*, n. 5, v. 5 ano 3, p. 281–313, 2017.

DE MICHELI, Mario. *As Vanguardas Artísticas*. 3ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FINI, Leonor. *Le Voyage II*. 1968. Óleo sobre tela 47 x 34 cm. Coleção particular.

FINI, Leonor. *Rogomelec*. Paris: Flammarion, 1979.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1961.

GULLO, Giuseppina. Leonor Fini, tra Surrealismo e “ritorno all’ordine”. *Papireto*, v. 1, p. 137–141, 2022.

KOBER, Marc. La Recréation de mondes étranges Les Heptamérides (pour accompagner sept dessins de Leonor Fini). In: *André Pieyre de Mandiargues, le poète*, 2012, Caen. Caen: IMEC, France, 2012. Disponível em: <https://sorbonne-paris-nord.hal.science/hal-01542487v1>. Acesso em: 15 mar. 2026.

MAHÓN, Alyce. *La Féminité triomphante: Surrealism, Leonor Fini, and the Sphinx. Dada/Surrealism*, n. 19, 2013.

MUSAIOS. *Héro et Léandre*. Librairie éditions, Strasbourg, 1859.

PEDRO, Ana Paula Giardini. Corpo humano, coluna e ordens no tratado de Francesco di Giorgio. In: *IV ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE*, 2008, Campinas. *Anais*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2008, p. 894–904. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/eha.4.2008.3996>. Acesso em: 2 maio 2026.

VITRUVIO. *Tratado de Arquitetura*. Tradução do Latim, introdução e notas por M. Justino Maciel. Lisboa: IST Press, 2006.

VON FRANZ, Marie-Louise. *Os sonhos e a morte: uma interpretação junguiana*. São Paulo: Cultrix, 1984.

WING, John Kenneth. *Reflexões sobre a loucura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

O ABRIGO ARTIFICIAL: O ESPAÇO EM ÀS AVESSAS, DE JORIS-KARL HUYSMANS

Eloisa Marques dos Santos (Mestrado)

Marta Dantas da Silva (Orientador)

3º semestre – Previsão de defesa: fev/2027

Publicado em 1884, *Às avessas* (*À rebours*), de Joris-Karl Huysmans, se insere no contexto da literatura decadentista finissecular, marcada pela crise e recusa dos valores burgueses e pela busca de novas formas de experiência estética. Considerado um dos romances centrais do decadentismo francês, o livro acompanha Jean Des Esseintes, herdeiro de uma família aristocrática em declínio que, tomado pela misantropia, pelo tédio e pela exaustão diante da vida social parisiense, abandona a capital para se refugiar em uma casa em Fontenay-aux-roses, espaço construído e inteiramente organizado segundo as exigências sensoriais, imaginativas e estéticas do protagonista. Nesse contexto, a presente pesquisa investiga de que maneira o espaço em *Às avessas* assume um papel estruturante na narrativa, constituindo-se como materialização da subjetividade do protagonista, articulando isolamento, artificialidade e experiência estética. Embora *Às avessas* conte com uma fortuna crítica consolidada, grande parte dos estudos dedicados ao romance concentra-se em questões relacionadas ao decadentismo, à ruptura de Joris-Karl Huysmans com o naturalismo, ao esteticismo e à figura de Des Esseintes enquanto personagem finissecular. Destacam-se, nesse contexto, os estudos de Pedro Paulo Catharina em *Quadros Literários Fin-de-siècle* (2005), que contribuem para a compreensão da obra e de sua inserção na estética decadentista. Ainda que essas abordagens ofereçam contribuições fundamentais para a compreensão do romance, observa-se que a dimensão espacial frequentemente aparece em segundo plano. Nesse sentido, a presente pesquisa propõe deslocar o foco para a análise do espaço como elemento central da narrativa. Para isso, a dissertação recorre à topoanálise proposta por Gaston Bachelard em *A poética do espaço* (1957), compreendida como “[...] o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima” (p. 202), bem como à ampliação do conceito desenvolvida por Oziris Borges Filho em *Espaço e literatura* (2007). Nessa perspectiva, a topoanálise não se restringe a um estudo da intimidade, mas passa a ser compreendida como uma

abordagem de caráter interdisciplinar, abarcando as dimensões simbólicas, sociais e sensoriais do espaço literário. Metodologicamente, a pesquisa realiza uma análise topoanalítica de *Às avessas*, concentrando-se na casa de Fontenay e nos espaços que a compõem. A investigação observa a configuração dos cômodos, a disposição dos objetos e as relações entre personagem e ambiente, bem como os devaneios, lembranças e as experiências sensoriais suscitadas pelo espaço, buscando compreender como esses elementos participam da construção do abrigo de Des Esseintes. A partir dessas formulações, a pesquisa parte da pergunta de como a casa de Fontenay é convertida por Des Esseintes em um abrigo artificial, e quais são os efeitos dessa transformação para a constituição do espaço, da experiência estética e do processo de enclausuramento do protagonista. Nesse sentido, a hipótese da pesquisa é centrada em como o processo de enclausuramento vivido por Des Esseintes não se reduz a um simples afastamento físico da sociedade, mas se realiza por meio da construção de um abrigo artificial. Ao romper com a sociabilidade, o protagonista transforma a própria moradia em um espaço de experimentação estética, no qual cada cômodo, objeto, cor e disposição material é cuidadosamente organizado para produzir efeitos sobre a percepção. Mais que um local de habitação, a casa de Fontenay configura-se como um ambiente inteiramente concebido para filtrar a experiência do mundo, substituindo o contato direto com a realidade por simulacros cuidadosamente elaborados. É nesse contexto que Des Esseintes passa a buscar, sem sair de sua residência, sensações análogas às de uma viagem, obtendo, como afirma o narrador, “sem sair de casa, as sensações rápidas, quase instantâneas, de uma viagem de longo curso” (Huysmans, 2011, p. 87). Contudo, o espaço criado para protegê-lo do desgaste provocado pela vida social não produz a estabilidade almejada. À medida que o protagonista intensifica seu isolamento e amplia o controle sobre o ambiente, paulatinamente vão se tornando mais evidentes sua fragilidade física e seu esgotamento nervoso, revelando os limites do próprio projeto de reclusão. O espaço doméstico converte-se, assim em uma extensão da imaginação do personagem, tornando-se o principal mediador de sua relação com o mundo exterior. É precisamente nessa transformação da moradia em um abrigo artificial que se concentra o eixo central da pesquisa. Embora a escrita da dissertação ainda esteja em andamento, sua estrutura se divide em dois capítulos. O primeiro é dedicado à contextualização histórica, literária e biográfica de *Às avessas*. Inicialmente, serão abordados

aspectos da trajetória de Joris-Karl Huysmans, destacando sua inserção no naturalismo francês. Em seguida, será discutido o processo de elaboração do romance, frequentemente compreendido pela crítica como a obra que marca a ruptura do autor com os pressupostos naturalistas e sua aproximação com o decadentismo. O capítulo também examina as aproximações entre Huysmans e a figura de Des Esseintes personagem que funciona como um alter ego ficcional do escritor. Considerando que esta pesquisa tem como foco o espaço literário, será observado alguns lugares e referências artísticas que atravessam a trajetória do autor e que encontram ressonância na construção dos ambientes presentes no romance. Por fim, serão apresentados aspectos da recepção crítica de *Às avessas* e sua importância para a consolidação da estética decadentista no final do século XIX. O segundo capítulo concentra-se na análise do abrigo artificial construído por Des Esseintes em Fontenay. Inicialmente, será examinada a trajetória do protagonista e seu percurso espacial, abordando elementos como o dandismo, a misantropia e o progressivo movimento de afastamento da vida social que culmina em seu enclausuramento voluntário. A partir desse percurso, a pesquisa acompanha a busca do personagem por um espaço capaz de abrigá-lo. Em seguida, desenvolve-se a análise topoanalítica da casa em Fontenay, observando a organização dos cômodos, a disposição dos objetos e as relações que se estabelecem entre o personagem e o ambiente em que habita. Nessa perspectiva, busca-se compreender como os elementos materiais deixam de exercer uma função utilitária para possuir um papel estético e simbólico na narrativa, produzindo efeitos de estranhamento à medida que são deslocados de seus usos convencionais e incorporados ao projeto estético de Des Esseintes. Também são discutidas as tensões entre a natureza e artifício, questão central do imaginário decadentista e fundamental para a compreensão da visão de mundo do protagonista. Por fim, o capítulo examina os devaneios e as lembranças suscitados pelos espaços e objetos, investigando de que maneira o ambiente doméstico atua como mediador da memória e da imaginação do personagem. Desse modo, o capítulo procura demonstrar como o abrigo artificial concebido por Des Esseintes ultrapassa a condição de simples moradia para se constituir como um espaço central da experiência estética narrada em *Às avessas*. Ao mobilizar a topoanálise como instrumento de leitura, a pesquisa pretende demonstrar que o espaço em *Às avessas* não funciona apenas como cenário das ações de Des Esseintes, mas como elemento estruturante da narrativa e da própria constituição

do personagem. A análise da casa de Fontenay permite compreender como o romance desloca a noção tradicional de abrigo, transformando-o em uma construção inteiramente mediada pelo artifício e pela busca de experiências estéticas controladas. Espera-se, assim, contribuir para os estudos sobre *Às avessas* ao evidenciar a centralidade do espaço na constituição do universo decadentista da obra, bem como para as pesquisas que mobilizam a topoanálise como método de investigação literária. Ao examinar a moradia de Des Esseintes como um abrigo artificial, a dissertação busca demonstrar que a casa é um núcleo estruturador da narrativa, concentrando as experiências estéticas, os devaneios e os processos de isolamento que definem a trajetória do protagonista.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. *A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*; seleção de textos de José Americo Motta Pessanha; Traduções de Joaquim José Moura Ramos et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BALZAC, Honoré. BAUDELAIRE, Charles. *Manual do dândi: a vida com estilo*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CATHARINA, Pedro Paulo. *Quadros Literários Fin-de-siècle: um estudo de Às avessas, de Joris Karl Huysmans*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

FILHO, Oziris Borges. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. Franca, São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

HUYSMANS, Joris. *Às avessas*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Penguin, 2011.

MOLINA, D. G. (2019). *Arte como procedimento, de Viktor Chklóvski*. RUS (São Paulo), 10(14), 153-176.

MORETTO, Fulvia M. L. *Caminhos do decadentismo francês*. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

A ADAPTAÇÃO DE *VIAGENS DE GULLIVER* POR CLARICE LISPECTOR À LUZ DA CRÍTICA DE GEORGE ORWELL

Athalya Gabriela Santos Quinaglia (Mestrado)

Laura Taddei Brandini (Orientadora)

3º semestre – Previsão de defesa: fev/2027

Publicado em 1726, *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, é uma obra que combina narrativa de viagens imaginárias e sátira política, social e religiosa. Embora atualmente seja amplamente associada ao público infantojuvenil, a obra original apresenta críticas contundentes às instituições, aos conflitos políticos e ao comportamento humano de seu tempo. A dimensão satírica da obra constitui um dos aspectos mais debatidos pela crítica de sua época e, anos depois, ainda é analisada por pesquisadores de Swift. Sob a aparência de uma narrativa de aventuras, Swift constrói uma crítica às disputas políticas, religiosas e intelectuais da Inglaterra do século XVIII, além de questionar comportamentos humanos que considera irracionais ou moralmente condenáveis. Em razão da forte presença desses elementos, *Viagens de Gulliver* tornou-se objeto de diferentes interpretações ao longo dos séculos, sendo lida tanto como narrativa de entretenimento quanto como texto de crítica social e política. Tal característica torna particularmente relevante a investigação das adaptações destinadas ao público infantojuvenil, uma vez que a transposição para novos leitores exige escolhas em relação à manutenção, à reformulação ou à supressão desses conteúdos. Em razão da permanência da obra no imaginário ocidental e de sua recorrente circulação entre jovens leitores, *Viagens de Gulliver* passou por diversas adaptações destinadas a novos públicos, entre elas a realizada por Clarice Lispector. Nesse contexto, a presente dissertação tem como objetivo analisar a adaptação literária produzida por Clarice Lispector para *Viagens de Gulliver*, investigando de que maneira a autora reelabora os elementos satíricos da narrativa original ao destiná-la a jovens leitores. A pesquisa busca responder à seguinte questão: em que medida Clarice Lispector preserva, atenua ou transforma os elementos satíricos de *Viagens de Gulliver* identificados por George Orwell, autor de *Revolução dos bichos*, ao adaptar a obra para jovens leitores? Para tanto, utiliza-se como mediador crítico o ensaio “Política versus literatura:

uma análise de *Viagens de Gulliver*” (2010), no qual Orwell identifica e discute passagens consideradas centrais para a construção da sátira swiftiana. A escolha de *Viagens de Gulliver* se justifica pela extensa trajetória editorial da obra e por sua recorrente adaptação para diferentes públicos. Conforme demonstra Vieira (2004), a recepção do texto de Swift foi marcada por sucessivas reescritas, condensações e adaptações que contribuíram para sua consolidação no campo da literatura infantil e juvenil. No Brasil, diversas versões circularam ao longo dos séculos XIX e XX, evidenciando não apenas a permanência do clássico, mas também as diferentes concepções de infância, leitura e formação de leitores presentes em cada contexto histórico. A adaptação produzida por Clarice Lispector insere-se nesse processo de recepção e renovação da obra. Embora seja amplamente reconhecida por sua produção ficcional, Clarice Lispector também atuou como tradutora, cronista e autora de textos destinados ao público infantil. Sua participação no universo das adaptações literárias, entretanto, ainda ocupa espaço relativamente reduzido nos estudos acadêmicos quando comparada à fortuna crítica dedicada a seus romances e contos. Dessa forma, a investigação de sua versão de *Viagens de Gulliver* possibilita ampliar a compreensão de sua atuação como mediadora cultural e adaptadora de clássicos, bem como refletir sobre os critérios envolvidos na transposição de obras canônicas para novos leitores. Ademais, a escolha do ensaio de George Orwell como mediador crítico justifica-se pela relevância que o autor atribui aos aspectos satíricos da obra. Em “Política versus literatura: uma análise de *Viagens de Gulliver*”, Orwell examina as quatro viagens realizadas pelo protagonista e destaca episódios que considera fundamentais para compreender a visão de mundo de Swift. Ao discutir temas como política, religião, racionalidade e natureza humana, o ensaísta oferece uma leitura que ultrapassa o caráter aventureiro frequentemente associado à obra. Dessa forma, seu ensaio constitui um instrumento de análise capaz de orientar a identificação de passagens cuja reelaboração, manutenção ou exclusão na adaptação de Lispector pode revelar aspectos significativos de seu projeto adaptativo. A partir dessas observações, busca-se examinar como tais trechos são preservados, modificados, atenuados ou suprimidos na adaptação. O *corpus* da pesquisa é composto pela edição de *Viagens de Gulliver* publicada pela editora Penguin em 2010, traduzida por Paulo Henriques Britto e organizada por Robert DeMaria Jr., que inclui o ensaio de Orwell, e pela adaptação de Clarice Lispector, escrita em 1973 e republicada pela editora

Rocco em 2008 para a coleção “Os Favoritos”, da Rocco Jovens Leitores. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, fundamentada na análise comparativa entre a obra de Swift, a leitura crítica proposta por Orwell e a adaptação produzida por Lispector. A análise comparativa será realizada a partir dos trechos destacados por Orwell e suas correspondentes versões na adaptação de Lispector. Busca-se observar alterações de conteúdo, linguagem, caracterização de personagens, referências históricas e elementos satíricos, bem como estratégias de condensação, simplificação ou reformulação empregadas pela autora. O estudo também considera as especificidades do sistema literário infantojuvenil e as discussões teóricas sobre adaptação, entendida não como mera redução do texto-fonte, mas como processo de recriação voltado a novos contextos de leitura e recepção. O referencial teórico reúne estudos sobre a vida e a obra de Swift, pesquisas acerca da sátira literária, trabalhos voltados à adaptação de clássicos para jovens leitores e estudos sobre a atuação de Clarice Lispector como tradutora e adaptadora. Entre os autores analisados estão Craik (1894), Formiga (2009), Santos (2006), Guerra (2012), Pasold (1997), Frye (1990), Vieira (2004), Corso (2012), Monteiro (2002), Gomes (2004) e Queiroga (2014). Tais estudos fornecem subsídios para compreender tanto os mecanismos da sátira presentes em *Viagens de Gulliver* quanto os processos envolvidos na adaptação literária destinada ao público infantojuvenil. Por se tratar de uma pesquisa em andamento, as análises comparativas ainda se encontram em desenvolvimento. Entretanto, parte-se da hipótese de que a adaptação de Lispector opera diferentes estratégias de reelaboração dos elementos satíricos presentes na obra original, preservando determinados aspectos da narrativa de aventura e reelaborando referências históricas, políticas e culturais presentes no texto-fonte. Espera-se que a pesquisa evidencie como a adaptação literária pode atuar como espaço de negociação entre a preservação de características consideradas fundamentais em uma obra canônica e as demandas de um novo público leitor. Além disso, pretende-se compreender de que forma Clarice Lispector, reconhecida sobretudo por sua produção ficcional, posiciona-se como adaptadora diante de um texto marcado por referências históricas e por uma sátira complexa. Ao investigar essas transformações, o estudo busca contribuir para os debates sobre adaptação literária, recepção de clássicos e literatura infantojuvenil, bem como ampliar os

estudos sobre a circulação e a permanência de *Viagens de Gulliver* no contexto brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

CORSO, Gizelle Kaminski. *Adaptações literárias para jovens leitores*. Disponível em: https://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542012000600009&lng=pt. Acesso em 10 maio. 2025.

CRAIK, Henry. The life of Jonathan Swift: Dean of St. Patrick's, *Dublin*. 2. ed. London: Macmillan and Co.; New York: Macmillan and Co., 1894. v. 2.

DEMARIA JR., R (Org.). SWIFT, Jonathan. *Viagens de Gulliver*. 1. ed. São Paulo: Penguin Companhia, 2010.

FORMIGA, Girlene Marques. *Adaptação de clássicos literários: uma história de leitura no Brasil*. 2009. 262 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6203>. Acesso em: 4 jun. 2026.

FRYE, Northrop. *Anatomy of Criticism*. New York: Atheneum, 1990. Disponível em: https://monoskop.org/images/5/59/Frye_Northrop_Anatomy_of_Criticism_Four_Essays_2000.pdf. Acesso em: 2 ago. 2025

GOMES, André Luís. Entre espelhos e interferências: a problemática da tradução para Clarice Lispector. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 39–52, 2004. Disponível em: <https://revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49784>. Acesso em: 4 jun. 2026.

GUERRA, Leonardo José Cesar de Mattos. *Viagens de Gulliver: recepção (história) e interpretação (crítica)*. 2012. 309 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-31082012-110646/publico/2012_LeonardoJoseCesarDeMattosGuerra.pdf. Acesso em: 4 jun. 2026.

MONTEIRO, Mário Feijó Borges. *Adaptações de clássicos literários brasileiros: Paráfrases para o jovem leitor*. 2002. 137 f. Dissertação (mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

ORWELL, George. Prefácio. In: SWIFT, J. *Viagens de Gulliver*. 1. ed. São Paulo: Penguin Companhia, 2010.

ORWELL, George. Prefácio. In: SWIFT, J. *Viagens de Gulliver*. 1. ed. São Paulo: Penguin Companhia, 2010.

PASOLD, Bernadete. *Utopia x Satire in English Literature*. Florianópolis: UFSC, 1999. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/260007/ARES%205.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 28 nov. 2025.

QUEIROGA, Marcílio Garcia de. *A voz da tradutora Clarice Lispector em livros infantojuvenis do gênero aventura*. 2014. 224 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/128950>. Acesso em: 4 jun. 2026.

SANTOS, Roger Maioli dos. *As viagens de Gulliver e a ascensão do romance inglês*. 2006. 269 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-09112007141730/publico/TESE_ROGER_MAIOLI_SANTOS.pdf. Acesso em: 4 jun. 2026.

SWIFT, Jonathan. *Viagens de Gulliver*. 1. ed. São Paulo: Penguin Companhia, 2010.

SWIFT, Jonathan. *Viagens de Gulliver*. Adaptação de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

VIEIRA, Adriana Silene. *Viagens de Gulliver ao Brasil (Estudos das adaptações de Gulliver's travel's por Carlos Jansen e por Monteiro Lobato)*. 2004. 244 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – UNICAMP, Campinas, 2004. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/306793>. Acesso em 12 nov. 2025.

A CASA QUE NÃO CABE NO MUNDO: O EXÍLIO INTIMISTA EM TODAS AS CARTAS DE CLARICE LISPECTOR

Beatriz Karolyne Momesso Santos (Mestrado)

Telma Maciel Da Silva (Orientador)

3º semestre – Previsão de defesa: out/2026

Esta pesquisa investiga a correspondência reunida em *Todas as Cartas* (1920-1977), de Clarice Lispector, com o objetivo de analisar como a experiência do exílio se manifesta na escrita epistolar da autora. Partindo da compreensão da carta como espaço privilegiado de elaboração subjetiva, busca-se demonstrar que a correspondência de Clarice assume um papel fundamental na construção de sua identidade literária e existencial. As cartas constituem um espaço de expressão da intimidade, de manutenção de vínculos afetivos e de elaboração de sentimentos relacionados à ausência, ao desenraizamento e à busca de pertencimento. O *corpus* principal da pesquisa é composto pela correspondência publicada em *Todas as Cartas* (1920-1977), com especial atenção às cartas escritas no período em que Clarice acompanhou o marido diplomata em diferentes países da Europa e nos Estados Unidos. Esse contexto de deslocamento geográfico torna-se particularmente significativo para a compreensão de sua escrita, uma vez que a autora frequentemente manifesta desconforto diante dos lugares que habita, revelando uma sensação persistente de não pertencimento. Em diversos momentos, as cartas registram a dificuldade de adaptação aos espaços estrangeiros, a saudade do Brasil e a necessidade constante de manter contato com familiares e amigos. Assim, a estrangeiridade não se apresenta apenas como consequência da distância física da pátria, mas como uma experiência subjetiva que atravessa a constituição da autora. A pesquisa fundamenta-se, sobretudo, nos estudos sobre escrita epistolar desenvolvidos por Geneviève Haroche-Bouzinac (2016) e Brigitte Diaz (2016), que compreendem a carta como um gênero híbrido, situado entre a comunicação privada, a construção de si e a produção literária. Para Haroche-Bouzinac (2016), a correspondência constitui um espaço de elaboração das relações afetivas e de manutenção dos vínculos à distância. Já Diaz (2016) destaca a dimensão autobiográfica e reflexiva da escrita epistolar, ressaltando que a carta

frequentemente ultrapassa a simples transmissão de notícias para aproximar-se do diário e da escrita de si. Essas perspectivas permitem compreender as cartas clariceanas como um território de construção subjetiva, no qual a autora reelabora suas experiências de deslocamento e estrangeiridade. A noção de exílio constitui um dos principais eixos teóricos da pesquisa. Entretanto, o conceito é compreendido para além de seu sentido estritamente geográfico. Embora Clarice tenha vivido longos períodos fora do Brasil em razão da carreira diplomática do marido, sua escrita evidencia que a sensação de deslocamento não se restringe à mudança de país. O exílio aparece como condição existencial, manifestando-se na dificuldade de identificação com os lugares, na constante sensação de inadequação e na percepção de si como alguém que ocupa um espaço intermediário entre pertencimento e desenraizamento. Nesse sentido, serão particularmente importantes as contribuições de Edward Said (2003), Cláudia Nina (2003), Marta Francisco de Oliveira (2016) e Silviano Santiago (2000), cujas reflexões possibilitam compreender a experiência da estrangeiridade como elemento constitutivo da subjetividade. As cartas revelam uma relação complexa entre ausência e intimidade. A recorrente espera por notícias demonstra a importância da comunicação epistolar na manutenção dos laços afetivos. Ao mesmo tempo, Clarice frequentemente expressa uma relação ambivalente com a própria prática da escrita de cartas: embora manifeste o desejo intenso de receber correspondências, também declara seu cansaço diante da obrigação de escrevê-las. Essa tensão evidencia que o valor da carta não reside apenas no ato de escrever, mas principalmente na possibilidade de estabelecer uma presença simbólica diante da distância. A escrita epistolar torna-se, assim, uma forma de reduzir a ausência e preservar vínculos afetivos diante das separações impostas pelo deslocamento. A pesquisa também busca demonstrar que a escrita epistolar de Clarice constitui uma forma de habitar a ausência. Diante da impossibilidade de enraizamento espacial, a carta transforma-se em uma espécie de morada provisória, um espaço simbólico capaz de preservar vínculos afetivos e reafirmar a própria identidade. Em diversas correspondências, a autora expressa a sensação de que nenhum lugar lhe pertence verdadeiramente, o que reforça a hipótese de que a escrita funciona como estratégia de permanência diante da instabilidade dos deslocamentos. Dessa forma, as cartas permitem compreender a construção de uma subjetividade marcada pela oscilação constante entre pertencimento e desenraizamento. Outro aspecto relevante da pesquisa refere-se

à relação entre a escrita epistolar e a produção literária de Clarice Lispector. As correspondências apresentam temas que posteriormente aparecem em suas obras ficcionais, como a busca pela identidade, a experiência da solidão, a dificuldade de adaptação ao mundo exterior e a constante reflexão sobre o eu. Nesse sentido, as cartas podem ser compreendidas como um espaço de experimentação estética e existencial, no qual a autora desenvolve questões que atravessam toda a sua produção literária. A pesquisa está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado "O gênero epistolar: escrita, nomadismo e intimidade através de Clarice Lispector", tem como objetivo discutir as especificidades da escrita epistolar a partir das contribuições de Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), Brigitte Diaz (2016) e Marcos Antonio de Moraes (2007). Inicialmente, serão analisadas as relações entre intimidade, ausência e destinatário nas correspondências clariceanas, observando como a carta possibilita a manutenção dos vínculos afetivos em situações de distância. Busca-se compreender de que maneira a escrita epistolar funciona como espaço de elaboração subjetiva, permitindo à autora expressar inquietações, afetos e percepções acerca de sua condição de deslocamento. Em seguida, será discutido o estatuto da correspondência enquanto documento literário e arquivo, examinando sua inserção no campo literário e sua importância para a compreensão da trajetória intelectual da autora. Nesse momento, serão mobilizados estudos sobre a correspondência de escritores, como os de Mariana Miranda (2022), Elizabeth da Penha Cardoso e Luiz Heitor Corrêa de Azevedo (1980), a fim de compreender como as cartas podem ser lidas simultaneamente como documentos biográficos e textos dotados de valor literário. Nessa etapa, também serão estabelecidos diálogos com *Água Viva* (1998), de Clarice Lispector, e *No Exílio* (1948), de Elisa Lispector, buscando compreender como as experiências de deslocamento, identidade e pertencimento atravessam diferentes obras relacionadas ao universo clariceano. No segundo capítulo, "Exílio, entre-lugar e estrangeiridade nas cartas de Clarice Lispector", serão desenvolvidos os conceitos que orientam a leitura do *corpus*. Primeiramente, será discutida a noção de exílio para além do deslocamento territorial, compreendendo-o como experiência subjetiva e existencial. Na sequência, o conceito de entre-lugar, proposto por Silviano Santiago (2000), será mobilizado para analisar as formas de pertencimento e deslocamento presentes nas cartas. Por fim, serão investigadas as relações entre desenraizamento e identidade,

buscando compreender de que maneira a experiência da estrangeiridade participa da construção subjetiva da autora, articulando essas reflexões às discussões sobre formação cultural presentes em Sérgio Buarque de Holanda (1995). O terceiro capítulo, "A casa que não cabe no mundo: Clarice Lispector em cartas", concentra a análise das correspondências reunidas em *Todas as Cartas* (2012). Em um primeiro momento, será apresentado o contexto biográfico relacionado às viagens e permanências de Clarice Lispector no exterior, considerando especialmente o período em que acompanhou o marido diplomata em diferentes países da Europa e nos Estados Unidos. Posteriormente, serão examinadas as manifestações de não pertencimento presentes em suas cartas, identificando recorrências temáticas e estratégias discursivas por meio das quais a autora elabora sua experiência de deslocamento. Por fim, pretende-se demonstrar como a escrita epistolar funciona como uma forma de habitação simbólica diante do deslocamento, transformando a carta em um espaço de elaboração da ausência, preservação dos vínculos afetivos e construção de uma morada provisória. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise bibliográfica e documental. O estudo articula a leitura das correspondências com a fortuna crítica sobre Clarice Lispector, os estudos do gênero epistolar e as reflexões teóricas acerca do exílio, da identidade e da estrangeiridade. Busca-se identificar recorrências temáticas, e marcas subjetivas presentes nas cartas, compreendendo-as não apenas como documentos biográficos, mas como textos literários capazes de revelar aspectos fundamentais da construção da autora. Espera-se, ao final da pesquisa, contribuir para os estudos clariceanos ao evidenciar a importância da correspondência como espaço privilegiado de elaboração da experiência do exílio, demonstrando que as cartas constituem não apenas registros de uma trajetória pessoal, mas também um lugar de construção de si, de reflexão sobre o pertencimento e de criação de uma morada simbólica diante da instabilidade dos deslocamentos.

BIBLIOGRAFIA

BOUZINAC, Geneviève Haroche. *Escritas epistolares*. São Paulo: Edusp, 2016.

CAMILO, Vagner; FRATTINI, Paula Caldas; SCHOEPS, Luciana Antonini. O autor em cena: Uma entrevista com José-Luis Diaz. *Letras de hoje*, v. 57, n. 1, p. e40394-e40394, 2022.

DE MORAES, Marcos Antonio. Orgulho de jamais aconselhar a epistolografia de Mário de Andrade. Edusp, 2007.

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*. São Paulo: Edusp, 2016.

DIAZ, José-Luiz; FERREIRA, Ligia Fonseca. O gênero epistolar: gênese das obras, gênese de si. *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, n. 50, p. 222-228, 2023.

DIAZ, José-Luis. Qual a genética para as correspondências?. *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, n. 15, p. 119-162, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Todas as cartas*. Organização de Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

LISPECTOR, Elisa. *No exílio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

MIRANDA, Mariana. *Clarice Lispector entre cartas: sua correspondência com Lúcio Cardoso, Fernando Sabino e outros*. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

MORAES, Marcos Antonio de. Epistolografia e crítica genética. *Ciência e cultura*, v. 59, n. 1, p. 30-32, 2007.

NINA, Cláudia. *A palavra usurpada: exílio e nomadismo na obra de Clarice Lispector*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SABINO, Fernando; LISPECTOR, Clarice. *Cartas perto do coração*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SIQUEIRA, Joelma Santana. João Cabral e Clarice Lispector: sim contra sim. In: *Estudos de Literatura Brasileira em Portugal: travessias*. Porto: CITCEM; Edições Afrontamento, 2016. v. 1, p. 77-87.

WALDMAN, Berta. *Decifra-me!:* uma biografia de Clarice Lispector. WebMosaica, Porto Alegre, v. 2, n. 1, 2010.

A INFÂNCIA REPRESENTADA NAS OBRAS DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Laura Regina Carneiro Lugão (Mestrado)

Maria Carolina de Godoy (Orientador)

3º semestre – Previsão de defesa: fev/2027

O presente projeto está voltado para os estudos da literatura afro-brasileira, com a análise direcionada a personagens infantis negros e negras em obras contemporâneas, independentemente de sua destinação ao público infantil ou adulto. Assim, propõe-se uma investigação sobre o modo como a infância é representada na literatura de Itamar Vieira Junior. Para tal, foram selecionadas como objetos de pesquisa os romances *Torto arado* (2019) e *Salvar o fogo* (2023), e a obra infantil *Chupim* (2024). A escolha das obras justifica-se pelo protagonismo de crianças nas partes iniciais dos romances, critério utilizado para a seleção deste *corpus*, à medida que os narradores autodiegéticos relembram sua infância. Já em *Chupim* (2024), o narrador heterodiegético acompanha o cotidiano do protagonista, um pequeno menino, a partir de sua experiência no ambiente rural. Desse modo, entende-se que a infância é um período importante do projeto estético e literário de Vieira Junior e, embora o autor tenha ganhado notabilidade nos estudos acadêmicos, o olhar voltado especificamente para a construção de personagens infantis em sua obra ainda é pouco estudado. Tendo isso em consideração, a análise volta-se para quatro personagens: Bibiana e Belonísia (*Torto arado*, 2019), Moisés (*Salvar o fogo*, 2023) e Julim (*Chupim*, 2024). Vale destacar que o *corpus* selecionado faz parte de um mesmo universo: o território rural brasileiro. As histórias estão interligadas por meio de personagens apresentados no primeiro romance do que o autor chama de “trilogia da terra”, incluído o pássaro chupim. Essa trilogia é composta por *Torto Arado* (2019), *Salvar o fogo* (2023) e *Coração sem medo* (2025) – o último descartado deste estudo por não se encaixar nos critérios pré-estabelecidos. O principal objetivo da dissertação é refletir se a construção de infâncias negras, rurais e periféricas, presentes nos livros do autor, atua como local de formação da identidade, da memória e da consciência social do sujeito. Ademais, pretende-se investigar de que forma estes personagens se relacionam às frequentes questões temáticas abordadas na literatura afro-brasileira contemporânea, como a religiosidade, os

saberes ancestrais e os direitos sobre o território. Faz-se necessário ressaltar, portanto, que as comunidades quilombolas no Brasil são grupos étnico-raciais com trajetória histórica própria, ancestralidade negra e identidade cultural vinculada à resistência à escravidão, e isso é refletido nos escritos do autor. Atualmente, o tema se mantém relevante na pauta de direitos territoriais e políticas de igualdade racial, bem como é retratado em diferentes obras literárias de autoria negra. Isto posto, tem-se como ponto de partida teórico, a tese de doutorado de Oliveira (2019), que tece reflexões sobre a representação de personagens meninas no romance afro-brasileiro, a partir de obras de Ana Maria Gonçalves e Conceição Evaristo. Segundo a autora, a definição moderna de infância, elaborada por Philippe Ariès (1981), é problemática, por ser pensada a partir da representação de crianças burguesas da era Moderna, excluindo as infâncias que não fazem parte desse grupo, como as negras e indígenas. Ademais, esse conceito é definido pela oposição ao que é ser adulto, parecendo não existir fora dessa relação. Assim, a autora estabelece um paralelo com o conceito de literatura, argumentando que ele não é suficiente para abarcar as especificidades de tudo que é produzido. Assim como na relação adulto e criança, a literatura de autoria negra parece ser também marcada a partir do que ela não é em relação à literatura canônica. Sob essa perspectiva, esta dissertação pauta-se nessa provocação para compreender as crianças retratadas na literatura afro-brasileira contemporânea. Assim, elas serão encaradas não como negações ou ausências face ao cânone, mas como sujeitos centrais e complexos na construção de memórias, identidades e resistências, reafirmando a potência da literatura em reconfigurar tais conceitos. Tendo em vista os aspectos mencionados, a fundamentação teórica, a partir de uma análise crítica e interpretativa, estabelece diálogos com as seguintes reflexões: a noção de infância, a partir de Agamben (1978), Ariès (1981), Arroyo (2025) e Benjamin (1972); a infância e sua relação com a terra com base nos artigos de Gouveia *et al* (2007; 2019; 2021) e Cruz e Pessoa (2018); literatura e análise literária apoiada em Candido (2006), Schwarz (1983) e Tomachevski (1976); literatura afro-brasileira e literatura pós-colonial fundamentada em Bonnici (1998); Duarte (2008) e Evaristo (2010; 2020a; 2020b); colonialismo, identidade e memória segundo Bhabha (1998), Fanon (1968), Halbwachs (2006) e Hall (2016). Tais reflexões serão a base dos primeiros capítulos da dissertação, ainda em andamento. Inicialmente, define-se o que se entende por infâncias, compreendidas aqui em sua pluralidade, a fim de adotar

critérios de seleção das personagens e trechos a serem analisados. Em seguida, discorre-se sobre a relação entre crianças e o território, uma vez que esse é um tema recorrente nos objetos de estudo selecionados. As questões voltadas para a literatura afro-brasileira, identidade, memória e colonialismo serão abordadas no segundo capítulo do trabalho, com a finalidade de situar a construção das infâncias no *corpus* selecionado dentro de dinâmicas sociais e históricas que as configuram. Esta seção também examinará a questão da subalternidade, percorrendo a trajetória histórica de como figuras que personificam essa condição têm sido retratadas no campo literário, desde a sua exclusão, à representação negativa e estereotipada até o seu enaltecimento, fundamentando-se em Dalcastagnè (2011) e Perrot (1988). Por fim, o terceiro capítulo é destinado à análise literária, guiado pelas seguintes questões: o que é e qual a infância representada pelo autor? Ela pode ser entendida enquanto um espaço de iniciação na dor e na consciência da desigualdade? De que maneira a ancestralidade e resistência são apresentadas às personagens selecionadas e qual a sua importância? Qual o papel dos saberes orais e da religiosidade na trajetória desses personagens? Como o autor constrói infâncias racializadas e territorializadas em seus livros? Além disso, para a leitura do livro infantil, haverá uma articulação entre o que diz o texto verbal em conjunto com as ilustrações, realizadas pela artista plástica Manuela Navas, visto que essas são parte essencial da construção de significados da obra. Com isso, espera-se contribuir e preencher uma lacuna nos estudos críticos sobre a obra de Itamar Vieira Junior, ao deslocar o olhar para o protagonismo e a construção das personagens infantis. Como resultados parciais, intenciona-se demonstrar que personagens infantis configuram-se como uma forma poderosa de denúncia social e afirmação identitária na literatura afro-brasileira contemporânea, além de serem figuras complexas, representantes da memória coletiva e da resistência, centralizando-as na discussão contemporânea sobre ancestralidade e direito à terra.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, G. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARROYO, M. G. *Infâncias outras re-existente: reafirmando sua outra infância humana*. Petrópolis: Vozes, 2025.

BENJAMIN, W. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Editora 34, 2002.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CRUZ, L. S.; PESSOA, M. L. M. N. Ser Criança Quilombola: a constituição da territorialidade na experiência de crianças moradoras de uma comunidade negra rural do Piauí/Brasil. In: Congresso Brasileiro dos(as) Pesquisadores(as) Negros(as), X, 2018, Uberlândia. *Anais [...]* Uberlândia: COPENE, 2018, p. 1-17.

DALCASTAGNÈ, R. A Personagem Negra na Literatura Brasileira Contemporânea. In: DUARTE, Eduardo de Assis e FONSECA, Maria Nazareth Soares (orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. v.4, p. 309-338.

DUARTE, E. A. Por um Conceito de Literatura Afro-brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. v.4, p. 375-403.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura afro-brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida. (org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

EVARISTO, C. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrivência, a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado.

Escrevivência, a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b.

FANON, F. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GOUVÊA, M. C. S.; CARVALHO, L. D.; OLIVEIRA e SILVA, I. Movimentos sociais, participação infantil e direitos da criança no Brasil. *Educação e Pesquisa*, [S. l.], v. 47, p. e237436, 2021.

GOUVÊA, M. C. S. *et al.* O protagonismo infantil no interior de movimentos sociais contemporâneos no Brasil. *Sociedade e Infancias*, v. 3, p. 21–63, 2019.

GOUVÊA, M. C. S.; CORREIA, L. O.; GIOVANETTI, M. A. G. C. Movimentos sociais e experiência geracional: a vivência da infância no Movimento dos Trabalhadores sem Terra. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. n. 46. p. 143-166. 2007.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Apicuri/PUC-Rio, 2016.

OLIVEIRA, M. A. C. *Representações decoloniais: as meninas negras no romance afro-brasileiro*. 2019. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

PERROT, M. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SCHWARZ, R. (org). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

TOMACHEVSKI, B. Temática. In: EIKHEMBAUM, Boris. *Teoria da literatura - Formalistas russos*. Trad. Ana Mariza Ribeiro Filipouski et al. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1976, p. 169-204.

VIEIRA JUNIOR, I. *Torto Arado*. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JUNIOR, I. *Salvar o fogo*. 2. ed. São Paulo: Todavia, 2023.

VIEIRA JUNIOR, I. *Chupim*. Pinturas de Manuela Navas. São Paulo: Baião, 2024.

AS MULHERES DE MACHADO: UMA ANÁLISE ENTRE A CONFORMIDADE E A TRANSGRESSÃO EM "NOITE DE ALMIRANTE", "CONFISSÕES DE UMA VIÚVA MOÇA" E "MISSA DO GALO"

Gabriella Correa Ferrajam Barbari (Mestrado)

Ellen Mariany da Silva Dias (Orientadora)

3º semestre – previsão de defesa: fev/2027

Esta pesquisa, vinculada à linha Construções e Processos Identitários do Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos Literários) da Universidade Estadual de Londrina, tem como objeto a representação de personagens femininas em três contos de Machado de Assis: "Noite de Almirante", "Confissões de uma viúva moça" e "Missa do Galo". O objetivo central é examinar como o autor constrói, nessas narrativas, figuras femininas que oscilam entre a conformidade e a transgressão das normas sociais vigentes no Brasil no século XIX, bem como a proximidade, ou não, delas com a contemporaneidade. A escolha dessas narrativas específicas não é acidental: cada uma delas apresenta, sob diferentes ângulos, mulheres cujas atitudes, silêncios e ambiguidades revelam tensões profundas entre o que lhes era socialmente imposto e o que, nas entrelinhas, elas manifestam como desejo, resistência ou subjetividade própria. Machado de Assis é reconhecido pela crítica literária como um dos principais nomes da literatura brasileira, e suas obras têm sido extensamente analisadas por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Alfredo Bosi (2003) observa que sempre há uma lacuna entre as obras críticas e os textos machadianos, o que justifica a continuidade dos estudos sobre este autor, mesmo após mais de um século de recepção crítica. Embora o comportamento humano constitua um dos grandes eixos temáticos da obra machadiana, a figura feminina ocupa um lugar particularmente relevante nesta investigação, uma vez que é construída com sutileza e ambiguidade, características que escapam a qualquer categorização simplificada. Nesse sentido, a dissertação visa argumentar que as personagens femininas machadianas não são previsíveis nem superficiais, mas, ao contrário, são compostas de forma complexa, de modo que a compreensão sobre elas exige um olhar atento ao que é dito e ao que é deliberadamente silenciado nas narrativas. Para a análise dos elementos narrativos, recorre-se aos operadores de

leitura da narrativa propostos por Arnaldo Franco Junior (2003), que oferecem um conjunto de conceitos, tais como: fábula, trama, intriga, foco narrativo, personagem, espaço, tempo e motivação, capazes de orientar a leitura analítica e interpretativa dos textos literários, permitindo identificar como a estrutura formal da narrativa produz sentidos que vão além do enredo. Nesta etapa inicial, esses elementos foram aplicados ao conto "Missa do Galo", revelando como Machado manipula o foco narrativo em primeira pessoa, um narrador autodiegético, nos termos de Genette (1979 apud Franco Junior, 2003), recurso que limita o acesso do leitor à interioridade da personagem feminina, Conceição. Este foco, exclusivamente masculino, filtra, distorce e restringe a compreensão sobre mulher, que permanece, ao longo de toda a narrativa, como um enigma interpretativo. Complementa esse referencial a noção de unidade temática mínima, de Boris Tomachevski (1976), que designa a menor unidade de ação narrativa carregada de valor temático e estrutural. No conto analisado, um gesto aparentemente corriqueiro — as mangas da camisola de Conceição que caem, revelando o antebraço — é um exemplo disto: um acontecimento indivisível que altera a qualidade emocional da cena e intensifica a atmosfera de desejo contido. A partir desse gesto mínimo, o narrador descreve com precisão os detalhes físicos da personagem, revelando as tensões implícitas relacionadas à condição feminina no oitocentismo brasileiro. O pequeno gesto carrega, portanto, um peso simbólico que vai muito além de sua aparente trivialidade, evidenciando como Machado opera com o não dito para produzir significados complexos e construir representações femininas marcadas pela ambivalência e que resiste a uma completude interpretativa. No que diz respeito ao contexto sociocultural, a pesquisa pauta-se nas reflexões de Antonio Candido (1970), que aponta a modernidade de Machado justamente em sua técnica de “sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (...); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial (...)”. John Gledson (2006), crítico inglês e pesquisador da obra machadiana, reforça essa perspectiva ao analisar o conto “Confissões de uma viúva moça” como uma das obras mais ousadas de Machado, cujo título já insinua uma certa impureza e cujo enredo causou polêmica no contexto jornalístico da época. No âmbito desta pesquisa, mobilizam-se ainda as reflexões de Simone de Beauvoir (2016) e do pensamento feminista contemporâneo, a fim de articular as representações machadianas com debates atuais sobre identidade de gênero e autonomia feminina. Para Beauvoir, a

burguesia exigia a presença da mulher no lar de forma rigorosa, de maneira que sua emancipação se tornava uma ameaça à ordem estabelecida. Essa compreensão se aproxima da condição das personagens femininas nos contos analisados: elas não rompem completamente com as normas porque o próprio sistema narrativo, em grande parte filtrado por perspectivas masculinas, as mantém suspensas entre a conformidade e a transgressão, sem jamais permitir que ocupem plenamente o lugar de sujeito. Nesse sentido, parte-se da compreensão de que as figuras femininas de Machado não se constroem apenas pela ruptura explícita das convenções sociais, mas, também, por formas ambíguas de negociação, silêncio e deslocamento das expectativas de gênero, articulando movimentos simultâneos de adequação e resistência às estruturas patriarcais. Essa articulação entre o contexto oitocentista e a contemporaneidade é um dos aspectos que confere atemporalidade às obras de Machado: as vivências, os dilemas e as resistências das protagonistas femininas encontram eco em questões que continuam pertinentes no século XXI, o que amplia o alcance interpretativo deste estudo. A metodologia é de natureza qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica e análise aprofundada dos três contos selecionados. O desenvolvimento da investigação prevê a leitura minuciosa das narrativas, com atenção especial aos perfis das personagens retratadas, identificando em que aspectos elas se aproximam ou se afastam dos padrões sociais exigidos para a mulher de seu tempo. Como resultado parcial, a análise de "Missa do Galo" permitiu identificar que a ambiguidade narrativa é construída de forma proposital por meio do foco narrativo limitado, da fragmentação da memória do narrador e da valorização simbólica de gestos mínimos. A narrativa permanece intencionalmente aberta, sem resolução explícita, convidando o leitor a questionar a confiabilidade da voz narrativa e a refletir sobre os limites do olhar masculino como filtro da experiência feminina. Essa abertura interpretativa não é uma fragilidade do texto. Ela é, precisamente, o que lhe confere densidade e perenidade. As leituras analíticas preliminares de "Noite de Almirante" e "Confissões de uma viúva moça" já evidenciam recorrências temáticas relacionadas à construção de personagens femininas marcadas pela ambiguidade e pela oscilação entre submissão e transgressão. As próximas etapas do trabalho envolverão o aprofundamento comparativo desses contos em diálogo com "Missa do Galo", buscando estabelecer relações entre os três textos, de modo a traçar um perfil das figuras femininas presentes em cada um, observando continuidades

e diferenças na forma como Machado representa a condição da mulher em contextos narrativos distintos. A comparação entre os três contos, além de investigar de que forma Machado antecipa, em sua ficção, noções sobre feminilidade que só ganharam visibilidade décadas depois, permitirá verificar se há um padrão na construção dessas personagens ou se o autor as diversifica, evitando a cristalização de um único modelo feminino. Ao final, espera-se que a pesquisa contribua para os estudos das construções e processos identitários na literatura brasileira, ampliando as interpretações críticas sobre a figura feminina na obra machadiana e demonstrando a relevância dessas narrativas tanto para a compreensão do século XIX quanto para os debates contemporâneos sobre representação, gênero e identidade.

BIBLIOGRAFIA

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: O enigma do olhar*. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 39. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2003. p. 33-56.

GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MACHADO DE ASSIS. *Contos escolhidos*. Seleção e apresentação de Roberto Alves. São Paulo: Klick Editora; O Estado de S. Paulo, 1999.

TOMACHEVSKI, Boris. Temática. In: EIKHENBAUM, Boris et al. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Tradução de Ana Mariza Ribeiro Filipouski et al. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1976. p. 169-204.

EÇA DE QUEIRÓS VIDA E EPISTOLARIDADE: PROCESSOS CRÍTICOS E VISÕES DA SOCIEDADE LISBOETA POR MEIO DAS MISSIVAS

Jamila Zahara Juny (Mestrado)

Telma Maciel (Orientadora)

3º semestre – Previsão de defesa: mar/2027

A correspondência como fonte de pesquisa ganhou grande importância, especialmente a partir do século XIX. Além disso, as missivas de escritores nós ajudam a entender melhor seu processo de escrita e de suas obras, sua visão artística e social, como aponta Brigitte Diaz (2016), a carta se torna “a antessala do espaço literário para aqueles que, normalmente, não tem acesso a ele.” (página 216). Dito isso, ao pensarmos na literatura portuguesa do século XIX, temos como grande referência o autor realista José Maria Eça de Queirós. Sua obra é vasta e muito bem articulada, e, para além de suas obras, temos missivas enviadas pelo autor aos seus amigos próximos, além de sua grande coleção de cartas públicas. Ana Teresa Peixinho em seu texto *A epistolaridade dos textos de imprensa de Eça de Queirós* (2010), mostra que a carta pode funcionar como um espaço de experimentação literária, no qual os jovens escritores desenvolvem técnicas e estratégias de escrita, estabelecem formas de comunicação com o outro e encontram temas, imagens e recursos discursivos que posteriormente podem ser reaproveitados na construção de suas obras. Ou seja, as correspondências construíram um corpus de suma relevância no que diz respeito ao estudo dos “meandros da produção” (Lellis, 2022) literária através dos documentos epistolares. O presente trabalho analisa, através de uma metodologia de pesquisa documental e epistolográfica, e compreender o processo de criação de suas obras literárias, seu pensamento sobre a sociedade, a arte lisboeta e global. Ademais, é imprescindível compreender que a forma epistolar em Eça de Queirós é muito mais de um gênero reservado a sua vida política e privada, as cartas estão presentes em grandes obras do autor como parte de sua produção e forma. Não é por acaso que o primeiro romance publicado pelo autor *O mistério na estrada de Sintra* (1870) se construiu como um romance epistolar, no qual as cartas ajudam a confeccionar a narrativa e assumem uma importante função na percepção ilusória criada com o leitor. Ainda segundo Peixinho (2010) o uso da carta na obra

de Eça de Queirós ultrapassa sua função cotidiana e utilitária, constituindo-se como uma estratégia discursiva recorrente em diferentes textos e obras do autor. A frequente adoção da forma epistolar mostra sua centralidade na produção queirosiana e demonstra que essa escolha formal não é aleatória e está relacionada às funcionalidades e potencialidades expressivas que a carta oferece no interior de sua obra. Em sua obra *As correspondências de Fradique Mendes* (1900), criação coletiva entre Eça de Queirós, Antero de Quental e Jaime Batalha Neves, a qual mais utilizada por Queirós e se caracteriza por seu um quase heterônimo do autor. Quando o narrador da obra apresenta uma justificativa para a publicação das correspondências de Fradique, ele diz “eis aí uma maneira de perpetuar as ideias de um homem que eu afoitamente aprovo - publicar-lhe a correspondência! Ah desde logo esta imensa vantagem: - que o valor das ideias (e, portanto, a escolha das que devem ficar nessa aparência não é decidido por aquele que as conheceu, pastor um grupo de amigos e de críticos, tanto mas livres e mais exigentes no seu julgamento quanto mais julgando o morto que só deseja mostrar ao mundo pelos seus lados superiores iluminados” (Queirós, s/d, p. 108). A partir dessas considerações, a pesquisa busca compreender de que maneira as cartas de Eça de Queirós podem contribuir para a interpretação de sua obra literária, especialmente no que se refere à construção de seu projeto realista e à elaboração de uma crítica à sociedade portuguesa oitocentista. As correspondências do autor mostram aspectos íntimos de sua vida intelectual, além de discussões sobre literatura, política, estética, recepção crítica e circulação editorial de suas obras. Dessa forma, as cartas permitem observar o escritor em movimento, refletindo sobre sua própria produção e formulando posicionamentos diante das transformações culturais e sociais de seu tempo. Entre as obras que ocupam lugar central nesta pesquisa está *O Primo Basílio*, romance publicado em 1878 e amplamente debatido pela crítica da época. As cartas escritas durante o período de elaboração e recepção do romance demonstram um Eça profundamente preocupado com questões formais, como a construção das personagens, o excesso descritivo e os limites do Realismo. Em diversas correspondências dirigidas a interlocutores como Ramalho Ortigão, Teófilo Braga e Oliveira Martins, o autor discute os objetivos de sua literatura, defende o Realismo como instrumento de crítica social e expõe as dificuldades do processo criativo. Além disso, conseguimos ver como a epistolografia queirosiana ultrapassa o caráter meramente documental e assume funções literárias próprias.

Conforme aponta Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), a carta é um gênero híbrido, marcado pela flexibilidade de formas e pela constante oscilação entre intimidade, documento e elaboração discursiva. Em Eça, essa hibridez manifesta-se de maneira intensa, uma vez que suas correspondências frequentemente se aproximam do ensaio, da crônica e até mesmo do manifesto literário. Assim, as cartas não devem ser compreendidas só como um complemento biográfico de sua obra ficcional, mas parte integrante de seu pensamento intelectual e artístico. Desse modo, podemos rastrear que a correspondência de Eça de Queirós constitui um espaço fundamental para compreender tanto os bastidores da criação literária quanto a construção de seu posicionamento crítico diante da modernidade portuguesa. Ao analisar as cartas em diálogo com suas obras ficcionais, busca-se evidenciar como a escrita epistolar participa ativamente da elaboração de sua estética realista e de sua visão acerca da literatura como forma de observação e intervenção social. A dissertação organiza-se em três capítulos principais. No primeiro capítulo, intitulado “Eça de Queirós e a epistolaridade vivida”, temos uma discussão teórica acerca da carta enquanto documento histórico, literário e estético, refletindo sobre a consolidação da epistolografia como objeto de pesquisa e sobre as especificidades da escrita epistolar no século XIX. Além disso, busca-se compreender a relação entre carta, subjetividade e construção discursiva, discutindo a correspondência como espaço de expressão intelectual e artística. Ademais, esse capítulo discute a veracidade ou intenção de uma carta escrita por um escritor. O segundo capítulo, “As cartas como expressão ideológica em Eça de Queirós”, volta-se para a análise das correspondências do autor enquanto manifestação de seu pensamento crítico acerca da literatura, da sociedade portuguesa e do Realismo. Nesse momento, serão analisadas cartas em que Eça discute arte, política, imprensa, nacionalismo, modernidade e crítica social, evidenciando o papel da correspondência na formulação de seu posicionamento ideológico e estético. Aqui é discutido também de que forma as missivas se consolidam desde muito cedo como uma forma de escrita queirosiana. Já o terceiro capítulo, “Processo de criação pelo meio epistolar”, dedica-se à investigação das cartas como espaço de elaboração literária e reflexão sobre a própria escrita. O foco principal será a análise do processo criativo de O Primo Basílio, observando como Eça comenta a construção das personagens, os limites do Realismo, a recepção crítica da obra e suas inquietações estéticas. Além disso, serão discutidas outras correspondências e a

presença da epistolaridade em *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900), compreendendo a carta como documento e como parte integrante da produção literária queirosiana. Por fim, temos esse processo por meio das missivas sobre outras obras do autor.

BIBLIOGRAFIA

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores do século XIX*. Tradução de Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

PEIXINHO, Ana Teresa Fernandes. *A epistolaridade nos textos de imprensa de Eça de Queirós*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2010.

QUEIRÓS, Eça de. *Iniciação a Eça de Queirós*. Organização de Cristiane Navarrete Tolomei. 1. ed. São Paulo: Mentis Abertas, 2022.

O AMOR IMPOSSÍVEL EM SÁ-CARNEIRO: INVENÇÃO LITERÁRIA E CRISE DO EU

Giulia Armagno Liuti (Mestrado)

Telma Maciel da Silva (Orientadora)

3º semestre – Previsão de defesa: mar/2027

Este trabalho em andamento consiste em uma leitura analítica e interpretação do amor na obra de Mário de Sá-Carneiro. Pretende-se avaliar a forma com a qual certos poemas de sua autoria (com foco inicial em *Dispersão* e *Indícios de Ouro*), além da sua prosa ficcional (notadamente *Céu em Fogo* e *A Confissão de Lúcio*) articulam a percepção e a apresentação do sentimento amoroso sob a influência direta das acepções culturais e filosóficas dos contextos históricos em que ocorreram. São observadas e confrontadas obras de naturezas estéticas diversas; portanto, pretende-se demonstrar como diferentes suportes textuais — a poesia, a prosa e a correspondência — articulam diferentes formas de expressão, representação e demonstração do afeto. A obra de Sá-Carneiro é frequentemente associada por parte da recepção a um viés puramente biográfico, leitura essa realizada pelo persistente pessimismo de seus escritos e pelo seu trágico suicídio em Paris. Há sim, inegavelmente, como pretendo demonstrar ao longo da pesquisa, uma fusão visceral entre vida e obra. Entretanto, objetivando evitar — ou pelo menos não adotar como foco central de estudo — análises patologizantes já amplamente postas na fortuna crítica, tais como diagnósticos psicológicos ou a mera constatação da instabilidade do eu-lírico, este estudo busca investigar o fenômeno amoroso sob o que considero que foi ignorado ou secundarizado pela crítica tradicional: a impossibilidade do amar. Para isso, tomamos inicialmente como *corpus* a produção escrita do poeta português Mário de Sá-Carneiro (1890-1916), que compreende sua correspondência pessoal, sua incipiente crítica literária, sua produção de novelas e contos e sua poesia. Em um primeiro momento do projeto metodológico, limitamos a um limite de cerca de 25 poemas de toda sua obra poética nos quais percebemos a temática estudada de forma mais premente. Como mencionado, a análise será também baseada nas acepções culturais e filosóficas da virada do século. Ou seja, é indispensável para o estudo de Sá-Carneiro considerar a crise do sujeito moderno em consonância com as coordenadas estéticas do início do século XX em Portugal, momento em

que a revista *Orpheu* (1915) inaugurou o modernismo português ao traduzir a fragmentação do sujeito contemporâneo em severa ruptura formal e estética. A finalidade de estabelecer essa conexão histórica e formal é demonstrar que, em um ambiente de crise civilizacional e desestabilização identitária, a fragmentação será o elemento que permeia toda a produção do autor. Essa instabilidade identitária é, precisamente, a condição que tornará o amor, minimamente, difícil de se concretizar no plano empírico ou ficcional, visto que é de se considerar que não se pode amar plenamente quando o próprio ser que ama não possui consistência para tal, isto é, quando carece de uma unidade interna. Se o Cubismo nas artes plásticas rompeu a representação unitária e linear do objeto para mostrá-lo em múltiplos ângulos simultâneos na tela, Sá-Carneiro aplica esse mesmo princípio epistêmico ao sujeito amoroso: o ser que ama é múltiplo, desconexo, refratado e essencialmente contraditório. Valemo-nos, então, do amparo conceitual de alguns teóricos e estudiosos de Sá-Carneiro. O primeiro deles, Fernando Paixão, abordará o recorrente “desejo de ser outro”, constante na obra sá-carneiriana. O autor vale-se do mito de Narciso ao propor um eu poético que se consome na tentativa de capturar a própria essência na linguagem da arte através de uma paradoxal estratégia de autodestruição. Na sequência, mobilizam-se as reflexões de Hugo Friedrich acerca da estrutura da lírica moderna, o qual identifica as tensões inerentes ao isolamento, à dissonância e à despersonalização do sujeito contemporâneo diante da modernidade tardia. Além disso, há também uma demonstração teórica de como o amor é concebido e entendido além da literatura, mas no processo histórico, valendo de exemplo a leitura de *O Banquete*, de Platão e para maior entendimento no viés da filosofia, a ancestralidade, mitos africanos, indígenas, orientais, ocidentais sobre o amor, perpasso por Renato Nogueira a fim de refletir sobre os diferentes significados desse sentimento. No percurso investigativo desenvolvido durante os semestres de pesquisa, entendemos que Mário de Sá-Carneiro se vale de recursos verbais e sintáticos específicos para retratar o eu em fragmentos, descrevendo-se constantemente como alguém perdido dentro de si mesmo e, ao mesmo tempo, em perpétua contradição ao tematizar o próprio fazer poético. Embora haja certa visão consolidada pelo senso comum a respeito do amor como um encontro, um desenvolvimento linear entre as fases de conhecer, desenvolver e amar, vemos na obra de Sá-Carneiro que o sentimento se torna uma impossibilidade crônica. Para fazer essa análise de modo mais completo e robusto, ampliamos

progressivamente nosso *corpus* para a sua obra completa. Na poesia, investigamos os livros *Dispersão*, *Indícios de Oiro*, *Últimos Poemas*, *Poemas Dispersos* e *Primeiros Poemas*. Na prosa, destaca-se o volume *Princípio* (composto por novelas e contos), além de *A Confissão de Lúcio* e *Céu em Fogo*. Adentramos também sua produção na dramaturgia, como as peças *Amizade* e *A Alma*, além de sua correspondência pessoal e literária, sobretudo as direcionadas a Fernando Pessoa. Munidas dessas obras, procedemos a um mapeamento e a um panorama predominantemente quantitativo e qualitativo das referências, sejam elas voltadas à relação amorosa propriamente dita, ao amor manifestado nas relações de amizade, ou à descrição da figura da mulher amada e da figura feminina no geral. Portanto, o capítulo inicial da dissertação encontra-se segmentado em eixos teóricos que englobam as condições históricas e culturais, a análise da fortuna crítica e a recepção do tema do amor com o claro objetivo de contextualizar essa recepção estética. Sendo assim, o trabalho nesse atual momento se encontra dividido em: 1) a fortuna crítica acerca do contexto sócio-histórico-literário português, composta principalmente por Massaud Moisés, em sua escrita historiográfica sobre o modernismo português, e Hugo Friedrich, em sua análise sobre a poesia moderna e as leituras teóricas sobre o amor; 2) a bibliografia e teoria de análise com foco em Sá-Carneiro, como a dissertação de Miguel Almeida, o livro *Narciso em Sacrifício* de Fernando Paixão, e as formulações de Neusa Sorrenti, fundamentais para delimitar o conflito insolúvel entre as forças míticas e pulsionais de Eros e Tânatos; 3) a evolução da acepção do amor na história da literatura ocidental e sua respectiva recepção na obra do autor citado. Até o presente momento da pesquisa, identificamos manifestações amorosas de formas variadas na sua poesia, mas que invariavelmente apontam para a sua própria dispersão, como o título de sua obra poética já indica de antemão. Até a elaboração deste resumo, foi escrita a primeira versão do capítulo um - que se encontra em revisão e correção -, intitulado "Fundamentos do amor em Sá-Carneiro", o qual se subdivide em: 1.1 – As condições históricas e culturais que configuram a sensibilidade modernista e a recepção do amor; 1.2 – Mário de Sá-Carneiro: Vida e Obra; e 1.3 – As matrizes teóricas que orientam a interpretação do afetivo, além da Introdução geral da dissertação. Conta-se também com o planejamento e seleção de poemas a serem analisados no capítulo dois, que será pautado nas definições do amor ao longo da literatura e na análise detida de sua obra poética. Espera-se, nos próximos capítulos e etapas do cronograma,

desenvolver as seções sobre a sua prosa ficcional e a representação complexa da figura feminina.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Miguel. *A impossibilidade em Mário de Sá-Carneiro*. 2012. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura), Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

LEAL, Tereza Rita. *Pessoa e Sá-Carneiro: Itinerário de um percurso estético iniciado e comum*. [S. l.: s. n.], [s.d.].

MARTINS, Fernando Cabral. *O Modernismo em Mário de Sá-Carneiro*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

MOISÉS, Massaud. Modernismo. In: MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 2003. p. 235-309.

NASCIMENTO, Bernardo Amorim de. A experiência do sujeito em *Dispersão*, de Mário de Sá-Carneiro. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, Belo Horizonte, v. 27, n. 38, p. 101-114, 2007. DOI: 10.17851/2359-0076.27.38.101-114. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/30986>.

NOGUEIRA, Renato. *Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor*. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

PAIXÃO, Fernando. *Narciso em sacrifício: a poética de Mário de Sá-Carneiro*. Cotia: Ateliê, 2003.

PLATÃO. *O Banquete*. Trad. Bernardo L. Brandão. Campinas: Vide Editorial, 2024.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Em Ouro e Alma: Correspondência com Fernando Pessoa*. Organização de Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china, 2015.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

O CONTO DE VICTOR GIUDICE: ENTRE A TRADIÇÃO E O EXPERIMENTALISMO

Alexandre Leidens (Doutorado)

Miguel Heitor Braga Vieira (Orientador)

3º semestre – Previsão de defesa: nov/2028

Victor Giudice (1934-1997) foi um influente escritor carioca da segunda metade do século passado. Teve uma produção literária relativamente breve, contando com quatro livros de contos e dois romances. À sua obra, ainda, se somam algumas peças de teatro, projetos inacabados, poemas inéditos e textos variados, veiculados em diversos jornais e suplementos literários pelo país. A literatura de Giudice teve ampla circulação em determinados momentos, sobretudo nos anos setenta, oitenta e noventa; entretanto, após a sua morte, aos poucos os seus livros foram saindo de catálogo, de modo que hoje pode ser considerado um autor desconhecido do grande público. Mesmo assim, a sua literatura foi tema de trabalhos acadêmicos, de forma que alguns artigos, capítulos de livros, dissertações e teses refletem sobre pontos específicos da sua obra. Nesse meio, destacam-se abordagens que consideram o experimentalismo e a ditadura (Melo, 2011); as relações entre o personagem e o espaço na concepção dos contos (Scoville, 2004); a sociedade observada sob um viés criminológico (Souza, 2017); o absurdo como crítica social (Rodrigues, 2018); o insólito (Sens, 2018), dentre outros. Apesar de ser mais lembrado pelos acadêmicos do que pelo público em geral, é possível afirmar que, quando em vida, Giudice alcançou grande sucesso, tanto de público quanto de crítica: teve livros e contos avulsos traduzidos e publicados em coletâneas ao redor do mundo; foi elogiado por escritores e também por diferentes críticos literários. A exemplo, no *Jornal do Brasil*, ao avaliar o seu último livro, Wilson Martins referenda: “Com ‘*Museu Darbot*’, Victor Giudice se afirma como contista de nível internacional” (1995, p. 4); Lázaro Barreto também tende a prospectar um enorme alcance para a sua literatura e enfatiza que Giudice é “uma resposta brasileira ao gênio latino-americano de Jorge Luiz Borges, Cortázar, Carlos Fuentes e Gabriel Garcia Márquez” (Giudice, 1979, contracapa); Nelly Novaes Coelho, por sua vez, quando escreve sobre *Necrológio* (1972) em *Escritores Brasileiros do século XX: um testamento crítico* (2013), declara que Giudice promove “uma das mais originais desmistificações da

‘sociedade das aparências’, em que vivemos – entre os valores deteriorados (mas ainda vigentes) da Tradição herdada e os novos valores (em germinação caótica)” (p. 925). Além disso, ela fecha o ensaio sobre Giudice lembrando que a sua obra “é das que aguardam, do futuro, o reconhecimento de seu lugar no acervo da Ficção Brasileira do século XX” (2013, p. 944). De certa forma, através da discussão dos quatro livros de contos de Giudice: *Necrológio* (1972); *Os banheiros* (1979); *Salvador janta no Lamas* (1989); e *O Museu Darbot e outros mistérios* (1994), este trabalho pretende fazer uma revisitação histórico-literária à sua obra, elucidando alguns dos pontos elencados acima, principalmente por Barreto e Coelho. Buscar-se-á fazer uma revisão crítica desses livros, com o propósito de estabelecer ou sugerir o espaço da produção de Giudice no arcabouço do conto brasileiro das últimas décadas do século XX. Ademais, visto que muitos dos seus contos detêm características que podem os vincular ao experimentalismo, ao fantástico e ao absurdismo, pretende-se observar a sua produção em paralelo à contística latino-americana, ancorada no fenômeno editorial do realismo mágico, do fantástico, do realismo sincrético ou novo realismo (Gonzaga, 2018), que a catapultou sobretudo nos anos sessenta e setenta. Crê-se que a aproximação temporal e temática, de certa forma, favorece uma possibilidade de comparação, ainda que breve, com alguns expoentes do conto latino-americano. No entanto, importa frisar que Giudice não pertence exatamente a este ou aquele grupo, a este ou aquele movimento; pelo contrário, transita muito bem entre a tradição e o experimentalismo, entre o consolidado e a novidade. De modo geral, a temática da sua literatura é ampla e, também, atrelada ao seu tempo: a ditadura militar; os problemas sociais, econômicos e trabalhistas; a “derrocada” da burguesia carioca, tão arraigada a valores insustentáveis; as obviedades descortinadas pelo absurdo e pelo humor corrosivo. Giudice constrói narrativas que não apenas entretêm, mas que, de maneira original, também colocam em xeque muitos dogmas, postulados, concepções prévias, certezas inabaláveis e verdades absolutas. Nesse sentido, há que se citar uma frase do próprio autor, que ilustra a sua concepção acerca da ficção e, de certa forma, abraça toda a sua produção literária: “A ficção parece absurda porque é a realidade despojada de todas as mentiras” (Giudice, 1972, contracapa). De modo geral, é exatamente esse o movimento realizado pelos seus contos, tanto em um contexto experimental ou inovador, quanto em um contexto mais tradicional ou formal de escrita no gênero. Sob essa ótica, é importante apontar também a influência da música (Almeida,

2016) e das artes visuais na sua produção. Giudice, inclusive, atuou como crítico musical no *Jornal do Brasil* e produziu as capas de três dos seus livros de contos - *Necrológio*, *Salvador janta no Lamas* e a primeira edição de *O Museu Darbot e outros mistérios* -. A proposição estética, na construção das capas, tende a abrir ainda mais possibilidades de leitura dos contos, de tal forma que subverte, em alguns casos, as atribuições mais comuns a cada paratexto editorial (Genette, 2009), fazendo com que a conexão entre imagem e texto crie uma nova, ou diferente, relação da narrativa com a materialidade do objeto estético do livro. De certa forma, o trabalho de Giudice como capista se aproxima, em determinado grau, da concepção estrutural de Cortázar para *O jogo da amarelinha* (1963/2019) porque, nos dois casos, há uma subversão de padrões literários e, mais do que isso, há a sugestão de novas formas de leitura, o que também não deixa de ser um experimento. A partir da discussão da tese, no sentido de reflexão, análise, comparação e revisitação histórico-literária, espera-se sugerir respostas às seguintes questões: Que lugar Víctor Giudice ocupa na literatura brasileira do fim do século XX ou, mais precisamente, tendo em vista o escopo de trabalho da pesquisa, que lugar Víctor Giudice ocupa na contística brasileira desse período? Partindo do pressuposto de que é possível realizar um diálogo da sua obra com os expoentes do *boom* latino-americano, de que forma essa aproximação altera a sua posição no arcabouço histórico da literatura brasileira? Para que seja possível debater tais questões, em primeira instância, a pesquisa buscará analisar de forma pormenorizada os livros de contos de Giudice, fazendo um mapeamento da sua produção e buscando averiguar como a sua literatura pode ser alocada no espectro do conto brasileiro da época, sobretudo quando observada em paralelo à produção dos autores mais conhecidos e proeminentes do gênero. Nesse processo, serão levantadas algumas das propriedades do conto, desde as concepções tradicionais mais formais, por assim dizer, até as concepções voltadas à inovação e ao experimentalismo. Para isso, as questões teóricas serão baseadas em reflexões de autores como Poe (2011), Cortázar (2015), Piglia (2004), Teles (1969), Bosi (2015), Hohlfeldt (1988), Gotlib (1998), Kiefer (2011), dentre outros. Posteriormente, será realizada uma aproximação da produção de Giudice com os expoentes do conto latino-americano, sobretudo os que com ele compartilham de alguma afinidade temática e/ou de abordagem narrativa. Os estudos de Gonzaga (2018) serão fundamentais para refletir acerca do *boom* da literatura latino-americana e servirão também como base para uma observação

mais ampla acerca das características da literatura daquele período e das suas possíveis relações com a obra de Giudice. Por fim, crê-se que uma das tarefas dos estudos literários é justamente a revisitação de autores como Victor Giudice, reconhecendo, identificando e postulando o seu lugar no acervo histórico da literatura brasileira.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Tereza Virginia de. Victor Giudice e o ritmo irresistível. *Organon*, Porto Alegre, v. 31, n. 61, p. 49-63, jul/dez, 2016.

BOSI, Alfredo (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

COELHO, Nelly Novaes. *Escritores Brasileiros do Século XX: um testemunho crítico*. Taubaté: LetraSelvagem, 2013.

CORTÁZAR, Julio. *O jogo da amarelinha*. Tradução de Eric Nepomuceno. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CORTÁZAR, Julio. *Aulas de literatura*. Berkeley, 1980. Tradução de Marylene Pinto Michael. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

GIUDICE, Victor. *Necrológio*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro. 1972.

GIUDICE, Victor. *Os banheiros*. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

GIUDICE, Victor. *Salvador Janta no Lamas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

GIUDICE, Victor. *Museu Darbot e outros mistérios*. Rio de Janeiro: Leviatã, 1994.

GONZAGA, Sergius Antônio Marsicano. *O esplendor da ficção: o boom da literatura latino-americana e a obra de Mario Vargas Llosa*. 2018. 326p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2018.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1998.

HOHLFELDT, Antonio Carlos. *O conto brasileiro contemporâneo*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

KIEFER, Charles. *A poética do conto: de Poe a Borges – um passeio pelo gênero*. São Paulo: Leya, 2011.

MARTINS, Wilson. Idades da ficção: Com Museu Darbot, Victor Giudice se afirma como contista de nível internacional. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 1, jul. 1995. Caderno Ideias, p. 4-4.

MELO, Maria Albertina Freitas de. *Necrológio de Victor Giudice: artimanhas ficcionais em tempos ditatoriais*. 2011. 152p. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2011.

PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 89-94.

POE, Edgar Allan. A Filosofia da Composição. In: POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Tradução de Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

RODRIGUES, Elton da Silva. Cortázar e Giudice: o absurdo como crítica social In: ALMEIDA, Tereza Virginia; VELOSO, Carolina; SALVIATO, Anna Viana; MENIM, Luisa. *Museu Victor Giudice*. Florianópolis: UFSC, 2018. p. 103-114.

SENS, Rafael Muniz. Auridéa e o mundo insólito de sua peregrinação em Necrológio In: ALMEIDA, Tereza Virginia; VELOSO, Carolina; SALVIATO, Anna Viana; MENIM, Luisa. *Museu Victor Giudice*. Florianópolis: UFSC, 2018. p. 55-65.

SCOVILLE, André Luiz Martins Lopez de. *Abrindo o arquivo: relações entre personagem e espaço nas narrativas de Victor Giudice*. 2004. 145p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

SOUZA, Liana Aparecida Pauluka de. *Entre a fábrica e o cárcere: uma leitura de dois contos de Victor Giudice pelo viés da criminologia*. 2017. 140p. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

TELES, Gilberto Mendonça. *O conto brasileiro em Goiás*. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1969.

VELOSO, Carolina. Anos 70: censura e violência na obra de Victor Giudice. *In*: ALMEIDA, Tereza Virginia; VELOSO, Carolina; SALVIATO, Anna Viana; MENIM, Luisa. *Museu Victor Giudice*. Florianópolis: UFSC, 2018. p. 115-134.

MINHA ESPINHA É TUA CORDILHEIRA: MAPEANDO A POESIA LATINO-AMERICANA DE RESISTÊNCIA NO SÉCULO XXI

Matheus Willian Migotto (Doutorado)

Miguel Heitor Braga Vieira (Orientador)

5º semestre – Previsão de defesa: fev/28

Frederico Garcia Fernandes (1ª arguição)

A América Latina, na segunda metade do século passado, sob o conturbado contexto da Guerra Fria e da Doutrina de Segurança Nacional estadunidense, viveu a ascensão de regimes autoritários de caráter militar que implantaram ditaduras em pelo menos 13 países, incluindo: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, Panamá, Paraguai, Peru e Uruguai. Durante esse período, na literatura, presenciou-se o *boom* latino-americano e a proliferação de escritores fazendo poesia de resistência, ou seja, de forte caráter político e social em contestação às violações perpetradas por esses Estados de exceção. A partir dos anos 90, com a dissolução dos regimes, e nos anos 2000, em especial depois do 11 de setembro, houve uma significativa alteração na dinâmica geopolítica internacional. Todavia, o que de fato mudou, desde então, para os povos desses países do agora denominado Sul Global? Ou melhor, como os poetas latino-americanos passaram a manifestar em sua poesia, a partir de então, as vicissitudes e as lutas de se viver em territórios da periferia do capital? Do Brasil a Honduras, do Uruguai a Guatemala, do Chile à República Dominicana, quais os principais temas de resistência retratados por esses escritores e quais aproximações podem ser feitas entre poéticas de realidades tão distintas e distantes? Haveria nessa poesia uma identidade? Ou ainda, como propõe Ana Pizarro (2014), quais identidades se constroem a partir dessa diferença, da heterogeneidade dessas Américas Latinas? Baseando-se em tais questões, surge a motivação para o objetivo desta pesquisa: propor uma cartografia da poesia de resistência latino-americana produzida nas últimas duas décadas e meia. A tarefa parece insensata, como propõe o professor, escritor e crítico literário mexicano Federico Guzmán Rubio (2023): “Pretender cartografiar la literatura latinoamericana de lo que llevamos de siglo es absurdo. Sin embargo, hacerlo es una reivindicación de la calidad y diversidad de un presente literario que vale la

pena leer.” Contudo, Rubio não só justifica a importância de tal trabalho, como demonstra a possibilidade fazê-lo ao cartografar, ele mesmo, a prosa latino-americana do século XXI. Em específico, os romances e coletâneas de contos com forte teor social e político. Uma outra justificativa, mais poética, que inclusive inspira o título desta pesquisa, surge dos versos da canção “Latinoamérica”, da dupla portorriquenha *Calle 13* (2010): “Soy un pedazo de tierra que vale la pena / Soy América Latina / um pueblo sin piernas, pero que camina”. Por isso este tipo de trabalho se torna tão necessário. E embora existam algumas antologias e coletâneas da produção literária latino-americana – seja em prosa, seja em poesia –, todas elas ou se restringem ao século XX ou, quando adentram o século XXI, abordam pouquíssimos autores, de modo bastante específico e sem se dedicar exclusivamente a temáticas de resistência. Assim, esta pesquisa objetiva, a partir do estudo crítico da produção poética latino-americana das duas últimas décadas, a elaboração de um mapeamento inédito de sua poesia de resistência, mediante o seguinte percurso metodológico: (i) apresentar o que se entende por poesia de resistência na atualidade; (ii) compreender o que é este território denominado América Latina e quais seus limites, identidades e possibilidades; (iii) definir, dentro desse vasto e movediço conceito, quais países seriam incluídos no *corpus* e a metodologia de busca pelos autores; (iv) investigar as relações e aproximações entre textos oriundos de territórios e realidades distintos; (v) dividir os poemas, a partir de todo o material coletado, em eixos temáticos, possibilitando uma análise comparada entre eles; (vi) construir, por meio dessas análises, um mapa, dentro dos recortes, possibilidades e restrições desta pesquisa, da poesia de resistência latino-americana neste quarto de século. Para tal, foram adotados os seguintes paradigmas: (a) o conceito de América Latina sob o paradigma de um território expandido, como Sul Global ou Abya Yala (termo do povo originário Kuna que significa “terra em plena maturidade”), que inclui, por exemplo, países caribenhos de língua inglesa, os quais sofreram as mesmas pressões estruturais de outros países latino-americanos, e povos originários, cujas poéticas expressam a defesa de seu território e línguas para além da divisão moderna de Estados-nação; (b) por consequência, a poesia de resistência como a confluência de três povos distintos, o que inclui, para além de um legado eurocentrado, poéticas indígenas e afro-diaspóricas; (c) a Cordilheira dos Andes não como fronteira geográfica ou barreira simbólica entre os diferentes territórios, mas como o ponto de partida e metáfora de um eixo estruturante para conectar

essas poéticas; (d) uma compreensão desierarquizada dos autores e poemas integrantes do *corpus* privilegiando o diálogo e as trocas entre eles, independentemente de sua origem, língua ou acúmulo de capital simbólico. Ademais, a seleção dos poemas atenderá também aos seguintes critérios: (i) cronológico: textos produzidos a partir de 2001; (ii) geográfico: textos de autores oriundos (se possível) de todos os países dessa América Latina expandida; (iii) diversidade linguística: textos em pelo menos quatro dos principais idiomas falados na América Latina (português, espanhol, francês e inglês), além de poemas em idiomas de povos autóctones, como o quíchua (quíchuas, Peru e Equador), o aymara (aymaras, Bolívia) e o mapuzungun (mapuches, Chile e Argentina); (iv) temático: textos que dialoguem com os dilemas contemporâneos do povo latino-americano. Assim, a tese estrutura-se em duas partes. A primeira, consiste nos capítulos de conceituação sobre os recortes da pesquisa e da revisão teórica e conceitual, os quais objetivam situar o leitor e embasar a proposta apresentada. A segunda parte compreende os capítulos em que serão discutidos textos selecionados dos autores catalogados no *corpus* da pesquisa. O critério de amostragem para as análises faz-se necessário para conferir profundidade à tese, evitando sua conversão em mero catálogo bibliográfico superficial (inventário) em vez de uma cartografia crítica. Cada capítulo dessa parte, portanto, está pensado como um eixo temático, que funcionará como fio condutor para colocar em diálogo poemas de distintos territórios. Como aportes teóricos para embasar as discussões sobre o contexto histórico latino-americano, suas literaturas, culturas e identidades no século XXI, mobilizam-se teóricos tais como: Eduardo Galeano (1971), Darcy Ribeiro (2014), Ana Pizarro (2013; 2014; 2021) e Grínor Rojo (2023). Sobre poesia, resistência e letramento, empregam-se autores clássicos como Alfredo Bosi (1977) e Ángel Rama (1984) para contextualizar as poéticas de resistência nas ditaduras do século XX e o uso elitizado da palavra e, em contraponto, panoramas mais recentes como as literaturas pós-autônomas, de Josefina Ludmer (2010) e a subversão, pelo colonizado, no uso da língua colonizadora, Homi K. Bhabha (1994). Outros autores, tais como Achille Mbembe (2018), Jean Franco (2013) e Clément Animan Akassi (2023) serão mobilizados conforme os capítulos dos eixos temáticos forem sendo desenvolvidos. A pesquisa encontra-se atualmente em início de escrita da parte teórica e em etapa avançada de construção do seu *corpus*, contando com cerca de 500 autores identificados de 30 países e 200 páginas de poemas pré-selecionados. Das

leituras efetuadas, já emergiram alguns eixos possíveis, tais como: poéticas oriundas das realidades migrantes; poéticas feministas e de luta por direitos LGBT; poéticas pela manutenção da cultura, língua e território dos povos originários; poéticas antirracistas e de denúncia à violência estatal e à extrema desigualdade social, entre outras. Por fim, após a primeira arguição e o estágio doutoral no exterior, foi realizada uma adequação no escopo da pesquisa. Inicialmente, a tese previa trabalhar não apenas com a construção de uma cartografia da poesia latino-americana, como selecionar ao menos um texto de cada país e realizar traduções artísticas (transcrições) desses poemas. Com a imensa ampliação do *corpus*, optou-se por focar na cartografia e na análise dos textos, deixando a proposta de transcrição para trabalhos futuros, e empregando a tradução apenas como uma ferramenta de compreensão semântica.

BIBLIOGRAFIA

AKASSI, Clément Animan. (ed.). *Migraciones, desplazamientos y movimientos africanos/ diaspóricos: historias, políticas y poéticas*. Cali, CO: Universidad del Valle, 2023.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad: M. Ávila, E. L. L. Reis, G. R. Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998 [1994].

BOSI, Alfredo. Poesia-resistência. In: _____. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Cultrix, 1977.

FRANCO, Jean. *Cruel Modernity*. Durham, EUA: Duke University Press, 2013.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Trad. Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2012. [1971].

LATINOAMÉRICA. Intérprete: Calle 13. Compositores: R. Pérez; E. Cabra; R. Arcaute. In: ENTREN los que quieran. Intérprete: Calle 13. San Juan: Sony Music, 2010. 1 disco sonoro, faixa 7.

LUDMER, Josefina. *Aquí América Latina: una especulación*. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2010.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Trad. Renata Santini. Rio de Janeiro: N-1 Edições, 2018.

PIZARRO, Ana (ed.). *América Latina: palabra, literatura y cultura*. Santiago: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2013.

PIZARRO, Ana. Delimitación del área. In: _____ (coord.). *Latinoamérica: el proceso literario* Santiago: Ril Editores, 2014. p. 31-41.

PIZARRO, Ana. *Travesías*. Santiago, Chile: Editorial Hueders, 2021.

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2015. [1984].

RIBEIRO, Darcy. *América Latina: a pátria grande*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2014.

ROJO, Grínor. *La cultura moderna de América Latina: tercera modernidad (1973-2020) – Volumen III*. Santiago de Chile: LOM, 2023.

RUBIO, Federico Guzmán. El territorio indómito: mapa de la literatura latinoamericana del siglo XXI. *Letras Libres*, 2023. Disponível em: <https://letraslibres.com/literatura/federico-guzman-rubio-mapa-literatura-latinoamericana-siglo-xxi/>. Acesso em: 01 jun. 2026.

“EMBOSCADO NA MINHA ESCRITURA”: A METAPOESIA VIAJANTE DE ALEJANDRA PIZARNIK

Diogo Pablos Florian (Doutorado)

Miguel Heitor Braga Vieira (Orientador)

5º semestre – Previsão de defesa: fev/28

Laura Taddei Brandini (1ª arguição)

A obra da poeta argentina Alejandra Pizarnik (1936-1972) configura-se como uma das mais significativas quando se trata do panorama literário e cultural recente. Responsável por um conjunto de obras que transitam entre gêneros literários como a poesia, os diários e as epístolas, Pizarnik teve recentemente suas obras poéticas e de prosa traduzidas para a língua portuguesa pela editora Relicário. Entre suas principais obras de poesia, estão *Árvore de Diana* (1962), *Os trabalhos e as noites* (1965), *Extração da Pedra da Loucura* (1968) e *O Inferno Musical* (1972). Já *Prosa completa* (2025) foi organizada e lançada postumamente, com a primeira edição em espanhol em 2002. Para tratar do cenário de pesquisa de sua fortuna crítica, pensando em publicações de artigos, dissertações e teses, foi possível observar um aumento no volume de estudos dedicados a Alejandra Pizarnik. Assim, a partir de um levantamento realizado nos repositórios de pesquisa acadêmica, foram identificados, inicialmente, 12 trabalhos em língua portuguesa, publicados entre 2018 e 2022, que têm Alejandra Pizarnik como objeto de estudo ou que realizam análises em diálogo com outras poetisas, sendo 8 dissertações e 4 teses. Em 2026, o número é de 19, o que é um dado importante, porque demonstra o crescente interesse da academia pela autora. De modo geral, essas pesquisas tratam de temas como tradução literária, exílio, o silêncio na poesia, o uso dos diários, o corpo na poesia, a loucura, o protagonismo feminino, a escuta poética, arquétipos femininos e perspectivas filosóficas, consolidando-se como uma contribuição significativa ao campo de estudo – vale mencionar que dos novos trabalhos identificados nenhum compartilha do mesmo objeto desta pesquisa. Outro ponto de destaque é a observação feita pelo crítico e escritor César Aira em livro dedicado à poeta, *Alejandra Pizarnik* (1998), no qual aponta para o risco de reduzir a poesia de Pizarnik a meras "temáticas sentimentais" – expressão usada pelo autor (2004, p. 9). Destaca, ainda, que essa categorização,

apesar de anedótica, acaba reificando a obra, dificultando a compreensão do processo criativo e congelando a poeta em seu percurso. Dessa forma, ao unir essas duas observações, o objetivo do trabalho é justamente compreender o percurso da criação poética de Pizarnik. Por isso, optou-se pela metapoesia, vendo nesse processo uma imagem de projeto literário. Nos *Diários* (2003) da poeta, há uma entrada que captura com nitidez a ideia que ela própria tem da poesia e, conseqüentemente, da linguagem. No trecho de 26 de outubro de 1959, Pizarnik escreve: “*Poesía es lirismo. La poesía es experiencia — así decía Rilke. Y yo digo: experiencia de la palabra*” (2003, p. 145). No trecho, há um indício de que poesia e palavra habitam o lugar da experimentação. Nos livros, a menção à própria palavra é recorrente. Vários dos seus poemas tratam como tema a questão da palavra, da nomeação e da linguagem. A título de exemplo, “Poema”, do livro *Os trabalhos e as noites* (1965): “Tu eleges o lugar da ferida/ onde falamos nosso silêncio/ Tu fazes de minha vida/ esta cerimônia demasiado pura” (2018, p. 19). Pode-se inferir o seguinte: de um lado, trata-se de uma interlocução direta do eu lírico com o próprio poema/poética; de outro, a linguagem assume a condição de ferida e de dor, ao mesmo tempo em que manifesta um caráter ritualístico de celebração. Vida e a palavra se tangenciam no corpo ferido do poema. Desse modo, é possível aproximar essas ideias às reflexões de Octavio Paz, no livro *O Arco e a lira* (2012), justamente porque, ao tratar da poesia, afirma que nada escapa à linguagem. Assim, o autor refere-se à capacidade absoluta da nomeação como produtora da vida das coisas. Indo além, Paz (2012) elabora que coisas e palavras sangram pela mesma ferida (2012, p. 37). Partindo dessa aproximação semântica, nos primeiros passos da pesquisa, ao colocar a metapoesia como horizonte, percebeu-se que a busca pela metalinguagem, como base estruturante e de uma busca incessante da poesia e da linguagem, deveria ser o meio e não o fim. Embora a investigação partisse do interesse pela feitura do poema na obra de Alejandra Pizarnik, as leituras e seleções prévias de poemas para análise e o contato mais aprofundado com o *corpus* de pesquisa acabaram por redirecionar os rumos do trabalho. Essa reorientação teórico-crítica passou a privilegiar a temática da viagem e das formas de trânsito e deslocamento, compreendidos tanto no plano interno dos poemas quanto na própria trajetória biográfica da autora, especialmente durante o período em que residiu na França e que de lá são registradas ao menos duas de suas obras de poesias publicadas. Essa experiência de deslocamento, geográfico e poético, atravessa significativamente sua

produção poética. Portanto, a metalinguagem permanece no foco da pesquisa, mas assume novos contornos. Na condução metodológica desta tese, a seleção dos poemas de Alejandra Pizarnik está fundamentada em critérios que visam evidenciar a metapoesia e a viagem enquanto constituintes do sujeito lírico. O primeiro critério consiste na identificação de poemas que, como fonte irradiadora de sentido, exponham com nitidez o tema central da tese. Esses poemas são capazes de articular, tanto em seu conteúdo quanto em sua forma, o tema da metapoesia e a trajetória do eu lírico. Para tal, adoto uma análise dos recursos formais expressivos, além de uma investigação dos recursos sonoros e sinestésicos, que potencializam o efeito estético e reflexivo do texto. Os poemas selecionados como núcleo da análise principal serão comparados e contextualizados com outros poemas, que atuarão como pontos de diálogo, ampliando o campo semântico e permitindo uma compreensão mais dialógica e dinâmica da ideia lírica em questão. Nesse sentido, a própria experiência de trânsito e deslocamento vivida por Pizarnik oferece uma chave interpretativa relevante para pensar sua relação com a linguagem. Pizarnik tem um período de passagem por Paris (1960-1964) e de retorno à Argentina no ano de 1965, que a coloca numa posição de viajante, de *flâneur*, que no sentido clássico é aquele que caminha, vagueia, coleciona impressões do mundo. Pensando na poesia de Pizarnik, assim como o *flâneur* observa a cidade, Pizarnik observa a linguagem e as palavras como alguém que atravessa seus detalhes e nuances. Em suma, é a partir da mobilização destes dois elementos principais, metapoesia e deslocamento, que direciono minha hipótese para ser estruturada em três capítulos: em “1) O poeta viajante, a poeta viajante”, o foco é introdutório, mas também de alicerce, abrangendo a produção em torno do conceito de *flâneur* e a relação entre poesia e viagem. A base teórica recai sobre as discussões que pensam a questão da viagem, do viajante e do *flâneur*, tais como: Benjamin, Goethe, Paz, Derrida, Agamben, Kristeva, Blanchot, Machado, Pageaux e Laura Elkin, esta última introduz a ideia de uma *flâneur* feminina, a *flâneuse*; para “2) Do outro lado: Paris”, pretende-se analisar as obras *A árvore de Diana* (1962) e *Os trabalhos e as noites* (1965), obras do período parisiense; por último, “3) O retorno à América”, em que será o espaço de análise das obras *A extração da pedra da loucura* (1968) e *O inferno musical* (1972). Além disso, em ambos os capítulos de análise, intenta-se construir reflexões considerando a metapoesia como fio condutor e mobilizar os diários, as correspondências e as biografias a fim de

reforçar o processo da feitura da palavra, assegurando os objetivos de examinar de que forma as concepções de poesia e escrita aparecem na obra poética da autora, de contribuir para sua fortuna crítica e para o tema como um todo.

BIBLIOGRAFIA

AIRA, César. *Alejandra Pizarnik*. Barcelona: Ediciones Omega, 2001.

AVILA, Myriam. *Diário de escritores*. Belo Horizonte: ABRE, 2016.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2020.

BARTHES, Roland. *Da obra ao texto*. In: O rumor da língua. Trad. Mário Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. Tradução de Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1971.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHALHUB, Samira. *A Metalinguagem*. São Paulo: Editora Ática, 2005.

DERRIDA, J. *Gramatologia*. Trad. Renato Janine Ribeiro. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ECO, Umberto. *A obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Tradução de Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ELKIN, Lauren. *Flâneuse: mulheres que caminham pela cidade em Paris*, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Fósforo, 2022.

GÁRATE, Miriam Viviana. *Genealogias da escrita em Los diarios de Emilio Renzi: años de formación. Remate de Males*, Campinas, SP, v. 39, n. 2, p. 586–609, 2019. DOI: 10.20396/remate.v39i2.8656246. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8656246>. Acesso em: 23 fev. 2026.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros de nós mesmos*. Tradução de Regina Salgado. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do Romantismo à vanguarda*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PIZARNIK, Alejandra. *Árvore de Diana*. Tradução de Davis Diniz. Belo Horizonte: Relicário, 2018.

PIZARNIK, Alejandra. *Diarios*. Ana Becciu (ed.). Barcelona: Lumen, 2005.

PIZARNIK, Alejandra. *Extração da pedra da loucura*. Tradução de Davis Diniz. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

PIZARNIK, Alejandra. *O inferno musical*. Tradução de Davis Diniz. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

PIZARNIK, Alejandra. *Os trabalhos e as noites*. Tradução de Davis Diniz. Belo Horizonte: Relicário, 2018.

PIZARNIK, Alejandra. *Poesía Completa*. Barcelona: Lumen, 2020.

PIZARNIK, Alejandra. *Prosa Completa*. Belo Horizonte: Relicário, 2025.

MATA DOCE: DEPRESSÃO E MELANCOLIA

Caio Augusto de Souza (Mestrado)

Gustavo Javier Figliolo (Orientador)

Maria Carolina de Godoy (Coorientadora)

3º semestre – Previsão de defesa: mar/2027

A pesquisa tem como objetivo cotejar o romance *Mata Doce* (Aparecida, 2023) a partir da crítica literária psicanalítica, dividindo a dissertação em quatro capítulos: 1) Melancolia, depressão e questões raciais; 2) O discurso e o espaço do melancólico; 3) Espiralidade: um entrelaçamento de tempo, espaço e memória; 4) Mata doce. A crítica literária psicanalítica é um campo de notoriedade no Brasil que comporta, entre outras possibilidades, a conversação com a literatura afro-brasileira, especialmente acerca do histórico de exploração/escravização e os traumas provenientes. Quanto à obra elegida, seguindo o último levantamento (realizado no dia 31/05/2026), não constam dissertações e/ou teses que tenham o livro no *corpus* da pesquisa. Por conseguinte, somado à confluência dos estudos culturais, literários e psicanalíticos, considera-se uma grande oportunidade a conversação entre ambos na presente investigação. Acerca dos capítulos: 1) O primeiro capítulo se inicia com a introdução da melancolia, conjuntamente às semelhanças e distinções com o luto, seguindo os postulados de Freud (2013). Em seguida, a depressividade é abordada para investigar os meandros das pulsões e frustrações, seguindo Klein (2023). A depressão é introduzida ao mesmo tempo que comparada à melancolia, e, por intermédio de Kristeva (1989) e Dunker (2021), a terminologia e o conceito de melancolia são resgatados ao dialogá-los com a perspectiva filosófica e poética. A seguir, o uso de Fédida (1999) tem o intuito de demonstrar uma ótica distinta, principalmente pelo entrelaçamento com tempo e espaço (aferindo a temporalidade e o vazio). Os assuntos psíquicos foram interligados com os raciais por intermédio do banzo (Oda, 2008), como uma questão psíquica atemporal que se estende para o universo da arte. Demonstra-se os entraves do tráfico transatlântico de escravos e os prejuízos contemporâneos para realizar a conversação acerca da desigualdade e do preconceito racial, tendo como apoio Nogueira (2021), Souza (2021), Bento (2022), Paim e Paim Filho (2023), Freire et. al. (2021) e David (2024). Assim, se

explicita o sofrimento psíquico da(o) negra(o) brasileira(o) ao passo que se expõe o quanto as interações com o branco, historicamente, implicam num contexto de exploração que querem, com recorrência, manter implícito. Em suma, o melancólico é analisado, pela ótica patológica e não-patológica, como uma condição de profunda tristeza e desinteresse pelas demais interações sociais; sua fala é complexa e de difícil decodificação. Todavia, o que antes era denominado “melancolia”, modernamente, foi substituído por “depressão”, na linguagem não-científica e de um modo geral. O intento de Dunker (2021), em realizar uma biografia da depressão, auxilia-nos a comparar as condições (melancólicas e depressivas); entre os vários aspectos, os que mais se destacam são a fala desnudada do melancólico – em comparação à fala retida do depressivo – e a inconsciência de sua condição, algo que, mesmo superficialmente, o depressivo tem consciência. Fédida (1999) agrega a análise pela escrita com característica deprimida: ao mesmo tempo que trata da depressividade, desdobra-se múltiplos ângulos de aferição. Finalizando, a questão racial se divide em três aspectos: o banzo e o sofrimento psíquico histórico e contemporâneo. Tratamos da atemporalidade da “melancolia dos escravos” para depois expô-la nas obras literárias como um elemento crítico-social, evidenciando a dificuldade da(o) negra(o) brasileira(o) em se inserir na vida social do período pós-escravização e estabelecendo dimensões de contraste no contemporâneo, como o ideal de ego branco e a patologização do sofrimento negro em meio ao racismo. Para tal, abordamos a discussão do Édipo negro, implicando na problematização de estudos raciais na psicanálise. 2) O segundo capítulo parte da conexão com o estado melancólico e depressivo para investigar o discurso do melancólico (Lambotte, 1997). A perspectiva do deprimido é questionada: a assimbolia e a fala complexa – de difícil entendimento, por não poder atingir simbolizações precisas – são vistas como condicionantes para a culpabilidade de si e do outro. No discurso do melancólico, se busca a autodepreciação como forma de autopunição. E, na sequência, opta-se por ampliar o discurso do melancólico para conversação sobre o espaço que o melancólico ocupa, buscando refletir como o sujeito com melancolia interage mediante o recinto que habita. O estudo acerca do espaço se centraliza no trabalho do negativo (Green, 1999), pois a visão de variados planos de atuação – acerca da negatividade do sujeito – causa uma espacialidade efêmera que se aproxima do que nomeamos como espaço do melancólico. Como um subcapítulo, problematiza-se as espacialidades por três

vertentes: o vazio (Fédida, 1999; Green, 1999), o não-lugar (Augé, 2018; Pessanha, 2018) e a resignificação (Pessanha, 2018). Em paralelo, os três romances de Conceição Evaristo são colocados em um breve diálogo com os conceitos apresentados, são eles: *Becos da memória* (2018), *Ponciá Vicêncio* (2020) e *Canção para ninar menino grande* (2022). Sucintamente, reordenamos o discurso do melancólico para uma conversa com a nova retórica de Kristeva (1989) ao situar as dificuldades de tradução da fala do deprimido. Salienta-se a despersonalização como um movimento de saída de si para tratar-se como objeto. Com isso, problematizamos a corporeidade proveniente do vazio que o depressivo transita para promover uma espacialidade autônoma que coexista entre o concreto e o subjetivo, aferindo, igualmente, como ela provoca uma alternância interpretativa dos espaços. Portanto, o trabalho do negativo foi o conceito que habilitou o pensamento de coexistência espacial, uma vez que trata de dimensões plurais. A princípio, a concepção de “afeto materializado” – grosso modo, a representação do que está ausente – enfatiza como o sujeito lida com o objeto perdido por meio de sucedâneos. Por consequência, o processo “estruturalizante” (que diz respeito ao afeto materializado) é imprevisível, como a condição de união do melancólico e do depressivo, que Kristeva (1989) nomeou de melancólico-depressivo. Sendo assim, o não-lugar é reafirmado como um espaço que pode ser concreto e abstrato, mas que carece de identificação, pois, sem reconhecimento, será definido como vazio. Outrossim, tudo depende da existência ou não da perturbação psíquica na personagem (ou, no mínimo, uma dissimulação da narradora, apenas captada pela ótica do(a) leitor(a)). 3) O terceiro capítulo discute a espiralidade pela confluência entre tempo, espaço e memória. De modo geral, a noção de tempo centraliza a investigação, averiguando as parecenças e distinções entre o tempo psicológico na literatura e psicanálise. Utiliza-se o conceito de temporalidade humana (Bergson, 1988) para alcançar a espiralidade (Martins, 2021), entrelaçando a ancestralidade com a questão racial do primeiro capítulo. Assim, o espaço será estudado a partir de autores como Williams (1989), Dimas (1987) e Bachelard (1993), discorrendo acerca da conexão de tempo e espaço, o deslocamento entre o campo e a cidade e a poética e o pictórico. Acerca da memória, seleciona-se Halbwachs (2006), para discorrer sobre memória coletiva. Em síntese, a constituição deste capítulo é um interlúdio entre a literatura e a psicanálise para alcançar o último capítulo tendo partilhado os conceitos substanciais da dissertação. Acerca da espiralidade, ela rompe com

a perspectiva de tempo linear, o que a relaciona diretamente com o enredo da obra cotejada a seguir. 4) Por fim, o quarto capítulo trata do cotejamento do romance *Mata Doce* (Aparecida, 2023) focalizando a construção da protagonista. A personagem passa por um processo de reconhecimento circundado por traumas, chegando a alterar seu nome de Maria Teresa para Filinha Mata-Boi, o que demonstra a mudança de personalidade a qual, psicanaliticamente, correlacionamos à despersonalização proveniente de suas experiências. Quanto ao espaço, o enredo centraliza-se na casa em que a protagonista vivia com suas duas mães. Nesse sentido, o casarão será analisado como um ser antropomórfico que, somado com o roseiral – que o rodeia –, se conecta à Maria/Filinha mediante seus antepassados. A reflexão contempla o tabu do assassinato (Freud, 2012) com o adendo de mudança de personalidade e tomada de decisão (em virtude do paradoxo de assassinato ou suicídio que Fédida analisa no comportamento do depressivo). A relação com tempo, espaço e memória acontece por diversos fatores, porém o principal é a mudança do foco narrativo (de terceira para primeira pessoa). Com isso, o aprofundamento psicológico da prosa se dá pela internalização da protagonista, em que optamos por trabalhar a relação entre sua psique e o vazio. As conclusões parciais são que, no estágio atual de elaboração, a crítica literária psicanalítica, mesmo sendo um campo crescente no Brasil, ainda não tem recorrentes pesquisas vinculadas à literatura afro-brasileira. E, como as inúmeras adversidades que a/o negra(o) brasileira(o) lida em seu cotidiano, o mal-estar da mente acaba por ser secundarizado. Ainda assim, a permanência da ótica eurocêntrica é um dos fatores acerca do pacto da branquitude (Bento, 2022), situando-o como um catalisador do sofrimento psíquico. Por conseguinte, a literatura se apresenta como uma expressão artística que denuncia problemas históricos e contemporâneos, lidando com metáforas sem se desvincular de um caráter contextual, como em *Mata Doce*.

BIBLIOGRAFIA

APARECIDA, Luciany. *Mata Doce*. Alfaguara: Rio de Janeiro, 2023.

AUGÉ, Marc. *Não lugares*: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 2018.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência*. Lisboa: Edições 70, 1988.

DAVID, Emiliano de Camargo. *Saúde mental e relações raciais: desnorreamento, aquilombação e antimanicolonialidade*. São Paulo: Perspectiva, 2024.

DIMAS, Antônio. *Espaço e Romance*. São Paulo: Ática, 1987.

DUNKER, Christian. *Uma biografia da depressão*. São Paulo: Planeta, 2021.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

FÉDIDA, Pierre. *Depressão*. Tradução: Martha Gambini. São Paulo: Editora Escuta, 1999.

FREIRE, Jurandir et. al. *Relações raciais na escuta psicanalítica*. São Paulo: Zagodoni, 2021.

FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*. Tradução, introdução e notas: Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Tradução: Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2012.

GREEN, André. *The work of the negative*. Translated by Andrew Weller. London: Free Association Books, 1999.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

KLEIN, Melanie. *Inveja e gratidão e outros ensaios (1946-63)*. São Paulo: Ubu Editora. Imago, 2023.

KRISTEVA, Julia. *Sol negro: depressão e melancolia*. Tradução: Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LAMBOTTE, Marie-Claude. *O Discurso Melancólico*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva, 2021.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. *Escravidão e nostalgia no Brasil: o banzo*. Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental, v. 11, n. 4 suppl, p. 735-761, 2008.

PAIM, Augusto Maschke; PAIM FILHO, Ignácio A. *Racismo e psicanálise: A saída da grande noite*. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2023.

PESSANHA, Juliano Garcia. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz/Companhia das Letras, 2021.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Tradução: Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FRAGMENTOS DE UM PAI POSSÍVEL: REPRESENTAÇÕES DA PATERNIDADE NEGRA NA NARRATIVA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Lucélia Canassa (Doutorado)

Maria Carolina de Godoy (Orientadora)

7º semestre – Previsão de defesa: fev/2026

Miguel Heitor Braga Vieira (1ª arguição)

Ellen Mariany da Silva Dias (2ª arguição)

O início desse projeto partiu de questionamentos sobre as mudanças das configurações familiares e os avanços dos estudos de gênero e o reflexo desse contexto na literatura brasileira contemporânea. A ideia, então, era a de pensar como a paternidade é representada nos romances para além das figuras paternas consolidadas no imaginário literário e social, como o pai distante e o autoritário. Haveria, nesse sentido, outras categorias ou representações nas publicações mais recentes? Para pensar nessa questão, foi estabelecido o recorte temporal das décadas de 2010 e 2020, considerando ser um período particularmente relevante para explorar as expressões literárias que destacam os conflitos masculinos, as crises familiares e as tendências contemporâneas que ressignificam o que é ser homem. Da mesma forma, o gênero literário privilegiado foi o romance, justamente por se caracterizar a partir da construção de uma narrativa extensa que desenvolve personagens e conflitos de forma mais complexa e aprofundada, o que permite a exploração dos processos de transformação desses personagens. No cronograma de execução do projeto, nos dedicamos, em um primeiro momento, às leituras e releituras dos romances que estavam em nosso radar com o objetivo de identificar as diferentes representações de paternidade para compor o *corpus* da pesquisa. Foi a partir dessas leituras e pré-análise de algumas obras que decidimos nos centrar nas representações da paternidade negra. Os objetos literários definidos, portanto, são as obras de Jeferson Tenório: *Beijo na Parede* (2013), *Estela sem Deus* (2018) e *O Averso da Pele* (2020); os romances de Conceição Evaristo: *Ponciá Vicêncio* (2003); *Becos da Memória* (2006); *Canção para Ninar Menino Grande* (2018); e o último romance de Marcelino Freire, *Escalavra* (2024). Importante destacar que no conjunto de obras de Tenório, o maior foco de análise estará no livro premiado:

O avesso da pele. Consideramos importante, porém, o enfrentamento dos três romances, tanto para uma análise mais comprometida, como para a observação de continuidades e rupturas. De forma semelhante, em relação aos romances de Evaristo, nosso olhar se concentra principalmente em sua última publicação que, inclusive, se diferencia do conjunto de sua obra por ter um protagonista homem: *Canção para Ninar Menino Grande*. Entretanto, na releitura dos outros romances, recuperamos representações paternas que merecem espaço e destaque em nosso recorte e argumentação. Notamos, sobretudo, a importância da lente interseccional entre gênero, raça e classe social nas experiências de paternidade, considerando que o entrelaçamento entre esses elementos influencia a experiência dos homens enquanto pais. Como discutem Collins e Bilge ao pensar a interseccionalidade como ferramenta analítica: “lentes monofocais para abordar a desigualdade social deixou pouco espaço para os complexos problemas sociais que elas enfrentam” (2020, p. 19). Isso porque, ao pensar na paternidade negra, além das barreiras sociais e econômicas, há o enfrentamento do racismo institucional que afeta diretamente a maneira como os homens negros são vistos e tratados. Henrique Restier e Rolf Malungo Souza (2024), estudiosos das masculinidades negras, argumentam como os homens negros têm sido representados de forma estereotipada e desumanizadora. Em diferentes cenários, imagens que os retratam como ausentes, irresponsáveis ou violentos influenciam a percepção sobre suas capacidades de serem pais presentes e afetivos. Há, entretanto, um movimento crescente de resistência contra essas narrativas, em que homens negros ressignificam as masculinidades e as paternidades que os rodeiam e, na literatura, especialmente na contemporânea, há obras que trazem à tona essas discussões – o que dialoga diretamente com a escolha do nosso *corpus*. Em *O Averso da Pele*, por exemplo, Tenório traz a relação entre pai e filho e a explora de forma sensível, ressaltando os desafios que homens negros enfrentam ao tentarem ser figuras presentes e afetuosas em um mundo que insiste em marginalizá-los. Como expõe bell hooks, em *A gente é da hora* (2022), a afetividade é vista como uma forma de resistência para homens negros, uma vez que desafiar as expectativas de dureza e distanciamento emocional é uma maneira de subverter os papéis de gênero e raciais que foram construídos socialmente. Em *Canção para Ninar Menino Grande*, Fio Jasmin é um homem que se envolve amorosamente com várias mulheres, resultando em quinze filhos e, embora o protagonista demonstre uma descrença na importância da presença

paterna, sua construção revela como a socialização do homem negro envolve, historicamente, a ausência – em alguns casos física; em outros, emocional. *Escalavra*, por sua vez, oferece uma abordagem experimental e fragmentária da relação entre pai e filho por meio de uma linguagem dissonante. Entre a articulação do não-dito e os vestígios da violência estrutural que atravessa as relações familiares, a sua inclusão no *corpus* permite tanto o diálogo com outras obras contemporâneas, como o tensionamento dos limites formais da narrativa e os paradigmas associados à figura paterna. O trabalho encontra-se dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo, “Representações da Paternidade e os campos teóricos”, há a exposição de conceitos de determinados campos teóricos e a demonstração de suas utilizações em relação ao tema da paternidade e nas análises literárias – a saber: os estudos feministas, de gênero e as masculinidades; o campo teórico da interseccionalidade; e os estudos raciais e a decolonialidade. Inicialmente, as contribuições dos estudos feministas, de gênero e das masculinidades destacam como esses campos possibilitam compreender a paternidade como uma construção social e histórica, vinculada às normas de gênero e às transformações das identidades masculinas. Em seguida, considerando a perspectiva da interseccionalidade, a ênfase está na necessidade de analisar a experiência paterna a partir da articulação entre diferentes marcadores sociais, como raça, classe, gênero, conforme já exposto. Por fim, são examinadas as contribuições dos estudos raciais e da decolonialidade, que possibilitam questionar modelos universalizantes de família, masculinidade e paternidade, evidenciando a influência das relações raciais e das heranças coloniais na constituição das experiências paternas. O segundo capítulo, “Questionando a história da família brasileira”, discute as principais interpretações sobre a formação da família brasileira, problematizando modelos tradicionais que privilegiaram a família patriarcal como estrutura dominante. A partir de contribuições da História, da Sociologia e da Antropologia, o objetivo é o de refletir sobre a diversidade das configurações familiares ao longo do tempo. No terceiro capítulo, “Categorias de representação paterna no imaginário literário social”, são apresentadas e discutidas diferentes formas de representação da figura paterna construídas no imaginário social e reproduzidas pela literatura, como os modelos de pai patriarcal, pai provedor, pai ausente, pai autoritário, pai afetivo e outras configurações emergentes. Em “A paternidade na Literatura Brasileira”, o objetivo é a investigação da representação da paternidade em

diferentes momentos da Literatura Brasileira, observando como as relações entre pais e filhos são construídas em diálogo com os contextos sociais e culturais de cada época. No quinto capítulo, “A paternidade na Literatura Brasileira contemporânea”, a investigação focaliza as representações da paternidade na produção literária contemporânea, mais especificamente na paternidade negra, considerando o nosso recorte temporal e os romances já citados. É na discussão dos romances que configuram o *corpus* desse trabalho que buscamos entender o romanesco dentro da Literatura Afro-brasileira e, enfim, qual é a paternidade encontrada e abordada – considerando uma de nossas perguntas iniciais que questionava a existências de outras categorias e representações paternas nas publicações mais recentes. A análise dos romances evidencia que a paternidade representada não pode ser reduzida a categorias rígidas ou modelos únicos. Ao contrário, as obras revelam diferentes formas de vivenciar e significar a experiência paterna e, como dado relevante, observamos que a paternidade negra contemporânea é construída em constante diálogo com as marcas do passado e as demandas do presente. As experiências paternas representadas nos romances são atravessadas pelos efeitos históricos do racismo, da exclusão social e das rupturas familiares produzidas pela colonialidade, mas, ainda assim, não deixam de apontar para formas de resistência, cuidado e reconfiguração dos laços afetivos e familiares.

BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOECHAT, Walter (org.). *O masculino em questão*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade* [recurso eletrônico]. Tradução Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(1): 241-282, jan.-abr. 2013.

CÔRREA, Mariza. *Repensando a família patriarcal brasileira: notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil*. Cad. Pesq., São Paulo, n.37, p. 5-16, 1981.

CRENSHAW, Kimberle W. *A interseccionalidade da discriminação racial e de gênero*. Cruzamento de fronteiras disciplinares e políticas. Tradução de Tais Fernanda Blauth. Cruz Alta: Ilustração, 2021.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. Volume 2. São Paulo: Globo, 2008.

FREIRE, Marcelino. *Escalavra*. Rio de Janeiro: Amarcord, 2024.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global Editora, 2006.

HOOKS, bell. *A Gente é da hora: homens negros e masculinidade*. São Paulo: Editora Elefante, 2022

RESTIER, Henrique; Souza, Rolf Malungo (orgs.). *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades*. São Paulo: Hocitec, 2024.

TENÓRIO, Jeferson. *O beijo na parede*. Porto Alegre: Sulina, 2020.

TENÓRIO, Jeferson. *Estela sem Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento, 2017. (Coleção Feminismos Plurais)

SAMARA, Eni de Mesquita. O que mudou na família brasileira? (Da Colônia à atualidade). *Psicologia USP*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 27-48, 2002.

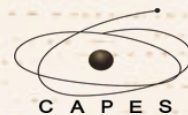
SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM ANDAMENTO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UEL



PPGL
Programa de
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA



CAPES

